

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano XV

ABRIL-JUNHO DE 1953

N.º 2

OBSERVAÇÕES GEOGRÁFICAS SÔBRE O TERRITÓRIO DO GUAPORÉ*

ANTÔNIO TEIXEIRA GUERRA
Geógrafo do C N G

INTRODUÇÃO

O presente estudo sôbre a paisagem física e cultural do território federal do Guaporé se limita a apresentar, de modo breve, os principais traços fisiomômicos da área que constitui atualmente êste território, criado por efeito do decreto-lei n.º 5 812, de 13 de setembro de 1943.

Situado no noroeste do estado de Mato Grosso e ao sul do estado do Amazonas, com uma superfície de 254 163 km², foi constituído por áreas desmembradas dêsses mesmos estados. O território do Guaporé conta apenas com dois municípios: Pôrto Velho, cuja sede é a capital, e Guajará-Mirim. Êste foi constituído pela sua antiga área e com terras dos municípios matogrossenses de Alto Madeira e Mato Grosso; e aquêle com terras de sua antiga superfície e parte da área do município de Humaitá, — ambos do estado do Amazonas. (Fig 1).

Em superfície é o mais extenso dos territórios, representando 7,11% da Grande Região Norte e 2,98% da área do Brasil; apenas 8 estados da Federação têm área superior¹.

Os dados referentes à posição astronômica têm grande importância na explicação de certos elementos da paisagem física, como: clima, vegetação, tipo de alteração de rochas, regime hidrográfico, etc. O território do Guaporé tem tôda sua área dentro da Região Amazônica, sendo coberto, na quase totalidade, por densa floresta. No alto do chapadão dos Parecis aparecem grandes extensões de campos cerrados e mesmo cerradões. O clima dominante é do tipo equatorial. Não só êsses elementos, decorrentes da posição, servem para enquadrar esta área do território brasileiro, dentro da grande Região Amazônica,

* Agradecemos as gentilezas do senhor governador JESUS BURLAMAQUI HOSANNAH, e ao deputado ALOÍSIO FERREIRA, que nos forneceu algumas notas, as quais inserimos no corpo desta monografia, com sua devida autorização. Também desejamos agradecer as preciosas informações prestadas pelo Dr. CARLOS MENDONÇA e Sr. JOÃO DE MELO E SILVA que muito nos auxiliaram por ocasião de nossa viagem pelo território. Não poderíamos, naturalmente, deixar de agradecer a todos os habitantes do território que se prestaram a fornecer respostas aos nossos inquéritos no campo.

¹ A superfície do território é inferior, apenas, à dos estados do: Amazonas (1 595 818 km²), Mato Grosso (1 262 572 km²), Pará (1 188 769 km²), Goiás (622 463 km²), Minas Gerais (581 975 km²), Bahia (563 281 km²), Maranhão (332 239 km²) e Rio Grande do Sul (267 455 km²).

A ocupação da área, que constitui o território do Guaporé, é feita com morosidade devido à cobertura vegetal, que é muito extensa. O estabelecimento de uma população de baixo nível de vida, usando técnicas rudimentares, como a da extração de produtos silvestres ou das simples caçadas dos animais é, portanto, normal nesta região.

A atividade econômica dominante é a da extração de produtos fornecidos pela natureza, como a do "latex" e subsidiariamente, a coleta de onças da castanha-do-pará, de frutos silvestres, óleos vegetais, caçada de animais selvagens, pesca, extração de minério, etc.

O território se encontra ligado diretamente ao Rio de Janeiro por via aérea, e por via flúvio-marítima, não existindo, ainda, ligações terrestres com a Capital Federal. No lado oeste do Guaporé temos a estrada ferroviária uniaxial Madeira-Mamoré, que partindo de Pôrto Velho, percorre cerca de 366 quilômetros, e alcança, no outro extremo, a cidade de Guajará-Mirim. Assim, o trecho das cachoeiras fica contornado por esta ferrovia, e os dois centros urbanos ligados de maneira fácil. Quanto à rede rodoviária, é precária e pouco extensa. No município de Pôrto Velho, acha-se em construção a rodovia que, partindo da capital, seguirá em direção a Cuiabá, ligando, assim, duas capitais, a do território do Guaporé à do estado de Mato Grosso. Atualmente estão construídos cerca de 180 quilômetros.

A navegação fluvial no rio Madeira é feita com relativa facilidade em todas as épocas do ano até a cidade de Pôrto Velho. No trecho, porém, entre Santo Antônio do Madeira e Guajará-Mirim, ela é impossível, por causa das cachoeiras, e daí para montante no rio Mamoré e Guaporé, novamente se torna realizável.

Procuramos sintetizar toda a paisagem cultural da região e suas transformações, considerando os seguintes capítulos:

- 1 — Povoamento e distribuição da população.
- 2 — Principais núcleos de população e suas funções
- 3 — Aspectos gerais da colonização. Colônias agrícolas: Candeias e Presidente Dutra (Iata).
- 4 — Aspectos gerais da economia e os meios de vida. Problemas do comércio de importação e o consumo de produtos alimentares
- 5 — Os meios de transporte. A ferrovia Madeira-Mamoré

Através desses diversos capítulos procuramos, também, fazer sentir os benefícios que advieram com a criação do atual território e os males que ainda persistem. OSÓRIO NUNES, em recente artigo, intitulado "O fracasso dos territórios", teve oportunidade de escrever o seguinte: "Esperava-se, naquele ano de 1943, que os territórios viam trazer novo alento às populações e maior possibilidade de administração das grandes áreas — problema do Brasil, contribuindo, decisivamente, para vivificar as fronteiras mortas da República. Em parte, o resultado foi obtido. Mas os frutos colhidos não correspondem ao semente, não pagam o financiamento e, no ritmo em que floresce a árvore ter-

ritorial, nem em cinqüenta anos será possível aguardar que suas administrações cheguem, de fato, às fronteiras”²

Para bem compreendermos esta afirmativa de OSÓRIO NUNES, torna-se imprescindível uma análise sistemática da paisagem cultural de tôdas as áreas da Amazônia, tomadas território. Neste trabalho, ficamos restritos, todavia, apenas, à área do território do Guaporé.

Acreditamos que através dêsse nosso estudo conseguimos dar uma síntese geral da paisagem física e cultural da região. Porém, não podemos deixar de insistir que o presente trabalho representa uma tentativa de explicação dos principais problemas físicos, humanos e econômicos que caracterizam a paisagem dessa região. Assim, lançamos certo número de idéias que, em pesquisas posteriores, possivelmente poderemos elucidar.

ASPECTOS FÍSICOS DA REGIÃO

1 — Morfologia e solos

A área compreendida pelo território federal do Guaporé, apresenta, do ponto de vista físico, certos contrastes de configuração, que podem ser agrupados, como fez o Prof. FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES, do seguinte modo:

- a) planície amazônica;
- b) encosta setentrional do planalto brasileiro;
- c) chapada dos Parecis, e
- d) vale do Guaporé³

O estudo de cada uma dessas regiões será feito, apenas, de modo muito generalizado, devido às difíceis condições atuais de penetração e à cobertura vegetal.

De modo geral, cerca de 96% da área do Guaporé se encontram acima da cota de 100 metros. Observando-se a curva hipsométrica do relevo, vê-se que 94% das terras dêsse território, estão acima de 100 e abaixo de 600 metros, e apenas 2% entre 600 e 900 metros (Figs. 2 e 3).

As altitudes máximas são encontradas na parte sul da chapada dos Parecis, e em Vilhena, um dos pontos mais altos do território, onde temos a cota de 663 metros, assinalada no local do posto meteorológico ali existente.

A chapada dos Parecis é formada por vasto depósito sedimentar residual, apresentando escarpamentos, apenas em suas bordas. A chamada serra ou chapada dos Pacaás Novos, representa um prolongamento na direção do noroeste da chapada dos Parecis.

² OSÓRIO NUNES “O fracasso dos territórios” — *Diário de Notícias* — Rio de Janeiro 21-9-1952.

³ Professor FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES — “Território do Guaporé” in: *Boletim Geográfico*, ano II — N.º 18 — Setembro de 1944. Em virtude da falta de elementos, adotamos provisoriamente esta divisão, salientando, todavia, a precariedade da mesma e a grande generalização com que somos obrigados a nos contentar. Quanto à denominação *vale do Guaporé* seria mais correto dizer: Guaporé-Mamoré, no trecho desde a confluência do primeiro com este último, até a região de Guajará-Mirim, uma vez que não há ponto de vista físico que os separe, ou melhor, que os distinga.

As diferenciações morfológicas, assinaladas mais acima, correspondem, possivelmente, em grande parte, a certas unidades geológicas, como sejam:

- a) terrenos do complexo cristalino brasileiro, arqueano e algonquiano;
- b) terrenos do cretáceo;
- c) terrenos pliocênicos, e
- d) terrenos holocênicos.

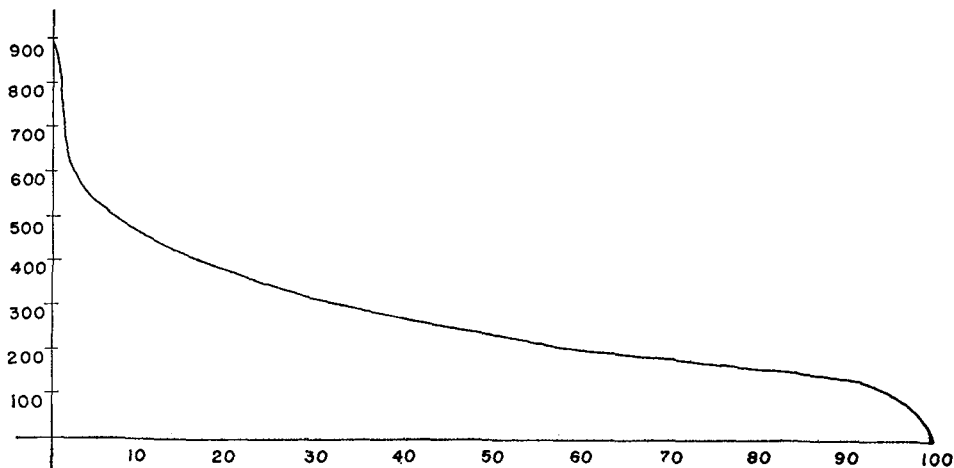


Fig. n° 2 — Curva hipsométrica do relevo do território do Guaporé

Assim, tentaremos correlacionar as diferentes formas de relevo com as regiões morfológicas apresentadas.

A região da planície amazônica se estende no norte do território, onde dominam as terras de formas planas, constituídas por sedimentos areno-argilosos em sua parte mais superficial, e de natureza mais argilosa a certa profundidade, em virtude da eluviação. Esses terrenos sedimentares, de idade pliocênica, formam a totalidade da região, que denominamos de “planície amazônica”. Estas áreas de terra firme se prolongam um pouco mais para o sul, da parte que está representada no atual mapa geológico, de AVELINO INÁCIO DE OLIVEIRA. A cidade de Pôrto Velho, que pelos mapas geológicos se encontra sobre terrenos do embasamento, está, na realidade, estabelecida em terrenos recentes do fim do terciário. Os primeiros afloramentos de granito começam a aparecer no quilômetro 3 da ferrovia Madeira Mamoré, já próximo à cachoeira de Santo Antônio, no alto Madeira, primeiro degrau deste rio (Fig. 4).

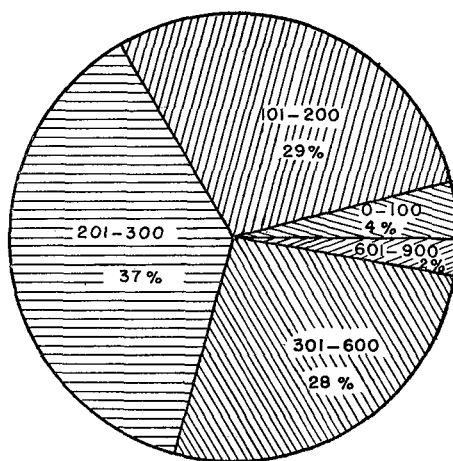


Fig. n° 3 — Diagrama das diferentes áreas do território segundo sua altitude

A sudeste de Pôto Velho, num percurso de 48 quilômetros, encontram-se terrenos pouco acidentados. Nesse trecho, somente na altura do quilômetro 49, no rio Novo, é que observamos a existência dos primeiros afloramentos de granito. Aliás, neste trecho, próximo ao povoado que existe na cachoeira do Samuel, observamos uma transformação na topografia, a qual se torna sensivelmente ondulada (Fig 5). Esta modificação na paisagem física corresponde ao afloramento de rochas do embasamento cristalino. O solo, nessa região, se torna sensivelmente avermelhado. No tipo de vegetação não se nota modificação, pois, a floresta é pujante como a da área da planície.

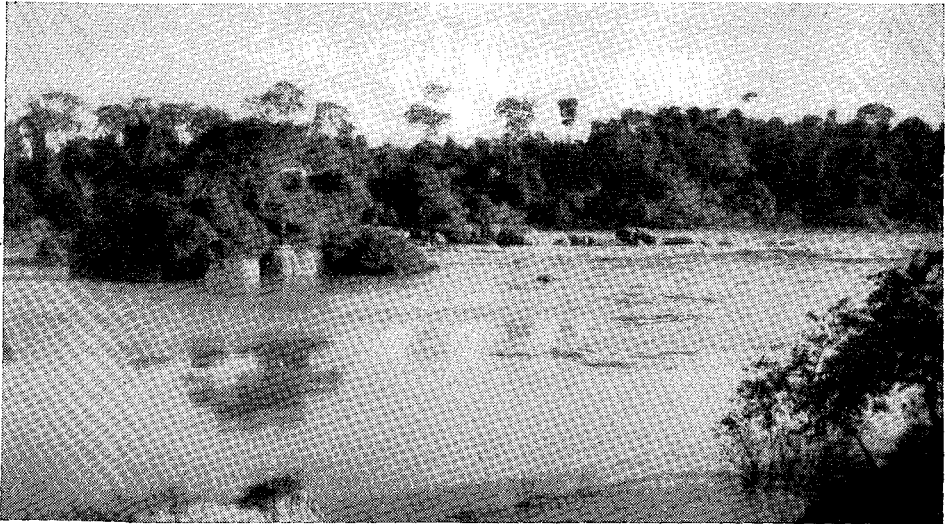


Fig n° 4 — *Aspecto parcial da cachoeira de Santo Antônio, na estação do Alto Madeira. No leito do rio aparecem afloramentos de rochas do embasamento*

(Foto do autor)

No caminho que desce para o trecho onde se atravessa o rio Jamaí para alcançar a povoação, há o aparecimento de uma “piçarra”⁴ ferruginosa, relativamente miúda.

Na zona sedimentar da rodovia Pôto Velho-Cuiabá (em construção), nos quilômetros 33 e 9, estudamos alguns perfis do solo, os quais foram fáceis de ser examinados, por causa das escavações feitas para a exploração da “piçarra” para a cobertura do leito desta rodovia. Mesmo na cidade de Pôto Velho grande parte do bairro Caiari, possui afloramentos de laterito, cuja espessura no corte feito no declive ora trabalhado, junto ao palácio do governador, talvez seja superior a 3 ou 4 metros.

A canga de Pôto Velho constitui uma hematita muito rica em óxido de ferro, tendo uma coloração vermelha e natureza compacta. A formação desse material laterítico demonstra ter havido grande epigenização de sais, dando aparecimento a um material compacto, cuja textura, acentuadamente pisolítica, parece ter-se formado a partir de pequenos núcleos.

⁴ “Piçarra” — denominação dada às concreções de laterito.

A análise química ⁵ do material coletado, próximo ao palácio do govêrno, forneceu os seguintes dados:

Perda ao fogo (principalmente umidade) . . .	13,00%
Resíduo insolúvel	20,68%
Fe ² O ³	58,00%
Al ² O ³	8,32%
TiO ²	Traços
MnO ²	Ausente
P ² O ⁵	Traços
CaO	Vestígios
MgO	Tiaços

Após a transcrição dos resultados fornecidos pelo exame de laboratório, não resta dúvida que podemos falar na existência de um minério de ferro cujo teor, é de 40,6% (ferro metálico). A alteração laterítica do material sedimentar foi profunda em certas áreas da cidade de Pôrto Velho, especialmente no bairro Caiari. Quando a laterização chega a um estágio muito avançado, como se verifica em Pôrto Velho, não se encontra a formação de piçarra miúda, mas, sim, blocos e afloramentos de canga maciça e com poucos alvéolos. A canga de Pôrto Velho é diferente da que observamos na histórica fortaleza de Macapá, no território do Amapá, que é essencialmente cavernosa. Já os afloramentos das "cascalheiras" ⁶, estudados nos quilômetros 33 e 9 apresentam, por vêzes, a formação de um material laterítico muito evoluído, mas que não pode ser considerado como do estágio final, no sentido que desejamos considerar, aqui, isto é, afloramento de canga, sem mistura com produtos ainda em vias de laterização.

Na cascalheira do quilômetro 9, no perfil que fizemos de 2,20 metros de altura, verificamos o aparecimento de nódulos e blocos de laterito, ao longo de todo o perfil, e nos interstícios observamos detritos, não coerentes, de natureza argilosa ou arenosa, de coloração avermelhada e, também, em vias de laterização (Figs 6, 7 e 8). Este depósito de laterito se encontra sob a floresta densa. Observando-se a disposição dos nódulos, vê-se que os mesmos se apresentam, em geral, orientados perpendicularmente, uns ao lado dos outros (Observar os nódulos que estão acima do martelo na figura 8). Isto, quando verificado *in loco*, dá, nitidamente, a impressão da circulação dos sais por ocasião da estação chuvosa. A camada de solo arável praticamente não existe, tal a sua exigüidade. As raízes das árvores se dispõem horizontalmente, existindo grandes "sapopembas", a fim de poder suportar o seu peso. Elas são facilmente derrubadas por ventanias um pouco mais violentas.

As concreções de laterito encontram-se em evolução e o resultado final será o aparecimento de um laterito homogêneo e contínuo, graças à epigenização de elementos lateríticos após cada ano. O trabalho do homem, ao

⁵ As análises de lateritos por nós colhidos no Guaporé, foram executadas no Instituto de Tecnologia, graças à especial deferência do Dr. SÍLVIO FRÓIS ABREU, a quem muito agradecemos.

⁶ "Cascalheira" — denominação usada no Guaporé para os afloramentos de canga explorados para o recobrimento do leito das rodovias. No território do Amapá denominam a "canga" desse tipo de "piçarra".

denubar a floresta e executar as queimadas para o estabelecimento de áreas agrícolas, provocará o aceleração do processo da laterização, o qual a própria natureza vinha realizando normalmente.

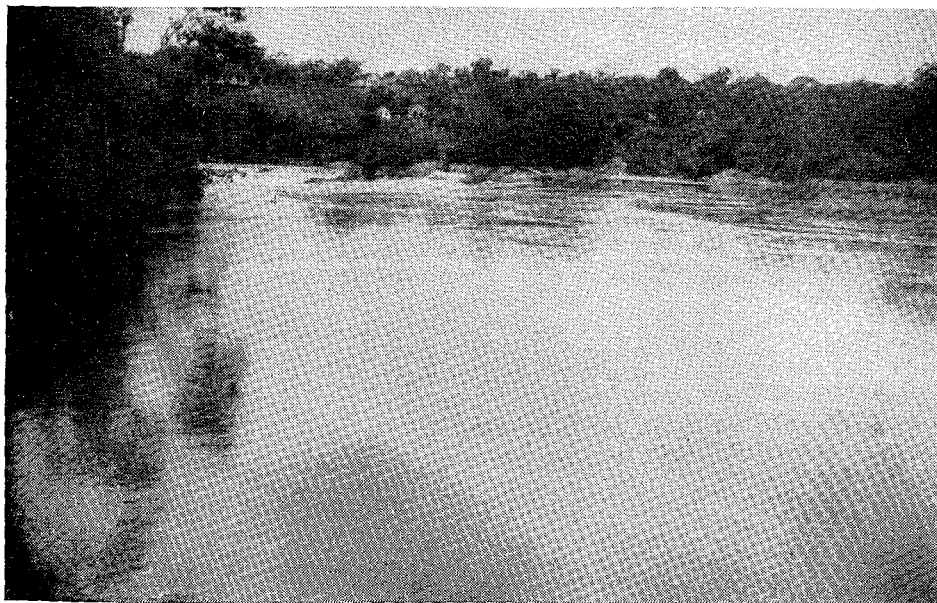


Fig. n.º 5 — Aspecto do rio Jamari, e ao fundo o povoado, na altura da cachoeira do Samuel. Esta conedeta é produzida pelo afloramento de rochas eruptivas, como o granito. Vêem-se no último plano dois níveis principais de terraços.

(Foto do autor)

Na “cascalheira” do quilômetro 33, o material lateítico pode ser especificado do seguinte modo: piçarra, blocos grandes e poucos nódulos, enquanto na cascalheira do quilômetro 9, ao contrário, há o predomínio dos nódulos ou concreções. A piçarra miúda enche, de modo geral, os espaços deixados entre os blocos de tamanho muito variado e também de formas diversas. Num perfil de 2,00 metros de altura, cavado sob a floresta densa, encontramos uma espessura de terra aiável, variando entre 0,10 e 0,20 metros e logo abaixo, os blocos de laterito e a piçarra. Esse material é explorado, como já dissemos, para a cobertura do leito das estradas.

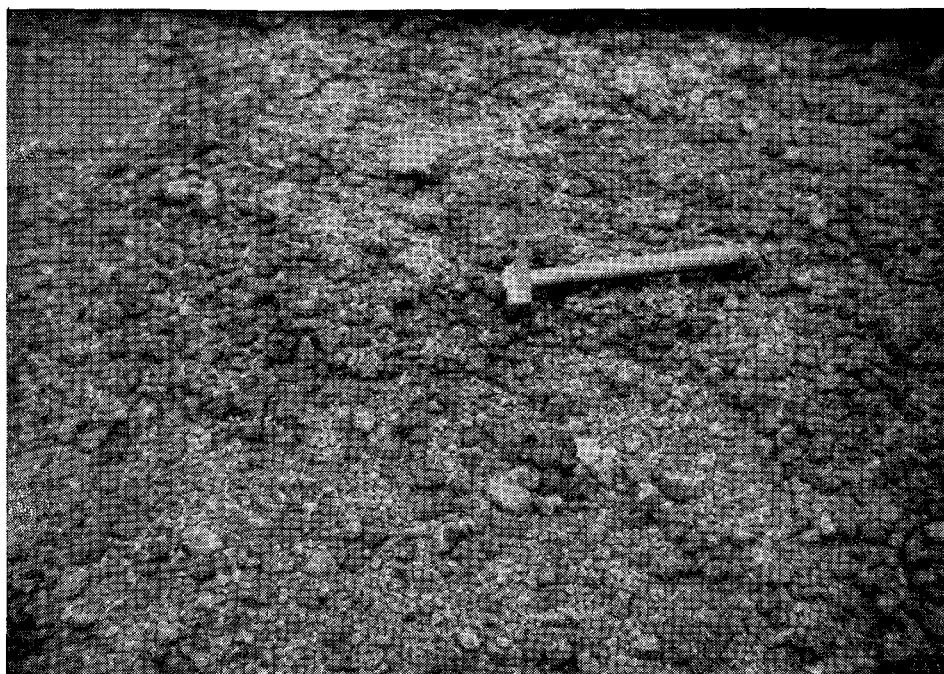
O material das “cascalheiras” dos quilômetros 9 e 33, foi submetido a análises de laboratório, tendo dado o seguinte resultado:

	<i>Amostra do quilômetro 9</i>	<i>Amostra do quilômetro 33</i>
Perdas ao fogo	10,62%	10,91%
Umidade	2,37%	2,21%
Resíduo insolúvel	19,91%	25,87%
Fe ² O ³	58,16%	50,99%
Al ² O ³	8,54%	10,11%
P ² O ⁵	Traços	Traços
TiO ²	Traços	Traços
MnO ²	Ausente	Ausente
CaO	Vestígios	Vestígios
MgO	Traços	Traços



Figs 6 e 7 — Afloramentos de blocos, concreções de nódulos lateríticos de tamanhos diversos, na futura rodovia Pôrto Velho-Cuiabá

(Fotos do autor)



Vamos nos restringir aqui a algumas considerações sobre o problema da gênese dos lateritos em áreas de floresta densa, como é o caso que encontramos no território federal do Guaporé⁷.

A experiência nos provou que a laterização das rochas ou dos solos se realiza tanto nas áreas de campo, como nas de floresta, necessitando, para tanto, que as condições climáticas e topográficas sejam favoráveis⁸. Mais importante que a natureza do material submetido à laterização, é o tipo de clima e a configuração do solo, ou melhor, a topografia da região. Assim, no território federal do Amapá, na zona costeira, havíamos salientado a existência dos lateritos, tanto nas áreas dos campos, como ao norte da cidade de Macapá, mas ainda em áreas de floresta, como em Oiapoque ou em Teresinha, na seira do Navio.

No território federal do Guaporé a canga ou laterito também aparece tanto nas áreas de campo cerrado, como observamos no chapadão dos Parecis⁹, mas, também, sob densa floresta do tipo hileiano. O caboclo, que derrubou a floresta que se encontra sobre a canga, não é o causador do aparecimento da formação desses produtos lateríticos, mas, sim, o agente acelerador da evolução do processo da laterização.

No continente africano também havíamos estudado este problema e verificamos que o "bowal" (crosta de laterito), tanto aparecia nas zonas de savana (campos cerrados), como sob a densa floresta. A este propósito tivemos oportunidade de publicar os resultados dessas pesquisas num artigo do *Boletim Geográfico*¹⁰.

No território do Guaporé a laterização não nos pareceu tão intensa, como nas florestas da Guiné Portuguesa ou mesmo da Gâmbia Inglesa. Todavia, alguns cortes estudados revelaram que o processo de alteração das rochas e dos solos, denominado de laterização, isto é, fuga da sílica e concentração de hidróxidos de ferro e de alumínio, sob a forma de cascalho ou nódulos, blocos ou crostas contínuas, está caminhando de modo a tornar esta área, hoje coberta de florestas, em futuros campos cerrados, por causa das derrubadas. A "lepra pedológica", ou laterização, ocasiona a morte do solo e o aparecimento de uma néo-rocha. É uma vez que a crosta de laterito é posta a aflorar, torna-se praticamente impossível a recuperação da referida área para a atividade agropastoril. Alguns exemplos de zonas, problemas para a ocupação do solo de modo estável, são fornecidos pelas savanas africanas, por certas áreas de cha-

⁷ Neste trabalho não vamos entrar em maiores pormenores, uma vez que já tivemos oportunidade de discutir os resultados das análises químicas, bem como o processo genético da laterização em áreas de florestas, na tese intitulada "Formação de lateritos sob a floresta equatorial amazônica" (Território Federal do Guaporé — Brasil), apresentada ao XVII Congresso Internacional de Geografia, realizado em Washington — 1952. Este trabalho foi publicado na *Revista Brasileira de Geografia* A XIV, n.º 4.

⁸ Além do trabalho acima citado, para maiores minúcias, vide a tese: "Laterização das rochas e solos do território federal do Amapá", apresentada ao XVII Congresso Internacional de Geografia.

⁹ Nossas conclusões a respeito dos lateritos existentes no chapadão dos Parecis, resultam das viagens aéreas feitas para estudar a região, e o controle de campo nos foi dado pelas informações bibliográficas.

¹⁰ ANTÔNIO TEIXEIRA GUERRA "Notas geográficas de uma viagem pelo oeste africano" *Boletim Geográfico*, ano VIII, n.º 95 — Fevereiro de 1951, pp. 1323/1345.

padão do planalto central do Brasil, pelos campos onde a “piçaria” aflora ao norte da cidade de Macapá, etc.

Antes de passarmos ao estudo da outra região guaporense, que temos, aqui, apresentar ainda um pome-nor de ordem geomorfológica para ser pesquisado no futuro. Trata-se do possível afundamento epigênico de certos trechos de rios. No igarapé dos Tanques, na altura do pôsto agro-pecuário do mesmo nome, observamos a existência de uma queda d'água produzida pelo afloramento de um laterito maciço (Fig. 9). Aliás, descendo-se o referido igarapé, observa-se a existência de margens abruptas, constituídas de lateritos. Correlacionando êste fato geomorfológico com outros existentes na região, pensamos que se trate, possivelmente, de um afundamento recente da rede hi-



Fig n° 8 — Afloramento de concreções e blocos de laterito que aparecem sob a floresta densa, na altura do quilômetro 9 da rodovia Pôrto Velho-Cuiabá. As concreções lateríticas estão envolvidas em um material argiloso, de coloração avermelhada e alaranjada, também em vias de laterização

(Foto do autor)

gráfica. O exame químico do material recolhido no barranco do igarapé dos Tanques, um pouco a jusante da cachoeira, revelou os seguintes resultados:

Perda ao fogo (principalmente umidade) . . .	14,00%
Resíduo insolúvel	29,98%
Fe^2O^3	41,70%
Al^2O^3	13,90%
TiO^2	Traços
P^2O^5	Traços
MnO^2	Ausente
CaO	Vestígios
MgO	Traços

	99,58%

A “região da encosta setentrional do planalto brasileiro” aparece na parte noroeste e norte do território, ficando, porém, neste último caso, ao sul da região, que consideramos morfológicamente, como de “terras firmes”, isto é, da planície amazônica.

O complexo cristalino brasileiro, constituído de rochas antigas — arqueanas — aflora em grandes trechos desde Santo Antônio do Madeira¹¹, até um pouco ao sul de Guajará-Mirim, e também em várias porções drenadas pelos rios Jaciparaná, Candeias, Jamari e Jiparaná. Ao longo da ferrovia Madeira-Mamoré atravessamos áreas onde o relevo é plano e chato durante vários quilômetros, dando a impressão de se estar atravessando, possivelmente, terrenos de idade mais recente. Em certos trechos o relevo se torna mais movimentado, aparecendo rochas do embasamento. Algumas observações aéreas da zona percorrida, nos levam a considerar duas hipóteses para as áreas de relevo tabular em terrenos do embasamento. A primeira hipótese é a da possível existência de uma peneplanização post-arqueana e pré-terciária, dando aparecimento a formas de relevo muito rebaixadas e em certos trechos quase tabulares (Figs. 10 e 11). A este propósito pode-se observar a própria regularidade do relevo e próximo a Vila Murtinho alguns *boulders*, como a chamada “pedra gorda” perto do quilômetro 321 da ferrovia Madeira-Mamoré, ou matacões menores, que aparecem esparsos em outras áreas dessa região (Fig. 12). A ação gliptogenética dos agentes exógenos não foi, todavia, suficiente para realizar uma erosão niveladora perfeita, deixando algumas elevações, que foram capeadas por sedimentos do cretáceo e também do próprio algonquiano. Outra hipótese, a ser tomada em consideração, é que ao lado da peneplanização feita pela erosão, tenha havido uma transgressão, ou mesmo colmatagem em certas áreas, como em Abunã, dando, assim, aparecimento a uma topografia regular. Aliás, esta hipótese tem uma razão plausível, pois, nas áreas tabulares, muito raramente vimos o afloramento de rochas do embasamento, enquanto nas zonas de topografia mais ondulada, imediatamente aparecem afloramentos de rochas do tipo do granito ou mesmo do gnaisse. A este propósito o pedólogo MARBUT teve oportunidade de salientar que desconfia da idade do material, que constitui grande parte da área atravessada pela Madeira-Mamoré. O mesmo nos ocorreu nesse sentido, pois o modelado dos terrenos do embasamento sempre dá, de modo geral, aparecimento a algumas ondulações, e nunca a uma superfície tão regular, como a encontrada em longos trechos da ferrovia. MARBUT acha mesmo que estes terrenos sejam áreas de terra-firme, dizendo: “Pelo menos em algumas partes dessa faixa, a terra firme tem exatamente o mesmo aspecto topográfico, aparentando uma elevação correspondente, e os cortes da estrada mostram os mesmos materiais, que são encontrados nas terras firmes bem abaixo da faixa das cachoeiras”¹².

Como se vê, a configuração do solo não nos permite aceitar toda a zona representada pelos geólogos ao longo do Madeira e Mamoré, a montante de

¹¹ AVELINO INÁCIO DE OLIVEIRA faz, todavia, referência à existência dos primeiros afloramentos de rochas ígneas, sobre as quais os sedimentos terciários se sobrepõem diretamente abaixo de Porto Velho. In: *Relatório da Comissão Brasileira junto à Missão Oficial Norte-Americana de Estudos do Vale do Amazonas*, p. 345.

¹² MARBUT “Fisiografia e solo” in: *Relatório da Comissão Brasileira junto à Missão Oficial Norte-Americana de Estudos do Vale do Amazonas* (p. 378).



Fig n° 9 — Cachoeira do igarapé Tanques, devida ao afloramento de um laterito maciço
(Foto do autor)

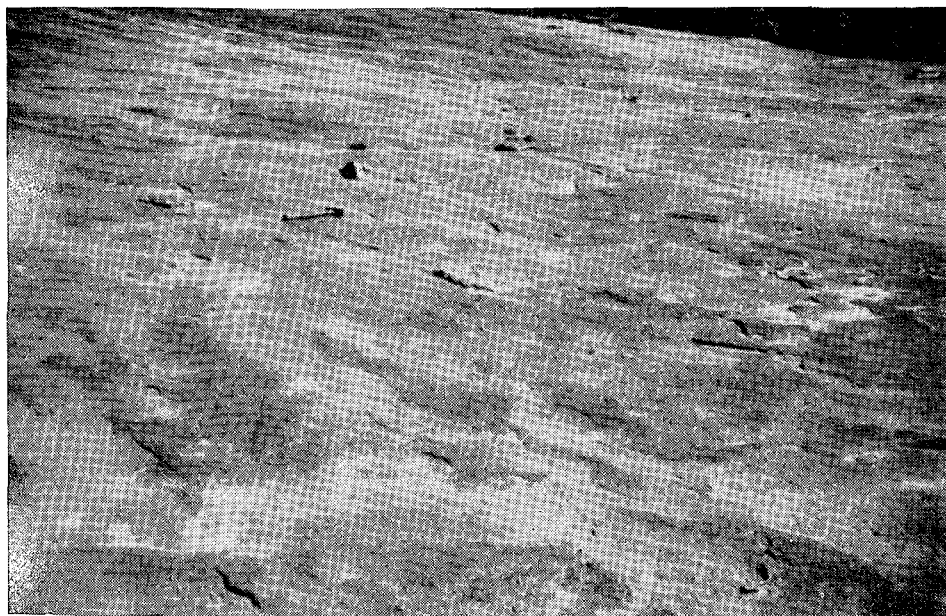


Fig n° 10 — Ao se percorrer a região da ferrovia Madeira-Mamoré, nota-se que a topografia plana é muito freqüente e parece corresponder a uma zona aluvial, embora no mapa geológico tudo esteja representado como rochas do embasamento. Aliás, isto é tanto mais sedutor como hipótese de trabalho, uma vez que a cada passo que se nota uma pequena diferenciação no relevo, verifica-se logo o aparecimento de rochas do embasamento. O que impressiona, também, o observador é a existência de certos afloramentos de rochas eruptivas, como o granito ou outras, cuja superfície é muito regular, como nos mostra a foto acima tirada em Ribeirão, nas margens do riacho do mesmo nome

(Foto do autor)

Pôrto Velho até Guajará-Mirim (trecho atravessado pela ferrovia), como constituída totalmente de terrenos do embasamento

Quem percorre a região sente, ainda, o problema de que as saliências, ou melhor, as zonas de relevo movimentado, atravessadas pela Madeira-Mamoré, correspondem sempre, como já dissemos, ao aparecimento de rochas do embasamento. Já nas áreas planas, o próprio solo é muito semelhante, em seu aspecto exterior, ao que vemos nas áreas de terra-firme. Como já assinalamos na introdução deste trabalho, não temos, aqui, a pretensão de podemos resolver todos os problemas, porém, os que forem surgindo, vamos apresentando, sob a forma de hipóteses de trabalhos, a serem completadas em pesquisas futuras.

Poucos quilômetros a sudoeste de Pôrto Velho, em Santo Antônio do Madeira, a topografia é suavemente ondulada e a devastação feita permite um horizonte maior para observações. O solo argiloso, de cor alaranjada, é resultante da decomposição do granito íóseo, de textura grosseira, como o que aparece na pequena queda d'água de Santo Antônio. Os *boulders* são de pequeno porte, sendo raios os que atingem 1,00 metro de diâmetro. Cerca de 3 quilômetros mais a sudoeste, a topografia, ao longo da Madeira-Mamoré, se torna mais movimentada.

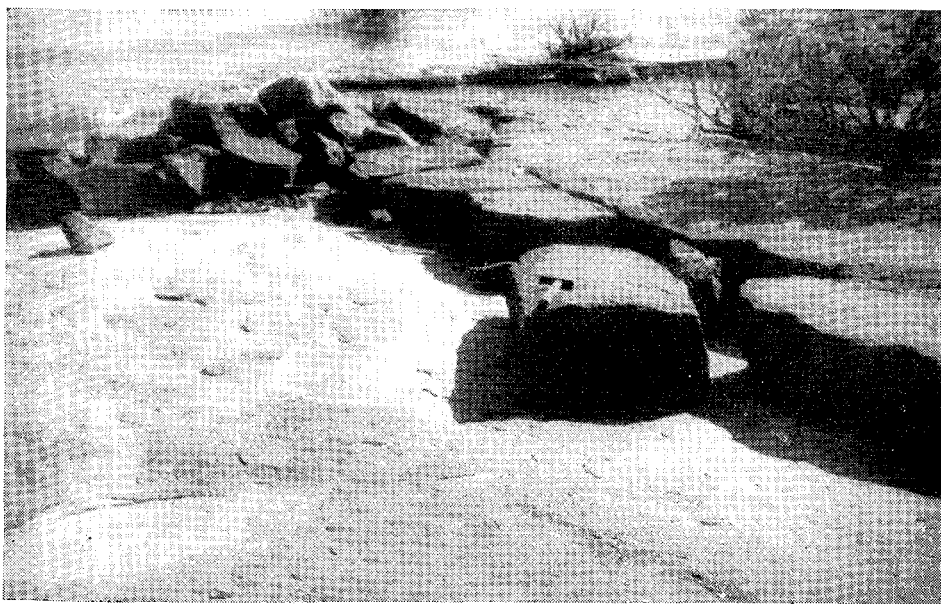


Fig. n.º 11 -- Em Ribeirão, pequena parada da ferrovia Madeira-Mamoré, onde se encontra atualmente um posto de atração de índios, estudamos um afloramento de rocha eruptiva, que nos pareceu se tratar de um diorito. Verifica-se que há uma desagregação e descamação da rocha em placas, cujas espessuras variam desde alguns milímetros até cerca de 0,20 m e mais.
(Foto do autor)

Na altura do quilômetro 13, observamos o aparecimento de "canga", sob a forma de nódulos. Aliás, também encontramos outros pequenos afloramentos nos quilômetros 27, 30, 70, 135, 140 e 141. No quilômetro 30, a canga aparece sob a forma de pequenos blocos e de "piçarra", enquanto no quilômetro 135, surge sob a forma de pequenas placas.

Na colônia de Iata, desde Bananeira até Lajes, encontram-se, em certos trechos da área ocupada pela colônia, blocos de hematita, de textura pisolítica,

sob a floresta (Fig. 13). Outras vezes o solo é todo constituído de piçarra, em grande parte hematítica.

Em Guajará-Mirim a topografia é muito regular, e junto à estação aparecem alguns matacões e blocos de um gnaíse granítico. Aliás, desde Iata, cerca de 35 quilômetro ao norte de Guajará-Mirim, observamos que a topografia é plana e muito regular. Do ponto de vista morfológico, não nos parece uma região constituída de rochas do embasamento, tal a monotonia do relêvo. Porém, é de se acreditar que a capa de sedimentos não seja espessa e a pouca profundidade se encontrem as rochas do *socle*. Todavia, pode-se considerar, também, a intensa meteorização, como acarretando uma partida constante de materiais, sob a forma coloidal, e a facilidade de um arrasamento das saliências. A cobertura vegetal é caracterizada pela floresta densa, de modo que pouco se pode observar além desses dados gerais (Fig. 14)

Em Guajará-Mirim, ao contrário do que observamos em Pôrto Velho, no que tange à laterização, não há crostas de canga, como as que se vêem, por exemplo, no bairro Caiari. Em um perfil de 4 metros de profundidade, feito num poço em construção, cerca de 3 quilômetros a nordeste da cidade de Guajará-Mirim, embora o solo fôsse avermelhado ao longo de todo o corte, apenas, a cerca de 3 metros de profundidade, é que se encontra uma piçarra limonítica miúda. Todavia, também há “cascalheiras” superficiais, porém, o material não pode ser comparado ao retirado das existentes nos quilômetros 9 e 33 da rodovia Pôrto Velho — Cuiabá. Não só em extensão, mas, também, quanto ao grau de laterização, a piçarra de Guajará-Mirim é miúda e, às vezes, muito friável.

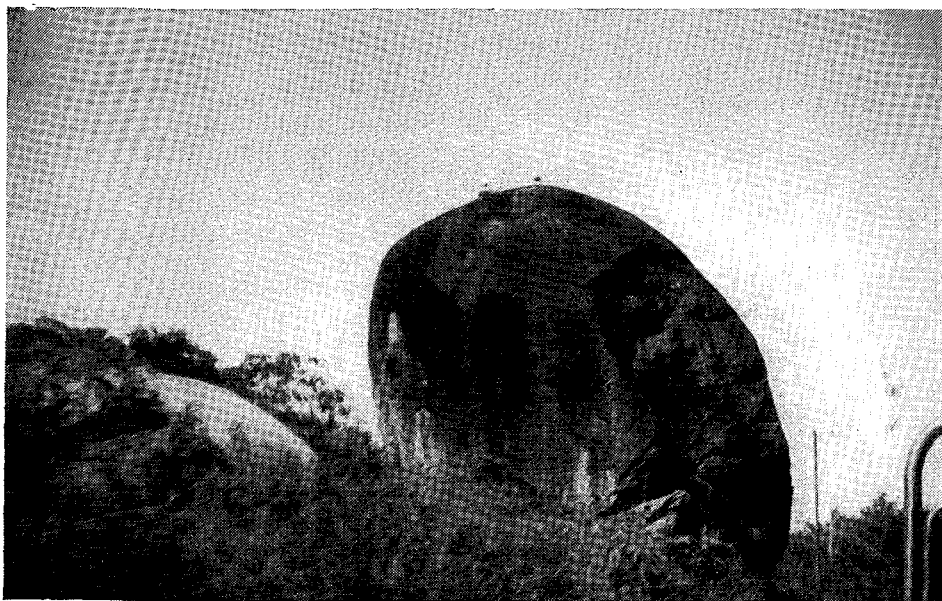


Fig n° 12 — “Matacão” muito característico de rocha maciça, existente próximo ao quilômetro 321 da ferrovia Madeira-Mamoré, chamado “Pedra Gorda”

(Foto do autor)

Antes de passarmos ao estudo de outra região, desejamos salientar, ainda, um traço morfológico importante, que é o dos amplos meandros divagantes, descritos pelo rio Mamoré (Fig. 15), na sua larga planície aluvial. Aliás, o aspecto

dessa região, praticamente pouco difere da que estudaremos na parte final d'êste capítulo, qual seja a do vale do Guaporé. Deve-se fazer a ressalva que o vale do Guaporé é mais largo e que no leito do rio não se encontram cachoeiras, como no Mamoré, no trecho a jusante de Guajará-Mirim.

A "região da chapada dos Parecis" constitui uma grande língua de terrenos sedimentares que, partindo de Mato Grosso, penetra no território do Guaporé e segue a direção geral noroeste-sudeste. Esta chapada se prolonga muito na direção de noroeste, chegando quase às margens do rio Madeira, como se pode observar na zona atravessada pela ferrovia Madeira-Mamoré, no trecho Mutum-paianá, e mesmo um pouco antes. Aliás, do quilômetro 168, antes de Mutum-paianá, olhando-se para o norte, observam-se, no horizonte, as elevações que constituem a chamada serra dos Três Irmãos.

A chapada dos Parecis segue, como já dissemos, a direção noroeste-sudeste, estreitando-se na direção noroeste, como u'a ponta de lança e alargando-se muito para o sul. No estado de Mato Grosso ela segue mesmo este-oeste até o estado de Goiás. Entretanto, vamos nos limitar, aqui, ao trecho que se estende do rio Cabixi para o norte (limite entre o território do Guaporé e o estado de Mato Grosso) e a oeste das cabeceiras do rio Roosevelt. É justamente nessa área, onde se encontram as maiores altitudes da chapada dos Parecis



Fig. n.º 13 — Na região da colônia Presidente Dutra (Iata), encontra-se, por vèzes, a superfície do solo constituída por concreções de laterito de tamanhos diversos e mesmo blocos que aparecem à superfície do solo

(Foto do autor)

A serra dos Parecis é suavemente inclinada para o norte, possuindo uma série de ondulações, que adquirem, por vèzes, a forma típica de testemunhos. Esta chapada representa o divisor de águas entre as bacias do Mamoré-Guaporé e do Aripuanã-Tapajós.

O arenito, que forma o abrupto da chapada, é de coloração avermelhada, notando-se, no entanto, a alternância com camadas mais claras. Esses escarpamentos com “grotões”, revelam que o capeamento não foi submetido à movimentação tectônica em virtude da aparente horizontalidade que se tem das camadas, quando vistas de bordo de uma aeronave.

Na zona de talude de declive forte, que liga o alto do chapadão ao fundo do vale, verifica-se um grande contraste entre a vegetação do alto dos Parecis e o de suas encostas. Enquanto no chapadão temos o aparecimento de campos cerrados e alguns cerradões; nas encostas domina a floresta. O aspecto do solo dos campos cerrados, quando observado de avião, é de natureza arenosa. Vastas queimadas aparecem na área do chapadão, feitas normalmente pelos índios, para realizar suas caçadas.



Fig. n.º 14 — As observações geológicas e geomorfológicas estão na quase totalidade restritas aos itinerários feitos ao longo dos rios e de algumas poucas rodovias e ferrovias. Na foto acima vemos um trecho da rodovia que, partindo de Guajará-Mirim, ligará a colônia Presidente Dutra a este centro urbano. As observações referentes às formas de relevo e a natureza do material ficam restritas, apenas, ao que se pode ver, ao longo da rodovia, por causa da pujante vegetação.

(Foto do autor)

A chapada dos Parecis, cujo tôpo é de grande regularidade, representa o resíduo de um planalto dissecado, com certa intensidade, por alguns rios, sendo que uns se entalharam, de modo mais ou menos profundo, no próprio planalto. A este propósito PIERRE DENIS, salienta: “Quando se vem do sul, encontra-se a superfície de um planalto de grande horizontalidade, quase perfeita, no qual o solo é, por vezes, uma argila laterítica (canga) e, por vezes, areia, onde a caminhada é difícil (areal)”¹³

As bordas do chapadão, como já dissemos, são abruptas e com grandes “grotões”, e o capeamento de um arenito, de coloração vermelho viva, dá aparecimento a cornijas muito pronunciadas.

¹³ PIERRE DENIS, *Amérique du Sud*, (p. 133) — *Géographie Universelle* — Tomo XV

Na borda do chapadão, voltada para oeste, isto é, no lado exposto para os rios Guaporé e Mamoré, a escarpa é, como assinalamos, quase vertical, por vezes, e a parte não coberta pela vegetação, no tôpo do chapadão, demonstra que as camadas são muito próximas da horizontal, alternando-se com espessura e dureza diferentes, como se pode observar pela existência dos grotões

Considerando a erosão feita pelos cursos d'água, devemos salientar que, de modo geral, há trechos no alto do chapadão, onde ela é pequena, tal a suavidade do perfil topográfico. Acontece, entretanto, que no trecho em que estes cursos d'água descem do alto da serra dos Parecis para a área de planície, verifica-se uma erosão mais ativa, que novamente se torna mais fraca nas áreas próximas da foz

Os saltos, impostos pela escarpa do planalto, são todos produzidos pela erosão diferencial. A este propósito, assim se expressou E. P. DE OLIVEIRA: "Os saltos desta região são devidos unicamente a puros fenômenos de erosão; no planalto não há indícios de falhas, nem tão pouco de rocha eruptiva". Ainda mais adiante, referindo-se a este assunto, diz o mesmo autor: "na porção de jusante, mais próxima do nível de base, a erosão se faz mais lentamente do que na porção de montante. Em virtude do recuo da soleira do salto para as cabeceiras do rio, pode acontecer que, a porção inferior, mantendo o mesmo declive, a superior marche mais rapidamente escavando os bancos duros"¹⁴.

Pode-se, ainda, assinalar, como prova da erosão diferencial, a existência de pequenas conedieiras, que são identificadas por causa do afloramento de camadas mais duras, por ocasião do escavamento do perfil longitudinal dos rios, no tôpo da própria chapada. A este propósito E. P. DE OLIVEIRA, salienta: "Quando ao escavar o leito, o rio chega a descobrir um banco de arenito duro, formam-se os ligeiros ou rápidos; se a erosão consegue perfurar este banco e escavar arenitos mais moles subjacentes, sem destruir completamente as camadas duras, formam-se os saltos; se a rocha dura vai-se desmoronando, têm-se cachoeiras e depois conedieiras"¹⁵.

Nos trabalhos do Dr. EUSÉBIO PAULO DE OLIVEIRA, que acompanhou a expedição científica Roosevelt-Rondon, na qualidade de geólogo, colhemos algumas notas de caráter geral, pois ele estudou a zona das chapadas do sul do território e noroeste de Mato Grosso. Assim temos: "O planalto dos Parecis é constituído de arenito vermelho ou amarelo, com escasso cimento feldspático, encerrando sempre numerosas concreções silicosas, entre as quais predominam as pederneiras. Intercaladas na massa de arenito, existem camadas de argila arenosa, cujos afloramentos estão freqüentemente encobertos por depósitos superficiais". Acrescenta ainda este autor que: "Esta série depositou-se depois do derame das rochas eruptivas, que formam a serra de Tapirapuã. É, portanto, mais recente do que o arenito de Botucatu, que se encontra freqüentemente associado com essas rochas eruptivas. Difeire do arenito de Baum pela ausência de cimento calcário e presença de nódulos de pederneiras"¹⁶.

¹⁴ E. P. DE OLIVEIRA — *Geologia* — Anexo n.º 1 — Expedição Científica Roosevelt — Rondon — Rio de Janeiro, 1915

¹⁵ E. P. DE OLIVEIRA — Capítulo citado — P. 35

¹⁶ EUSÉBIO PAULO DE OLIVEIRA — *Geologia* — Anexo n.º 1 — Expedição Científica Roosevelt-Rondon — Rio de Janeiro, 1915 (p. 33)

O solo do alto da chapada é, como já vimos, essencialmente arenoso, sendo por conseguinte, profunda e rápida a infiltração das águas das chuvas, de sorte que ao longo das chapadas não se encontra água. Os pequenos rios, que correm pelo alto da chapada, têm águas muito límpidas, vendo-se, com grande facilidade, o fundo. Ao longo desses rios, que correm no planalto dos Parecís, aparecem cintas de floresta pouco extensas, isto é, típicas florestas-galerias passando-se súbitamente ao cerrado.



Fig. n.º 15 — Planície aluvial do rio Mamoré um pouco a montante da cidade de Guajará-Mirim. A drenagem, nessa região, se realiza com dificuldade, e as divagações do leito do rio são frequentes (Foto do autor)

O processo da eluviação dá aparecimento a um solo essencialmente arenoso, como notara E. P. DE OLIVEIRA, porém, o horizonte inferior é sensivelmente enriquecido por elementos argilosos, que migram para baixo. Ao longo de toda a chapada se verifica o aparecimento de afloramentos de material laterítico, de acordo com as narrações feitas pelos diversos pesquisadores, que acompanharam a expedição Rondon. De nossas observações, feitas de avião, somos levados a concluir pelo seu aparecimento, capeando certos testemunhos, como, também, na borda da chapada.

Partindo-se de Guajará-Mirim, em direção ao forte Príncipe da Beira, vê-se o rebôido da chapada dos Pacaás Novos, que aparece muito dissecado em certos trechos. Nesta área, as chapadas mais baixas e dissecadas são cobertas, em quase toda a extensão, pela floresta densa, ao contrário do que observamos nos Parecís, onde existem vastos campos cerrados, aparecendo, apenas, a floresta-galeria. Este fato talvez possa ser explicado por influências edáficas desse nível mais baixo de chapadas, ou talvez por uma proximidade maior do lençol d'água. As hipóteses podem ser várias e somente uma pesquisa *in loco* poderá trazer maiores esclarecimentos.

Finalmente, temos a “região do vale do Guaporé”, a qual constitui uma vasta planície, que se estende desde as encostas do escarpamento da chapada dos Parecis até os primeiros contrafortes dos Andes, em áreas bolivianas. No entanto a zona que nos interessa é restrita, apenas, à porção situada dentro dos limites do território do Guaporé, embora esta região avance, também, sensivelmente na direção de sudeste, penetrando no estado de Mato Grosso.

O rio Guaporé descreve amplos meandros divagantes e a drenagem se faz com dificuldade, existindo grande número de lagos temporários. Extensa mata inundada, ou melhor o igapó, aparece nas margens desse rio e nos baixos cursos dos seus afluentes (Fig. 16).

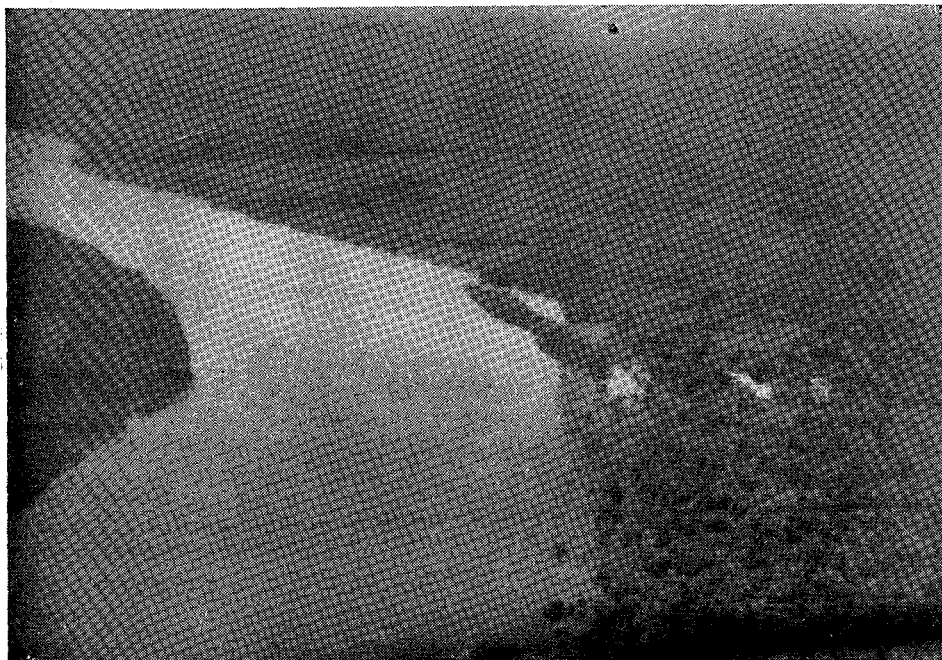


Fig. n.º 16 — Vista parcial da mata inundada no rio Guaporé, na região próxima ao forte Príncipe da Beira, cujos aspectos são muito semelhantes aos do vale do Mamoré, no trecho que vai até Guajará-Mirim e mesmo um pouco a jusante

(Foto do autor)

Na região da histórica fortaleza de Príncipe da Beira, 2 ou 3 quilômetros na direção de leste, há o aparecimento de elevações dissecadas, cuja natureza da rocha não conseguimos identificar por causa da cobertura vegetal (Fig. 17). Entretanto, observamos ainda a existência de afloramentos rochosos de forma praticamente tabular no nível inferior, próximo às margens do rio Guaporé e a pouca distância do campo de pouso dos aviões. Estes afloramentos são fáceis de ser identificados pelo fato de formarem como que uma clareira no meio da mata que os rodeia.

Resumindo, podemos dizer que a área ocupada atualmente pelo território federal do Guaporé pode ser dividida, segundo os seus caracteres morfológicos, de modo provisório, nas seguintes regiões: a) *planície amazônica*; b) *encosta setentrional do planalto brasileiro*; c) *chapada dos Parecis*; d) *vale do Guaporé*. Estas regiões possuem característicos muito distintos. Na primeira

— planície amazônica — temos a área de terras-firmes, constituída de terrenos pliocênicos. Na região da encosta setentrional do planalto brasileiro afloram terrenos do embasamento cristalino, que descem na direção do norte e no-

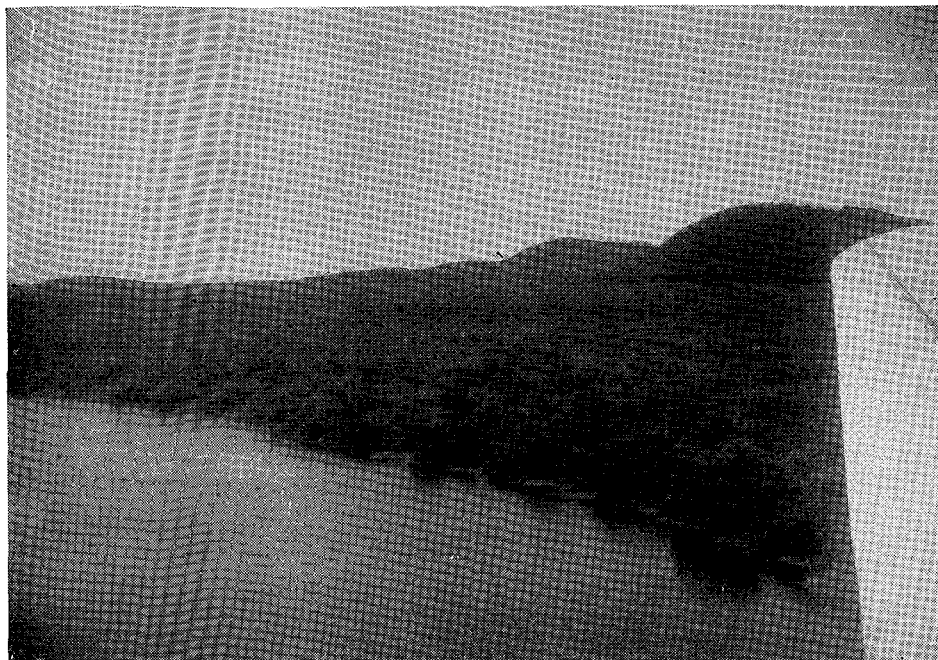


Fig. n.º 17 — Aspecto do rio Guaporé, próximo ao forte Príncipe da Beira, vendo-se, ao fundo, um relevo ondulado, inteiramente recoberto pela vegetação, o que nos tornou difícil a identificação da natureza da rocha. Estas formas de relevo, embora pouco elevadas, se destacam, sensivelmente, na paisagem plana e monótona da região do vale do Mamoré (Foto do autor)

oeste. Quanto à região da chapada dos Parecis, é constituída por um relevo sedimentar residual. Finalmente, a região do vale do Guaporé, constituída pela área drenada por este rio e seus afluentes, é, de modo geral, formada por uma vasta planície, na qual dominam os terrenos de idade recente-holocênicos.

2 — Clima, Vegetação e Hidrografia

O estudo correlacionado desses três elementos, que constituem traços típicos caracterizadores da paisagem do Guaporé, será feito em conjunto, tendo em vista as ligações que há entre eles. De modo geral, o clima dessa área é do tipo equatorial superúmido, facilitando o desenvolvimento de uma vegetação densa — floresta do tipo hileiano — e uma grande ramificação da rede hidrográfica.

O clima do território tem, de modo geral, as mesmas características do encontrado na maior parte da região amazônica, sendo preciso, no entanto, assinalar que ele constitui certa transição para o clima do Brasil Central, com o aparecimento de curta estação seca. Comparando-se os dados de precipitação pluviométrica entre duas estações situadas em pontos extremos, como sejam as de Porto Velho, dentro da planície amazônica, e a de Vilhena, no sul do território, situado no chapadão dos Parecis, observa-se que esta

última apresenta um período seco, que se estende por quatro meses (maio a agosto); enquanto em Pôrto Velho este está restrito apenas a três meses (junho a agosto).

Analisando-se o gráfico da pluviometria dessa região, (Fig. 18) verifica-se que as médias destas duas estações se aproximam: Pôrto Velho tem um total pluviométrico de 2 232,2 mm anual, um pouco superior a Vilhena, que alcança 2 074,4 mm. Um traço que ressalta, claramente, no referido gráfico, é o modo da distribuição das chuvas, que começam na primavera e se prolongam até fins do verão. Isto acarreta para o caboclo, que se dedica à lavoura, a existência de um período, durante o qual, ele pode preparar suas terras, isto é, denubar a floresta, realizar a queimada e, posteriormente, executar a semeadura. Esta tarefa do corte da floresta é feita, geralmente, de junho a agosto, meses em que não há chuvas. A temperatura nessa região, como teremos oportunidade de examinar mais adiante, pouco varia, o que faz com que as estações do inverno e do verão sejam distinguidas pela época das chuvas e pela época das secas. No gráfico, no número de dias de chuva (Fig. 19), observa-se que em Pôrto Velho cerca de 155 dias no ano, e em Vilhena apenas 120. Se discriminarmos o número de dias de chuva, segundo se considere o "inverno" ou o "verão", verificamos que em Pôrto Velho chove 145 dias durante os meses de setembro a maio e apenas 10 dias nos meses de junho a agosto. Em Vilhena a estação seca é mais longa, durando, como já assinalamos, quatro meses — de maio a agosto — com 9 dias de chuva, repartindo-se os 111 dias de chuva restantes pela estação do "inverno".

As chuvas no Guaporé, além de apresentarem uma alta coluna pluviométrica, têm a vantagem de ser regularmente distribuídas, como se pode ver no gráfico n.º 18.

Outro elemento meteorológico, que merece especial destaque, é a temperatura, que se mantém, de modo geral, alta durante todo o ano. Comumente se começa o estudo do clima pela análise minuciosa de seus elementos, até se chegar ao conhecimento exato das condições do estado médio da atmosfera na região considerada. Tratamos, em primeiro lugar, das chuvas, pelo fato de ser a pluviometria o elemento mais chocante para os geógrafos, acostumados ao clima temperado.

A temperatura não apresenta, em Pôrto Velho, os excessos que são observados em outras áreas do mundo. A média das máximas é 32.º e a das mínimas 20º 6. (Fig. 20). Quanto à estação de Vilhena, os fatos já se passam de modo diferente, pois a média das máximas é 29º 7, o que significa 2º 3 menos que a verificada em Pôrto Velho; e em Vilhena a média das mínimas é bem inferior, ou seja 11º. O fator altitude deve ser considerado para efeito de estudos comparativos, pois, enquanto Pôrto Velho se acha a 98 metros de altura, o posto de Vilhena está a 663. Em virtude deste fato, se observarmos as mínimas absolutas desses dois postos de coleta de dados meteorológicos, verificamos que as mínimas absolutas registradas em Pôrto Velho, no período de 1928-1942 foram: 9º 3 em 22/6/1933 e 10º 6 em 24/10/1934. Todavia, o alto grau de umidade, reinante na atmosfera, dá ao ser humano uma sensação de frio muito desagradável. Já em Vilhena, em pleno chapadão, a 663 metros de altura, é comum a temperatura chegar a zero grau centígrado. No período de 1931 a

1942 registraram-se, em Vilhena, as seguintes mínimas absolutas: 0° em 30/5/1941, 0°4 em 10/8/1936, 0°6 em 22/6/1933

Quanto aos máximos absolutos, verificados em Vilhena, temos 35° em 3/11/1933 e 2/3/1933. Já, em Pôrto Velho, onde o regime amazônico se faz sentir mais intensamente, foram registradas as temperaturas máximas absolutas de 39°8 e 39°5, nas seguintes datas: 22/5/1934 e 12/11/1933, respectivamente

Os extremos absolutos constituem indicações preciosas para os agricultores e também para os criadores em geral. No Guaporé, entretanto, onde estas atividades humanas são incipientes, pouca atenção têm merecido êstes dados científicos por parte dos estudiosos

No que se refere às médias de temperaturas — tanto as máximas como as mínimas — os dados de Vilhena, comparados com os de Pôrto Velho, apresentam diferenciações, as quais são explicadas, como já salientamos, pela altitude dos dois postos meteorológicos.

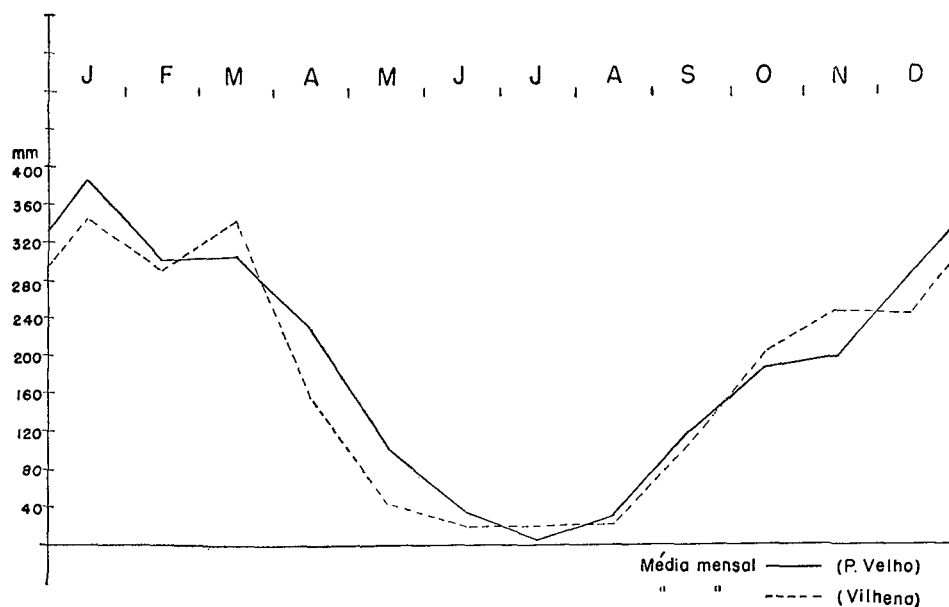


Fig n° 18 — Curva pluviométrica dos postos de Pôrto Velho e Vilhena

A temperatura alta e a umidade, decorrente das grandes chuvas, podem ser apontados como os verdadeiros responsáveis pela floresta densa que aparece em quase todo o território do Guaporé. E, quanto às exceções, isto é, os campos cerrados, que aparecem na chapada dos Parecis, temos que levar em consideração a profundidade do lençol d'água. Um argumento, que vem corroborar esta nossa afirmativa, é que nas proximidades dos rios, que correm por estas chapadas, freqüentemente encontramos matas ciliares, ou melhor, verdadeiras florestas-galerias. Considerando êste fato e a grande permeabilidade do solo arenoso do chapadão, é que procuramos explicar o campo cerrado dessas chapadas, como ligados à profundidade do lençol d'água.

Na segunda parte dêste capítulo, teremos oportunidade de tecer maiores comentários a respeito da influência do clima e do solo nos tipos de vegetação.

No estudo analítico dos diferentes elementos meteorológicos cumpre, também, salientar a umidade relativa do ar atmosférico. Todavia, nos elementos do Serviço de Meteorologia, êstes dados não foram coligidos, e como valor informativo vamo-nos socorrer de algumas observações, transcritas do trabalho do padre BRUNO HERZBERG, as quais se referem, apenas, ao ano de 1945

Umidade relativa do ar — 1945

MESES	Às 9h	Às 14h	Às 20h	Média
Janeiro	94	81	95	90
Fevereiro	95	76	93	88
Março	93	76	91	87
Abril	95	75	88	86
Maio	93	64	88	82
Junho	90	66	83	80
Julho	84	52	73	70
Agosto	83	45	70	66
Setembro	90	57	75	74
Outubro	94	71	88	84
Novembro	92	71	88	84
Dezembro	92	51	89	84
			94	86

A umidade relativa tem grande importância para o estudo geográfico da paisagem, pois auxilia a explicação da forte intensidade da decomposição química das rochas e solos, da cobertura vegetal e também o condicionamento do uso de agasalhos especialmente durante a noite. É preciso salientar ainda que a umidade é um elemento que sofre grande influência dos fatores locais, variando consideravelmente de um lugar para outro, dentro de uma mesma região.

A alta umidade relativa, aliada às temperaturas elevadas, criou na mentalidade dos habitantes das zonas temperadas, a impressão de que semelhantes condições são quase insuportáveis pelos brancos. Hoje esta noção, bem como a de clima endêmico, começa a cair por terra, especialmente no Guaporé, graças às provas conseguidas com a adaptação de indivíduos europeus que vieram para a região, por ocasião da abertura da ferrovia Madeira-Mamoré. O maior problema aí foi a malária e não o clima. Ela é produzida por agentes vetores, que têm seu *habitat* ideal em zonas de clima quente e úmido, não podendo ser êste, entretanto, responsabilizado, como o entenderam alguns autores nos fins do século passado e início do atual.

Um elemento meteorológico, que merece ainda destaque na região, é o “nevoeiro”. Numa região, onde as ligações terrestres e aquáticas se fazem com grandes dificuldades, a aviação constitui um auxiliar muito prestimoso. Esta, no entanto, luta com êste obstáculo, o nevoeiro. No período do “inverno”, ou melhor, na época das chuvas, os temporais são mais freqüentes e os dias de nevoeiro são em maior número. Em Pôrto Velho, neste período, há 29 dias de nevoeiro, enquanto em Vilhena, apenas 19. Aí, durante os meses de junho,

julho e agosto, não se verifica, praticamente, o aparecimento de dias com nevoeiro. Além deste elemento, podemos considerar a bruma, acarretada pelas queimadas efetuadas, principalmente no mês de agosto. Finalmente, resta-nos referir o número de dias de céu encoberto: Pôrto Velho, cêrca de 90, e Vilhena apenas 40, no decorrer do ano. Na região de Pôrto Velho, é nos meses de dezembro a abril, que se verifica o maior número de dias de céu encoberto, ou seja, 59 dias; no mês de março registam-se, em média, cêrca de 12 dias, e no de agosto apenas 3. Em Vilhena, o máximo é observado em janeiro, com 7 dias, e os mínimos são verificados nos meses de maio a agosto, com um dia, apenas, em cada mês.

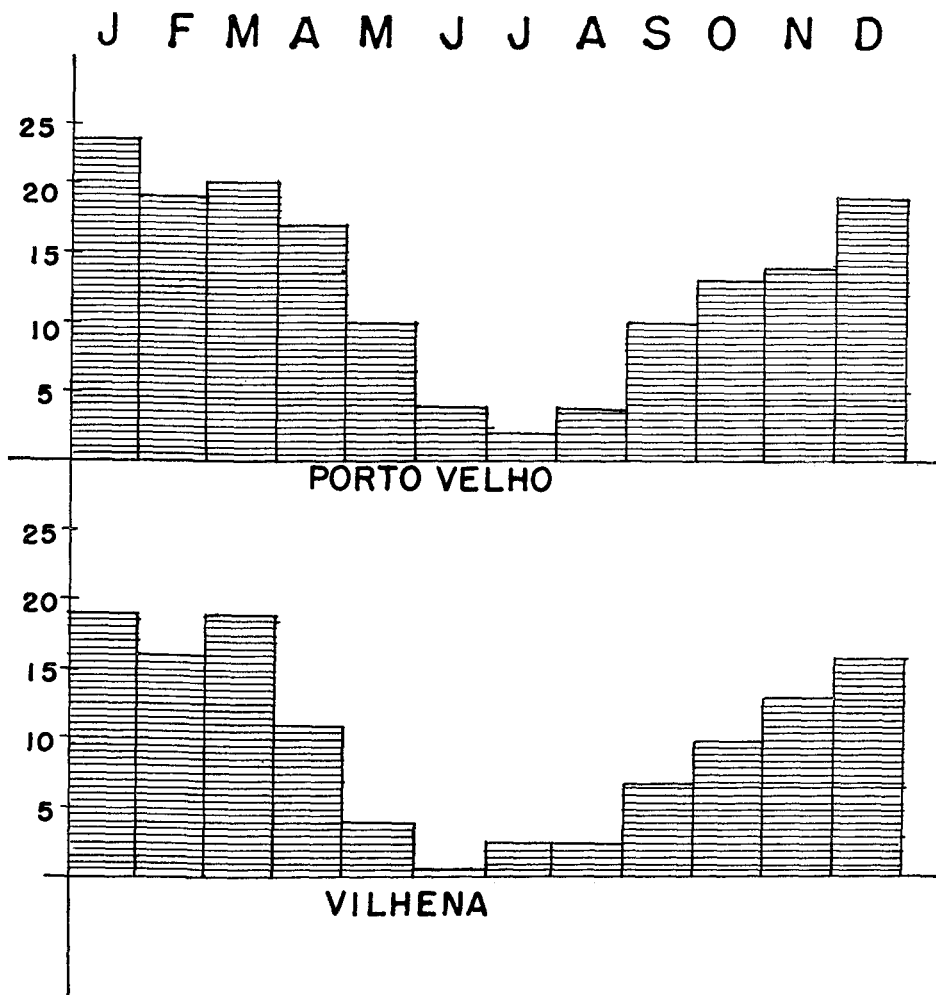


Fig n.º 19 — Nos dois gráficos acima acha-se representado o número de dias de chuvas em cada mês, nos postos meteorológicos de Pôrto Velho e Vilhena

Antes de passarmos ao estudo do tipo de clima do Guaporé, cumpre destacar a existência de um fenômeno meteorológico, denominado “friagem”. Esta consiste numa queda da temperatura, que chega, por vêzes, a menos de 10° em Pôrto Velho. Antigamente, êste fenômeno era explicado como devido ao degêlo verificado na cadeia dos Andes. Após a realização dos trabalhos de A.

SERRA e L. RATISBONNA, ficou provado que estas ondas de frio estão ligadas à penetração de massas de ar frio, que vêm da Patagônia e chegam até a região equatorial¹⁷. Esta massa de ar frio passa pela bacia platina e penetra na bacia amazônica através da depressão constituída pelo vale do Guaporé.

De modo geral entre os meses de novembro a abril, os ventos dominantes são os do quadrante norte, isto é, nordeste e noroeste. De maio a setembro, época da ocorrência das friagens, muda a circulação, havendo um predomínio de ventos do quadrante sul. A sensação de frio é sentida com certa intensidade pelo grupo humano que aí vive, por causa da elevada umidade relativa, que existe na atmosfera. A título de ilustração, vamos dar alguns exemplos, os quais colhemos no trabalho do padre BRUNO HERZBERG

Friagem no mês de julho de 1942

DIA	TEMPERATURA À SOMBRA		
	Às 8 hs	Às 14 hs.	Às 20 hs.
4	23,1	30,2	26,0
5	17,1	19,2	17,6
6	15,4	25,0	19,5
7	17,9	27,4	23,8
8	21,2	29,8	25,2
9	21,9	23,5	20,8
10	15,6	22,0	19,2
11	14,1	19,2	15,1
12	11,7	22,5	17,3
13	15,3	25,2	20,8
14	16,9	29,4	22,3
14	18,1	29,3	24,1
16	19,3	30,6	24,7
17	21,0	31,2	26,2

Pelos dados que acabamos de citar vemos que as temperaturas não são baixas e, no entanto, por ocasião dos dias de friagem, tem-se necessidade do uso de agasalhos e de cobertores durante a noite. Isto se explica, em grande parte, por causa da umidade do ar. Um fato pessoal nos surpreendeu no posto de observação meteorológico da Cruzeiro do Sul Ltda, no campo de aviação da cidade de Guajará-Mirim, onde, com uma temperatura superior a 20° e um vento com a velocidade horária de 4 a 5 quilômetros, tinha-se a sensação que a temperatura fôsse de apenas uns 8°. Este fato estava, porém, correlacionado à umidade do ar, que era de ordem de 90% (maio de 1952).

O fenômeno da friagem obriga o caboclo a construir sua casa ou mesmo a sua "barraca"¹⁸ de modo a ficar inteiramente fechada, para fugir aos seus rigores. Assim, se compararmos os hábitos da quase totalidade dos caboclos amapaenses, que constroem suas casa apenas se limitando à cobertura e ao as-

¹⁷ A SERRA e L. RATISBONNA "As ondas de frio na bacia Amazônica" in: *Boletim Geográfico*, ano III, n° 26 — Maio de 1945 — Pp 172/206

¹⁸ Denominação comum muito usada para as casas em cuja construção seu proprietário teve poucos recursos. Geralmente são feitas com o material mais fácil de ser encontrado — lenha, palha, ou mesmo "taipa"

soalho, ficaremos surpresos ao verificar que de modo geral, no Guaporé, as casas são fechadas de todos os lados.

No que diz respeito à influência do “inverno” e do “verão” para o organismo humano, é interessante frisar a sua importância na salubridade da região. Na estação das águas, além da temperatura e umidade elevadas, temos as enchentes e alagamentos, favorecendo o desenvolvimento de insetos e da malária. Hoje, a situação está um pouco diferente, uma vez que o processo da dedetização não permite o desenvolvimento daquela doença nos centros habitados. Por ocasião da estação seca os seus agentes vetores — anofelinos, se desenvolvem com mais dificuldade. Grande importância tem também o estudo do clima para se compreender melhor a atividade econômica dos grupos humanos, no decorrer do ano. Assim, a atividade coletoira de “látex” é exercida nos meses da seca, no fim e no início do inverno. Nas épocas mais chuvosas, o seringueiro deixa a sua atividade habitual. Quanto à parte referente à lavoura, já tivemos oportunidade de dar alguns informes no capítulo anterior.

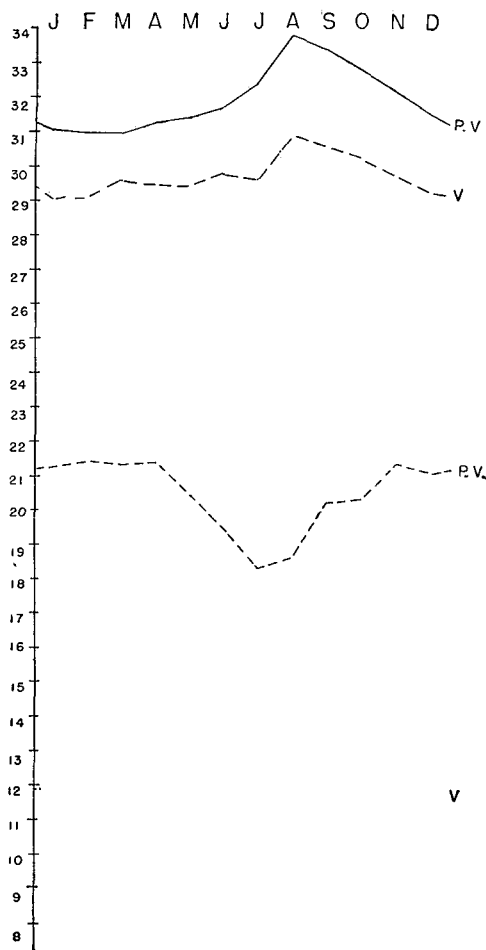


Fig n.º 20 — Média das máximas e mínimas da estação de Pôrto Velho e Vilhena

Com os dados muito precários de que dispomos, podemos no entanto, classificar o clima do território do Guaporé, de acordo com KÖPPEN, como, de transição entre o Af e o Aw, sendo, por isto, incluído como Amwi¹⁹. Isto significa que ele é quente, úmido e com uma curta estação seca. Todavia, a umidade que há na atmosfera é capaz de alimentar a existência de uma floresta do tipo equatorial, como a encontrada no Guaporé. Quanto à amplitude térmica (i), consideramos como inferior a 5°, por analogia com os outros postos meteorológicos de observação, uma vez que nada consta das séries meteorológicas de Pôrto Velho, nem de Vilhena.

* * *

* * *

A fitofisionomia do Guaporé mostra que a cobertura vegetal do tipo floresta domina em todo o território, com exceção da zona da chapada dos Parecis

¹⁹ É provável que o clima do tipo Aw, que domina no chapadão dos Parecis, na zona matogrossense, e mesmo como revela a estação de Vilhena, se estenda em todo o vasto planalto que penetra no território do Guaporé, no sentido noroeste-sudeste. Todavia, é mera hipótese cuja confirmação somente poderemos conseguir quando forem instalados postos meteorológicos neste chapadão guaporense.

e também possivelmente, em certos trechos dos Pacaás Novos. No rio Guaporé, o Dr. GEORGE BLACK, do Instituto Agronômico do Norte, teve oportunidade de estudar uma área de campos naturais (sic) com mais de 1 500 quilômetros quadrados²⁰. Entretanto, a floresta apresenta algumas diversificações, que podemos perfeitamente observar de avião, as quais confirmamos posteriormente, em pesquisas terrestres, como a realizada na região próxima a Abunã, em Guajará-Mirim e na área do vale do Guaporé. No território do Guaporé 80% da sua área são cobertos por densa floresta, enquanto cerca de 20% são de campos cerrados. As "matas de terra firme" cobrem a quase totalidade da região morfológica da planície amazônica do território do Guaporé, grande parte da encosta setentrional do planalto brasileiro, bem como parte do vale do Guaporé. Nesta última região e ao longo do Mamoré, torna-se necessário salientar também as "matas de igapó", isto é, terrenos de leito maior, inundados durante grande parte do ano. Observa-se mesmo, aí, grande número de depressões do solo, cheias d'água e apenas aparecendo nos bordos uma vegetação aquática à semelhança de um pantanal. No rio Mamoré e, também, no Guaporé, vêem-se os recortamentos feitos pela divagação do rio, aparecendo a vegetação em linhas, de acordo com a evolução dos meandros.



Fig. n° 21 — Na grande reta de 46 quilômetros da ferrovia Madeira-Mamoré, entre as estações Mutumparaná e Abunã, ao longo do leito da estrada, observa-se uma mudança no tipo de vegetação, aparecendo cerradões e buritizais em substituição à floresta. A região do buritizal é baixa e alagável, principalmente na época das chuvas. Na foto acima vemos um aspecto do tipo de cerradão a que aludimos.

(Foto do autor)

Na mata de terra firme, ao longo da ferrovia Madeira-Mamoré, alguns quilômetros antes de chegarmos a Abunã, vê-se u'a mudança no tipo de vege-

²⁰ Ofício dirigido pelo Dr. EDGAR DE SOUSA CORDEIRO ao Exmo. Sr. Ministro da Agricultura em 1/7/1952.

tação, aparecendo na altura do quilômetro 171, um cerradão constituído em grande parte pelo “umiri” (*Qualea* sp). Esta formação, ao longo da ferrovia, se estende por mais de 10 quilômetros (Fig 21). Seguindo-se em direção a Abunã, a partir do quilômetro 184, penetra-se numa zona baixa e alagável, onde surge vasto buritizal, que se estende aproximadamente até o quilômetro 212 da ferrovia. As plantas úteis, que aparecem nestes tipos de mata, são as seringueiras e os cauchais, que, inconvenientemente explorados pelos métodos tradicionais, constituem, todavia, até o presente, o suporte da economia da região (Fig. 21A). Ao lado destas, temos, ainda, os balatais, os castanhais, as oleaginosas e as madeiras de lei, como a “itaúba”, usada para o fabrico de canoas, e dormentes, “acapurama”, para os esteios, etc. Entre as palmeiras, cumpre destacar como as mais importantes para os caboclos: o “açaí” e a “paxiuba”. Esta fornece as folhas para a cobertura de sua casa, o estipe para a construção do assoalho, paredes, etc. E, o açaí, além de tudo isso, lhe dá alimento, fornecendo-lhe uma bebida bastante apreciada. Todavia, entre os vegetais, os que interessam particularmente à vida econômica da região estão, sem dúvida alguma, as espécies fornecedoras de borracha e secundariamente as da castanha. Estas aparecem sempre em áreas de terra-firme, enquanto as seringueiras na região das ilhas, encontram-se freqüentemente em igapós.



Fig n.º 21 A — Extração do látex utilizando-se o processo da “machadinha”, hoje inteiramente abandonado. É necessário frisar que numerosos pés de hévea na bacia Amazônica foram completamente inutilizados com a utilização desse velho processo

Além das “matas de terra firme” e das “matas de igapó”, devemos salientar as chamadas “matas-galerias” ou “florestas ciliares”, que aparecem ao longo de quase todos os rios que correm no alto do chapadão dos Parecis e dos Pacaás-Novos. Finalmente, no alto das chapadas, aparece uma vegetação bem diferente, constituída por árvores de pequeno porte, esgalhadas e bem espaçadas. Este tipo de vegetação constitui o que denominamos de “campos cerrados”. Às vezes os arbustos e as árvores se tornam mais raros, transformando-se em verdadeiros campos sujos, ou mesmo campos limpos. Estes aspectos fisionômicos da paisagem são facilmente observados de avião.

Nessas rápidas notas de observações fitofisionômica vê-se, claramente, através da descrição dos diferentes tipos de vegetação, a influência que o clima e certas particularidades do solo exercem no que se refere à cobertura vegetal. Dos cortes, ou melhor, dos perfis de solos

apresentados na parte inicial deste trabalho, os quais foram feitos no trecho inicial da rodovia que ligará Pôrto Velho a Cuiabá, bem como em Iata e Guajará-Mirim, e dos resultados obtidos por outros técnicos, que visitaram diferentes regiões da mata da Amazônia, é que concluímos que a vegetação vive mais em

função do seu próprio humo e da umidade alta que reina na região, do que da uberdade do solo.

Para os leigos constituem um verdadeiro paradoxo as afirmações dos técnicos que dizem da existência de grandes áreas de solos pobres, ácidos e sôbre os quais se verifica, todavia, a existência de luxuriante floresta. A explicação está justamente no fato que apresentamos acima.

Antes de finalizarmos estas despretensiosas notas sôbre a cobertura vegetal do Guaporé, não podemos deixar de chamar a atenção dos administradores, no sentido de que se façam pesquisas mais acuradas sôbre a existência de frutas nativas, para prover à alimentação dos habitantes da região. No trabalho do 2.º tenente OTÁVIO FÉLIX E SILVA sôbre o rio Jamari, encontramos uma interessante nota, a qual transcrevemos a seguir: "O número de vegetais frutíferos é extraordinário; assinalaremos, entre êles, os seguintes: o jenipapo ou jenipapeiro (*Jenipa americana*), cujo fruto é empregado na fabricação de licor, vinho, refrescos e doces; o camapu que só medra no verão e cujo fruto tem sabor amargo; o maracujá, samentosa e trepante, que tem duas variedades, uma de frutos miúdos e redondos e outra de frutos alongados, sendo ambos muito saborosos; a marimari, encontrada na margem dos lagos e igarapés; o quequê, fruta amarela da forma do abacate, aromática e doce, de caroço lustroso, de que os índios costumam fazer colares e outros adornos com que se enfeitam para as danças; o arati ou aracati, cujo fruto, da forma da pitanga, é ácido e apropriado para doce; finalmente o araçazeiro, a graviola, o cupuaçu, etc" (p. 19).

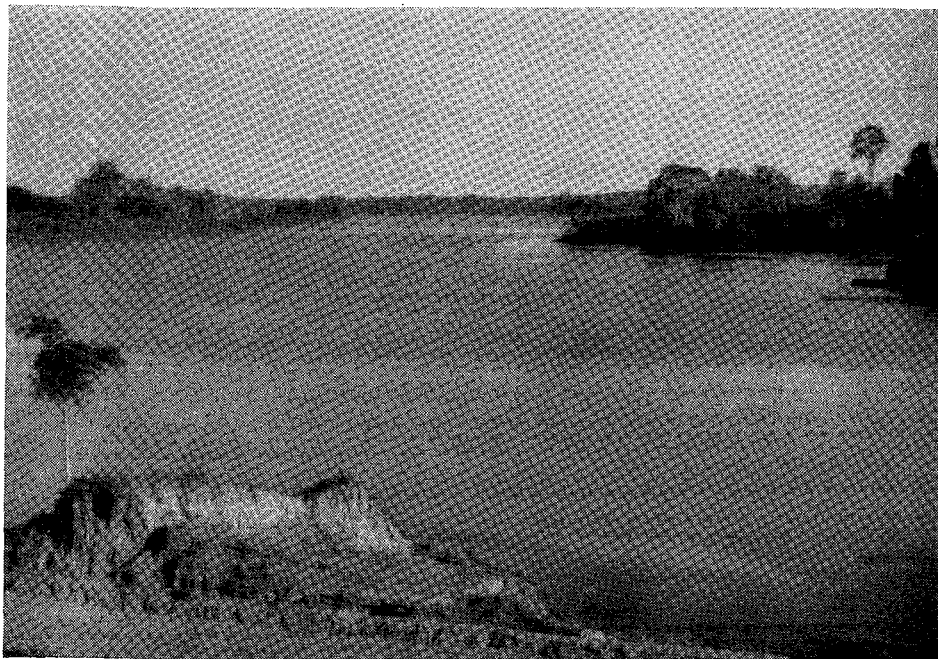


Fig. n.º 22 — Rio Madeira, vista tomada da parada do Alto Madeira em direção a jusante
(Foto do autor)

As frutas silvestres só têm servido de atrativo, ou melhor, de curiosidade para a maioria dos autores. Visando à parte prática e à obtenção de novos elementos nutritivos, que devem ser acrescentados à dieta do caboclo da região,

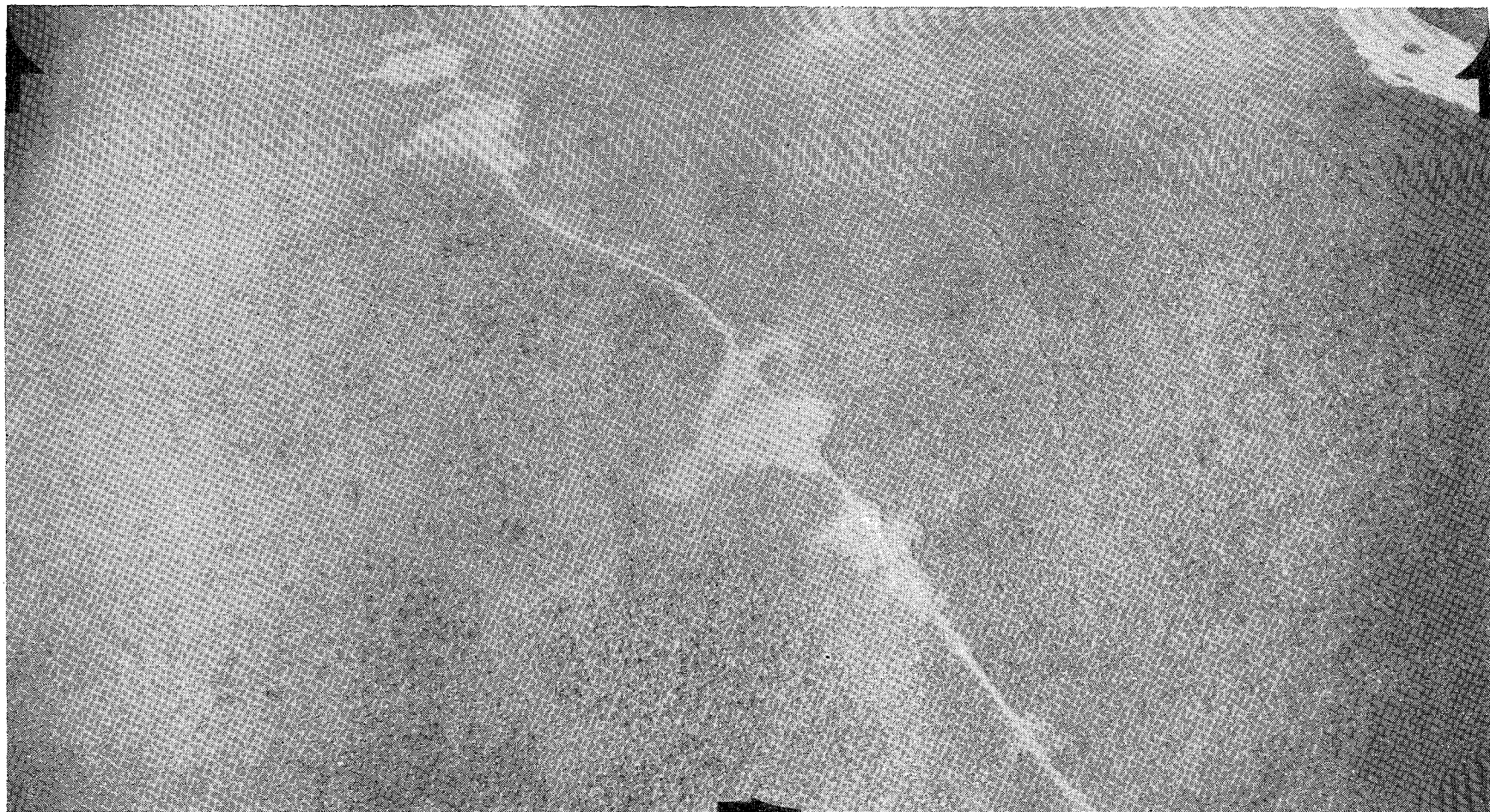


Fig. n.º 23 — Na foto acima vê-se um pequeno trecho do rio Madeira, onde aparece a cachoeira do Teotônio, produzida pelo afloramento de rochas do embasamento cristalino. A cobertura da densa floresta, impossibilita atualmente um estudo mais minucioso das formas de relevo ou mesmo da geologia dessa região. A pouca distância do rio temos a ferrovia Madeira-Mamoré, próximo a Teotônio, cortando a floresta.
(Foto — Força Aérea Americana — Projeto 2 019 — Rôlo n.º 5, linha de vôo n.º 6, fotografia n.º 100 — direita)

deve-se pesquisar com afinco quais são êsses frutos, qual o valor alimentício e qual a sua distribuição geográfica.

* * *

Finalizando a última parte dêste capítulo, vamos tratar da hidrografia da região. Porém, antes de passarmos em revista alguns fatos, que julgamos importantes, sentimo-nos na obrigação de frisar que iremos nos limitar a fornecer, apenas, algumas considerações de caráter geral, devido à falta de documentação de que dispomos no momento.

O primeiro traço distinto da hidrografia dessa área é a existência de dois tipos principais de drenagem, um, cujo escoamento das águas se faz com certa dificuldade, “na zona da planície dos rios Mamoré e Guaporé”, e outro, onde o escoamento das águas é feito com rapidez, como é o caso da quase totalidade dos rios que descem das chapadas dos Parecis e Pacaás Novos.

O segundo traço importante, a ser destacado, é o da rede de drenagem anastomosada, que encontramos na região morfológica, que denominamos de “vale do Guaporé”. Aliás, isto é perfeitamente explicável, se tomarmos em consideração que os rios Mamoré e Guaporé, no trecho a montante da cidade de Guajará-Mirim até a zona da fronteira com o estado de Mato Grosso, (rio Cabixi), correm sôbre aluviões recentes. Daí o fato das divagações dos rios e da drenagem difícil.

Outro traço importante, que desejamos salientar, é a importância do rio Madeira e seus afluentes no tocante ao trabalho de erosão, por causa das diversas barras de rochas duras, dando aparecimento a vários níveis de bases locais e cachoeiras.

No rio Madeira a primeira quebra na continuidade do perfil longitudinal é encontrada a poucos quilômetros a montante da cidade de Pôrto Velho, isto é, em Santo Antônio do Madeira (Figs. 22 e 23). Daí para montante, o rio é encachoeirado em vários trechos e o seu afluente Mamoré apresenta rápidos até a cidade de Guajará-Mirim. Dêste último ponto para montante é navegável, bem como seu afluente Guaporé. As cachoeiras que aparecem no leito dêsse rio são produzidas, segundo cremos, pela erosão diferencial.

No percurso do rio Madeira entre Santo Antônio do Madeira e Abunã, e do seu afluente Mamoré até Guajará-Mirim, existem cerca de 19 degraus no perfil longitudinal. Êste fato acarretou ao Brasil, arcar com a responsabilidade da construção de uma ferrovia, que desse ao noroeste boliviano acesso ao oceano, conforme cláusula constante do Tratado de Petrópolis.

O rio Madeira, um dos mais extensos dos afluentes da margem direita do rio Amazonas, é facilmente navegável durante certo número de meses do ano, até a cidade de Pôrto Velho, o que levou os ingleses a colocarem a ponta inicial dos trilhos da ferrovia Madeira-Mamoré, onde hoje se ergue a capital do território, ao invés de Santo Antônio do Madeira, como era o plano inicial. O rio Madeira é navegado até Pôrto Velho por vapôres da S. N. A. P. P. de 500 a 1 000 toneladas. No passado foi sulcado por transatlânticos, por ocasião da construção da ferrovia Madeira-Mamoré. Hoje, além das embarcações que fazem viagens regulares, pertencentes à S. N. A. P. P., existem outras de propriedade particular, que fazem viagens para Pôrto Velho, quando têm carga.

O rio Madeira, formado pelo Mamoré e o Beni, tem como afluentes principais o Guaporé, Abunã, Jiparaná, Jamari, Roosevelt, etc. Os rios Mamoré e Guaporé recebem por sua margem direita cursos d'água, que têm suas cabeceiras na chapada dos Parecis ou nos Pacaás Novos. A chapada dos Parecis funciona como divisor de águas entre os afluentes da margem direita do Guaporé-Mamoré e os da margem esquerda do Jiparaná ou Machado. Êste último tem suas cabeceiras no alto chapadão da região de Vilhena, e vai-se lançar no Madeira, quase na fronteira com o estado do Amazonas; atravessando, assim, tôda a região leste do território.

Os rios Jiparaná ou Machado e o Jamari só são navegáveis nos seus baixos cursos, por ocasião das cheias, por pequenas embarcações de 200 a 500 toneladas. Assim, podem ser percorridos até as cachoeiras Samuel, no rio Jamari, e Dois de Novembro, no Jiparaná.

Quanto ao regime hidrográfico dos diversos rios, verificamos que, de modo geral, o período das cheias ocorre de fins de novembro até início de abril, quando começam a descer as águas (Fig. 24) Nos pequenos cursos d'água, como Jamari, Candeias, Jiparaná e outros, o período da estiagem torna a nave-



Fig n° 24 — Variação do nível do rio Madeira — Ano de 1945

gação bem difícil, senão impossível, por causa do aparecimento de numerosas corredeiras, as quais ficam encobertas na época das cheias. Estas corredeiras são ocorrências locais, produzidas pelo aparecimento de uma resistência maior, oferecida pelas rochas do embasamento, que constituem a região morfológica, que de-

nominamos de encosta setentrional do planalto brasileiro

O rio Madeira, que tem grande volume d'água, sofre, entretanto, os efeitos da estiagem, a qual acarreta problemas nas ligações de Pôrto Velho com Manaus, Belém e outros centros. Apenas durante 5 meses oferece êste rio condições ótimas para a navegação. O regime do Madeira está, com efeito, em conexão com as chuvas caídas nas cabeceiras dos rios Guaporé, Mamoré, Beni e dos diversos outros afluentes de menor extensão e volume d'água. O professor F. A. RAJA GABAGLIA, estudando a faixa de fronteira da área do T. F. do Guaporé, quando se refeiu às superfícies alagadas dos rios Guaporé e Mamoré, disse: "numa extensão de mais de 8 léguas, as águas reunidas de vários rios se confundem, parecendo não existir entre êles o menor divisor de águas; as vivendas dos seringueiros e a cidade de Mato Grosso ficam cercadas d'água, bem como muitas povoações bolivianas, desde dezembro até maio;

não se anda a cavalo nem transitam viatunas, pois só se pode viajar embarcado"²¹ Diz ainda o mesmo autor que os banhados, se estendem até o rio Mamoré²²

Estas notas preliminares são desprezíveis, e procuram mostrar a existência de alguns dos principais problemas, sem contudo entrar em maiores minúcias. Torna-se-nos, por exemplo, impossível fazer um estudo mais pormenorizado da erosão diferencial no escavamento do seu perfil longitudinal e do regime hidrográfico, em virtude da falta de dados e da exígua faixa que percorremos. Não se pode, entretanto, deixar de fazer aqui, de modo rápido, uma referência à importância da rede hidrográfica no povoamento da região e da sua influência na própria distribuição atual da população. Estes assuntos serão tratados na segunda parte deste trabalho.

II — ASPECTOS HUMANO-ECONÔMICOS

1 — Povoamento e distribuição da população atual.

A área, hoje ocupada pelo território federal do Guaporé, permaneceu por longos anos quase inteiramente desabitada, ao contrário do que aconteceu com outras zonas do estado de Mato Grosso, onde a procura do ouro atraiu os primeiros habitantes, podendo-se mesmo falar em um ciclo do ouro²³. O Guaporé só foi procurado nos fins do século XIX com o surgimento do ciclo da borracha, cujo apogeu foi registrado — como aliás em toda a área da bacia amazônica — entre os anos de 1908 e 1912. Após esta data, a queda da cotação da borracha no comércio internacional, levou à ruína vários seringalistas e conjuntamente os seringueiros.

A área do noroeste matogrossense permaneceu pouco cuidada e a baixa densidade de população constituía um argumento a mais para deixar esta região ao abandono. Todavia, com a criação do território federal, em 1943, houve um novo surto de progresso e um sensível aumento da população, não só no município da capital, mas, também, no de Guajará-Mirim, como teremos oportunidade de analisar mais adiante.

O estudo quantitativo da população só pode ser feito baseado em dados fornecidos pelos recenseamentos, e também de modo mais precário, nos procedimentos das estimativas. Para efeito da explicação da distribuição da população, temos que considerar o elemento humano, também do ponto de vista qualitativo, isto é, os diferentes agrupamentos humanos, quanto às suas funções e suas atividades econômicas.

O recenseamento em áreas tão grandes, onde a densidade de população é muito rarefeita, aliada a outros fatores, como as grandes distâncias, a falta de meios de transporte, as dificuldades de comunicação e o baixo grau de instrução da população e de alguns agentes recenseadores, constituem problemas difíceis de serem superados.

²¹ F. A. RAJA CABAGLIA — "Aspectos gerais da fisiografia das regiões fronteiriças (Bacia do Juruá, do Purus e do Madeira)" In: *Bol. Geográfico*, ano IV, n.º 39 (p. 309).

²² F. A. RAJA CABAGLIA — Art. cit. (p. 309).

²³ O coronel FREDERICO RONDON, no seu artigo "Aspectos geográficos do Alto Guaporé", situou no tempo este ciclo econômico com as seguintes datas: — 1730 a 1888.

A população, extremamente dispersa, acarreta um trabalho penoso para os agentes recenseadores. Além de mais, outros problemas, como o da idoneidade destes agentes e sua capacidade intelectual, muito influem nos informes por eles colhidos. O inspetor regional, em seu relatório apresentado ao secretário-geral do Conselho Nacional de Estatística, grupou as dificuldades encontradas para a realização do recenseamento no território do seguinte modo: "1 — A escassez de elementos habilitados ou idôneos, que preenchessem as condições exigidas pela natureza dos trabalhos, sobretudo no que concerne aos setores das zonas rurais, distanciados em centenas de quilômetros das sedes municipais. 2 — Essa escassez ainda mais se agravava em face de não haver quase pessoa alguma da cidade que ousasse, mesmo com grandes vantagens financeiras, enfrentar as asperezas de clima e os perigos da empresa, em todo o interior do território. 3 — A impossibilidade em que estávamos, pelas distâncias e pela falta de comunicação com os seringueiros, de recrutar elementos dos que servem nos labores extrativos e comerciais daquelas zonas"²⁴. Pode-se dizer, portanto, que no censo demográfico, os problemas encontrados são os oriundos das distâncias, da deficiência de meios de transporte e da dispersão da população. Quanto aos censos agrícolas e econômicos, pouca expressão tiveram no território. Na parte referente aos censos industrial e comercial, mais uma vez citaremos trechos do relatório acima referido, que merecem reflexão:

"1 — Os boletins desses censos eram os mais difíceis, cuja maioria dos quesitos não podia ser por eles compreendido, por mais que estudassem as respectivas instruções; 2 — Quase a totalidade dos proprietários de empresa declaravam-se incompetentes para preenchê-los, não havendo, outrossim, empregador que o pudesse fazer".²⁵

Com estes depoimentos fornecidos pelo inspetor regional, cumpre considerar as dificuldades encontradas, bem como as diversas falhas.

A área, que atualmente compreende o território do Guaporé, era constituída por ocasião do recenseamento de 1940, dos municípios que estão discriminados no quadro abaixo, segundo os dados fornecidos pelo Prof. GIORGIO MORTARA²⁶:

MUNICÍPIOS ANTIGOS	SITUAÇÃO			Total	Municípios atuais
	Urbana	Suburbana	Rural		
Pôrto Velho	2 341	848	5 173	8 362	Pôrto Velho
Humaitá (parte)	—	—	1 505	1 505	
Alto Madeira (parte)	58	—	4 938	4 996	
Guajará-Mirim	1 743	234	4 124	6 101	Guajará-Mirim
Mato Grosso (parte)	—	—	333	333	
TOTAL	4 142	1 082	16 073	21 297	

²⁴ JOSÉ BEZERRA DUARTE, *Relatório do VI Recenseamento Geral do Brasil, Realizado no Território Federal do Guaporé, em 1950. Apresentado ao Excelentíssimo Senhor Doutor Valdemar Lopes, Secretário-Geral do Conselho Nacional de Estatística*.

²⁵ J. B. DUARTE, *Relatório Citado*.

²⁶ GIORGIO MORTARA, "A população do território do Guaporé, nas suas novas fronteiras", In: *Boletim Geográfico*, ano II, n.º 18, setembro de 1944, pp. 856 a 858.

Comparando-se os dados do recenseamento de 1940 com os obtidos a 1 de julho de 1950, verifica-se um sensível aumento da população na área do território do Guaporé, que passou de 21 251 para 36 935 ²⁷. A densidade relativa, (habitante/km²) subiu de 0,08, em 1940, para 0,15, em 1950. Esse aumento da população é devido, quase exclusivamente, à criação do território federal, em 1943.

No município da capital, isto é, Pôrto Velho, verificou-se um grande aumento da população, que passou de 14 863 ²⁸, em 1940, para 27 244 habitantes, em 1950; isto significa um aumento de 73% em relação à população total do território, em 1950. Foi, especialmente, na cidade de Pôrto Velho, que se registou o maior aumento, de 3 279 habitantes, em 1940, para 10 036, em 1950.

O município de Guajará-Mirim teve um aumento, apenas, da ordem de 27%, passando a população de 6 434, em 1940, para 9 691, em 1950. Quanto a população urbana, passou de 1 977 habitantes, em 1940, para 2 532, em 1950. Como se pode ver, o aumento da população, em Guajará-Mirim, foi bem inferior ao verificado em Pôrto Velho.

Considerando-se o crescimento demográfico da capital do território, a partir de 1940, observa-se que sua evolução foi a seguinte:

1940	3 189 habitantes
1946	4 634 "
1947	6 244 "
1948	6 833 "
1949	8 482 "
1950	10 036 " ²⁹

O crescimento vital foi de 1 445 indivíduos, em 1946, 1 610, em 1947, 639, em 1948, 1 599, em 1949 e 1 734, em 1950. Foi conseguinte, o crescimento populacional, de 1940 para 1950, foi de 6 847 habitantes na área da cidade de Pôrto Velho.

Quanto à densidade relativa no município de Pôrto Velho, é de 0,16 habitantes por quilômetro quadrado, e no de Guajará-Mirim, 0,12. O distrito de Pôrto Velho é o que possui maior densidade relativa, 0,44 habitantes por km², sendo a de Rondônia apenas de 0,03, ou, em outras palavras, 1 habitante para cada 33 km². Os dois maiores núcleos populacionais são os de Pôrto Velho, capital do território, e Guajará-Mirim, sede do município do mesmo nome. Os outros núcleos são relativamente pequenos: Abunã, 327 habitantes, Jaci-paraná, 207, Ariquemes, 172, Rondônia, 156, Pechas Negras, 149, Príncipe da Beira, 113 e Calama, 74, em 1950 ³⁰.

²⁷ Censo demográfico (1º de julho de 1950) — Territórios Federais I B G E 1952

²⁸ G. MORTARA — *Art. cit.*

²⁹ Os dados referentes aos anos de 1946 a 1948, nos foram fornecidos pelo S. E. S. P.

³⁰ No quadro n.º 1, encontram-se dados mais minuciosos sobre a população de 1950 — (Fonte — "Censo Demográfico" — 1 de julho de 1950 — Territórios Federais — I B G E, 1952)

**Quadro demonstrativo da população do território federal do Guaporé em
1/VII/1950 — Distribuída pelos municípios e distritos**

MUNICÍPIOS	DISTRITOS	SUPERFÍCIE km2	POPULAÇÃO REGISTRADA			
			Zona urbana	Zona suburbana	Rural	Total
Pôrto Velho	1 — Pôrto Velho	38 322	5 484	4 552	6 481	16 517
	2 — Calama	32 322	74	—	3 336	3 410
	3 — Ariquemes	14 949	57	115	2 060	2 232
	4 — Abunã	6 340	214	113	1 503	1 830
	5 — Rondônia	63 188	98	58	1 665	1 821
	6 — Jaciparaná	14 948	120	87	1 227	1 434
Guajará-Mirim	1 — Guajará-Mirim	33 494	1 205	1 377	3 124	6 706
	2 — Príncipe da Beira	26 177	22	91	1 933	2 046
	3 — Pedras Negras	24 423	105	44	790	939
		254 163	7 379	6 437	22 119	36 935

(Censo Demográfico — 1º de julho de 1950 — Territórios Federais 116 pp I B G E 1952)

Através desta rápida análise quantitativa do elemento humano do território do Guaporé, pode-se avaliar, perfeitamente, as dificuldades impostas a uma ocupação efetiva, desta área, do ponto de vista econômico

O Prof. CARLOS MENDONÇA considera o problema da fraca densidade de população como o mais grave, dêle decorrendo praticamente todos os demais. E com muita clareza, assim se expressou o referido autor: *“Efetivamente à luz das indagações da geografia econômica só há um problema na Amazônia, do qual os demais são simples, mas estorrecedoras decorrências: a rarefação demográfica. Esse o fenômeno responsável pelo encadeamento das sucessivas crises que atingiam a região, desde os tempos coloniais — crise de produção agrária, crise de transporte, crise de saneamento, crise de crescimento industrial, crise de ensino, crise de crédito, culminando no empíismo permanente da produção gomífera, e até nos atemorizando, ao defrontarmos a solidão das nossas fronteiras”*³¹ Como se vê, o grande problema econômico decorre da falta de braços. A migração do elemento nordestino não é suficiente e urge recorrer-se ao elemento estrangeiro. Entretanto, o problema não é tão simples de solucionar-se, sendo necessário, primeiramente, um aparelhamento mais adequado e um planejamento mais amplo, quando se cogitar de tal medida. Durante a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, ou mais exatamente, a partir de 1907, chegou grande número de espanhóis, gregos e barbadianos, que vieram para trabalhar nos serviços da abertura da nova estrada. O contingente mais importante foi o dos barbadianos. Alguns deles permaneciam em Pôrto Velho ou mesmo ao longo da Madeira-Mamoré, ficando, assim, radicados ao meio. Excluindo-se, no entanto, os barbadianos, os imigrantes chegados, que por acaso não tenham sido atacados pela malária e perecido, abandonaram a região. Este fato não pode servir, porém, para comparações nem para se tirar conclusões no que se refere ao valor do imigrante estrangeiro, uma vez que as

³¹ CARLOS MENDONÇA, “Povoar a Amazônia — Eis o problema”, In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro — O grifo é nosso — (Censo demográfico — 1º de julho de 1950 — Territórios Federais, 116 pp I B G E, 1952)

condições eram completamente diferentes. Trata-se de uma experiência, que deve ser tomada em consideração, quando se cogitar do problema do povoamento da região.

O elemento nacional mais importante, a ser considerado no povoamento dessa região, é o “nordestino”, cujas levas têm aumentado de ano para ano, em virtude do flagelo periódico da seca do Nordeste.

No Guaporé, como em quase toda a área da Amazônia, o elemento negro não teve importância no devassamento, nem na ocupação do solo, como verificamos na área do Nordeste. Entretanto, cabe, como já dissemos, ao caboclo nordestino o maior papel no devassamento e na ocupação do solo da Amazônia.

Segundo dados fornecidos pelo prefeito BOEMUNDO ÁLVES AFONSO, as primeiras levas de povoadores nordestinos chegaram à região de Pôrto Velho, aproximadamente entre os anos de 1860 a 1870. Vinham para extrair a goma elástica e se estabeleceram, de preferência, nas margens do rio Madeira, onde já existia um bom número de bolivianos. O início do agrupamento humano de Pôrto Velho somente começou, como teremos oportunidade de estudar mais adiante, nos fins do ano de 1907 e início de 1908, devido à localização do marco zero da ferrovia Madeira-Mamoré. No mapa da distribuição da população verificamos como traço mais frisante, a dispersão ao longo de certos rios. Porém, nem todos os rios são ocupados, pois, a atividade econômica que explica este tipo de dispersão da população — extrativismo vegetal, encontra em certos rios um obstáculo de origem humana — o “índio”, o qual amedronta o extrator da borracha.

A atividade econômica, quase exclusiva em todo o território, é a extração da borracha.³² A floresta ocupa, como já assinalamos, quase toda a superfície dessa unidade política da federação, e o homem vive, em estado quase primitivo, a coletar o “látex” e a caçar os animais silvestres para sua alimentação. Ao contrário do que observamos no território do Amapá, os seringueiros do Guaporé apenas se interessam pela borracha, sendo raros os que coletam a castanha, a não ser quando o preço foi suficientemente compensador. O trabalho no seringal é sazonal, podendo-se dizer que a maior parte dos seringueiros apenas trabalha durante o verão (meses de março até fins de agosto), isto é, estação seca. Durante a época das chuvas a maioria abandona os seringais e vai para as cidades — Pôrto Velho e Guajará-Mirim. Uma vez na cidade, os seringueiros esbanjam tudo o que por acaso tenham conseguido com seu árduo trabalho, e ao terminar o inverno, retornam aos seringais sem dinheiro e, por vezes, adoentados em virtude da vida social diferente a que se entregaram. O problema psicológico do homem que vive isolado, sozinho e, muitas vezes mesmo, sem sua mulher, faz com que este, ao chegar à cidade, procure satisfazer suas necessidades biológicas. Assim, geram problemas diversos, enchendo os dois centros urbanos, e atraindo mesmo, as mulheres de vida irregular de outras cidades da Amazônia, que para aí se dirigem por esta ocasião.

³² A este propósito o inspetor regional, JOSÉ BEZERRA DUARTE, no seu relatório sobre as ocorrências verificadas durante o recenseamento de 1950, salientou que devido às condições especialíssimas da vida no território e a incipiência das atividades econômicas, os censos agrícola e econômico tiveram uma expressão quase nula. “O território praticamente não possui agricultura nem pecuária. Esta, sobretudo, nem mesmo em estado incipiente, pode dar-se como existente” — In: Relatório citado.

O trabalho do seringueiro, na coleta do produto nativo, constitui um quadro dramático, que precisa sofrer uma completa transformação. Êstes indivíduos, de baixo nível cultural e cheios de mazelas, precisam ser mais bem amparados e “educados”. Todavia, o maior óbice parece-nos que está na própria organização econômica dos seringueiros nativos. O “aviamento”³³ constitui o primeiro ato de submissão do seringueiro ao entrar para o seringal.

O seringueiro é obrigado a viver disperso, em razão do próprio capricho da natureza, ao espalhar as espécies produtoras de “látex”. Observando-se o mapa da distribuição da população, vê-se que é ao longo dos rios e da ferrovia Madeira-Mamoré, que se encontra dispersa a população do território. No município de Guajará-Mirim, os rios Pacaás Novos e São Miguel são os que merecem mais destaque. Êste último rio pode ser considerado como um dos afluentes do rio Guaporé, mais populoso, depois do Pacaás Novos e seu afluente Ouro Preto, onde existem cerca de 789 seringueiros. Na foz do Pacaás Novos encontra-se atualmente, também, o estabelecimento de alguns lavradores. Essa concentração relativa, que se verifica nesses rios, pode ser explicada pela proximidade de Guajará-Mirim, centro de abastecimento mais fácil que Pôrto Velho em determinados produtos.

No município de Pôrto Velho, os rios Candeias e Jamari têm tendência a ser mais povoados nos altos cursos, onde se encontram grandes seringais. No rio Jamari o maior número de habitantes se encontra de Ariquemes para montante. *Entre um rio e outro há um imenso espaço constituindo um vazio demográfico do homem civilizado, e ocupado de modo precário pelo índio.* A êste propósito, assim se expressou o inspetor regional de estatística do Guaporé, em seu relatório: “Há uma população, porém, que não foi computada no VI recenseamento geral do Brasil. É a população indígena. Há várias conjecturas a respeito do número de indígenas nesta região. Múltiplas e variadas são as estimativas sobre os índios existentes dentro da área geográfica do Guaporé. Essas estimativas dão de 10 a 50 mil silvícolas, em estado bravia. Talvez nos aproximemos mais da realidade se escolhermos um termo médio, isto é, entre 25 e 30 mil. Um fato incontestável é que ninguém lhes poderá precisar o número. Sabe-se, apenas, que eles existem em número elevado e ocupam ainda, de modo predominante, cerca de um terço da área total do território. Êstes são os informes, de acordo com a opinião de representantes do Serviço de Proteção aos Índios, nesta região”³⁴.

Nas cabeceiras do rio Bravia e de seu afluente Colorado os indígenas formam os maiores agrupamentos, sendo ainda caracterizados por sua ferocidade. Também ao longo da ferrovia, no trecho entre Araras e Pau Grande, eles costumam atacar os trabalhadores da linha férrea, quando os encontram isolados. Êste trecho constitui para o “cossaco”³⁵ um verdadeiro degrêdo. Os índios não atacam o grupo, escolhem sempre o momento em que o indivíduo esteja distraído e sozinho. Em Ribeirão o Serviço de Proteção aos Índios mantém um posto de atração de índios, todavia consideramos as instalações ainda um pouco deficientes (Figs. 25 e 26).

³³ “Aviamento” — denominação dada ao abastecimento fornecido adiantadamente ao caboclo.

³⁴ J. B. DUARTE — *Relatório citado*.

³⁵ Denominação regional dada aos trabalhadores assalariados, que cuidam da reparação da linha férrea.

No mapa da distribuição da população rural e urbana (Fig n° 27) apenas representamos a população civilizada, pois, como vimos na citação do Prof.



Fig n° 25 — Sede do posto de atração dos índios em Ribeirão, do S P I

(Foto do autor)

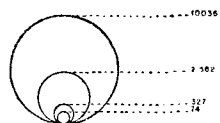
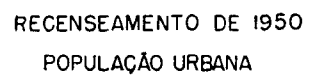


Fig n° 26 — Índias civilizadas no posto de atração, em Ribeirão

(Foto do autor)

BEZERRA DUARTE, não é possível se estabelecer, ao certo, o número dos silvícolas. Se nos fôsse possível incluir a população indígena, observaríamos que os vazios seriam bem menores. O seringueiro tem muito medo do ataque dos índios, aos

GUAPORÉ



CADA PONTO CORRESPONDE A 20 HABITANTES

ESCALA 1:2000 000

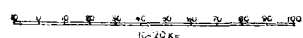


Fig. 27

quais denominam de “caboclo”³⁶, preferindo abandonar a exploração da borracha nos locais onde estes aparecem com mais frequência. As estimativas são, como vimos, muito variáveis, de modo que não podem merecer maior crédito do que a de uma simples estimativa, feita sem nenhum fundamento. Dêste modo somos obrigados, no presente, a representar apenas a população civilizada.

O rio Madeira é o que concentra maior população, a qual está principalmente na margem direita. Aliás, a dissimetria na distribuição da população, no trecho entre Pôrto Velho e Abunã, é explicada pela existência da ferrovia Madeira-Mamoré.

Secundariamente podemos ainda considerar outras atividades econômicas, além da dos seringueiros como: a dos lavradores, trabalhadores da ferrovia e faiscadores. Quanto às atividades da lavoura, são muito reduzidas, e raros são os que se dedicam aos trabalhos agrícolas. Entretanto, é no trecho entre Laje e Bananeiras, nos arredores de Guajará-Mirim, nas proximidades de Pôrto Velho, ao longo do rio Madeira, bem como em algumas pequenas colônias, como a de Candeias, onde se encontram alguns colonos. É, portanto, no trecho entre a ferrovia Madeira-Mamoré — o rio Mamoré e a localidade de Araras ao norte, e Guajará-Mirim ao sul — que se encontra a maior parte da população agrícola. Esta faixa contava, em 1950, com 1 020 habitantes.

A ferrovia Madeira-Mamoré emprega numerosos trabalhadores assalariados, e 27 “contratistas”³⁷. Quanto aos “faiscadores”, estes são em pequeno número e somente a partir de 1951, com as descobertas feitas em Rondônia, no alto Jiparaná, é que chegou grande número de caboclos. Assim, o trecho entre Rondônia e Pimenta Bueno, que segundo os resultados do último recenseamento, acusou a existência de 79 habitantes, tem atualmente, conforme dados estimativos, cerca de 5 000. Este movimento de população para Rondônia, começou, a partir de 1951, com a descoberta de diamantes na região.

Resumindo estas observações, devemos frisar que a fraquíssima densidade relativa de população, constitui grande obstáculo ao desenvolvimento econômico da região. A atividade econômica, quase única em todo o território, é a da extração do “látex”. Esta é realizada em seringais “nativos”, onde as “estradas” abertas exigem do homem o seu isolamento e dispersão. De modo geral, a população vive em pequenas clareiras marginais, ao longo dos rios.

Outros grupos humanos vivem ao longo da ferrovia Madeira-Mamoré, sendo trabalhadores assalariados os “cossacos” (denominação regional) e os “contratistas”. Há, ainda, os colonos, que vivem da lavoura incipiente.

2 — Principais núcleos de população e suas funções

O estudo dos agrupamentos humanos, suas causas de formação, sua evolução, suas relações com outros núcleos, constituem um fato de capital importância para a geografia humano-econômica. Assim, surgem explicações

³⁶ O seringueiro usa a palavra “caboclo”, quando se refere ao índio. O emprêgo desta palavra toma, neste caso, o sentido de população atrasada.

³⁷ “Contratista” — denominação regional dada ao fornecedor de lenha e dormentes à ferrovia.

para os diferentes traços fisionômicos, impressos pelos grupos humanos na paisagem natural.

Não pretendemos, aqui, realizar um estudo completo de todos os agrupamentos humanos do território, mas nos restringiremos mais especialmente aos de Pôrto Velho e Guajará-Mirim

O núcleo populacional, que constitui hoje a capital do território do Guaporé, teve início no ano de 1907, com os trabalhos da construção da ferrovia Madeira-Mamoré. Nenhum estudo da evolução e mesmo da vida de Pôrto Velho pode ser feito, independente desta ferrovia. E, como assinalou com grande justeza ANTÔNIO CANTANHEDE, em seu livro *Achegas para a história de Pôrto Velho*: "Esta cidade está tão intimamente ligada àquela estrada, que não se pode falar ou escrever sobre uma, sem fazer-se referências à outra" (p. 17)

Na cidade de Pôrto Velho está o quilômetro zero da ferrovia Madeira-Mamoré (Fig. 28), que percorre 366 quilômetros para chegar a seu ponto terminal, a cidade de Guajará-Mirim (Fig. 29)



Fig. n.º 28 — Estação inicial da estrada de ferro Madeira-Mamoré, na cidade de Pôrto Velho (Foto do autor)

Até fins de 1907, a área onde se erguem hoje, as construções da capital do Guaporé, era toda coberta de floresta, existindo, porém, um local, que era chamado, como diz A. CANTANHEDE, Pôrto do Velho ou Pôrto Velho, donde o nome atual (p. 30) para a cidade que, a partir de 1943, se constituiu em capital do território.³⁸

³⁸ A este propósito o prefeito, BOEMUNDO ÁLVARES AFONSO, em sua monografia histórico-geográfica, preparada para o Serviço Nacional de Recenseamento, em 1940, também invoca o mesmo argumento, dizendo que a origem deste nome se deve à corruptela da expressão "pôrto do velho", referente à barraca de um velho, situado num dos melhores e mais preferidos pontos de atracação sobre o rio, logo abaixo de Santo Antônio (hoje Alto Madeira). Desta expressão ligou-se o nome ao lugar e, mais tarde, ao município.

Mesmo alguns anos antes, ou mais exatamente, em 1878, a firma P. & T. Colins havia pensado transferir o começo da linha férrea para a localidade de Pôrto do Velho, ao invés de Santo Antônio (hoje Alto Madeira), devido às dificuldades para a atracação de navios, neste local, como também por êle ser considerado muito doentio



Fig n° 29 — Aspecto da região onde se encontra a estação de Guajará-Mirim, cujas instalações são acanhadas

(Foto do autor)

Quanto à incidência do complexo patogênico tropical nesta área, e mais especialmente a malária, podemos dizer que estão começando a merecer maiores investigações, não só do ponto de vista profilático e da cura, como, também, das suas manifestações no decorrer do tempo. Não podemos deixar de citar os trabalhos dos Drs. RUBENS S. BRITO e JOSÉ COTRIM, que em recente publicação na *Revista Brasileira de Medicina*, assim se expressaram: “Cabe à malária, indisputavelmente, a responsabilidade maior nas lendas que correm mundo em torno da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, a “estrada dos trilhos de ouro”, da qual “cada dormente corresponde a uma vida” Em que pese ao exagêro de ambas as afirmativas (o custo do quilômetro, averbado oficialmente, montou a Rs 169 702\$132 e o total de óbitos no período da construção, de junho de 1907 a julho de 1911, foi de 1 547, para cêrca de 615 000 dormentes)³⁹ e, mesmo considerando as mortes ocorridas entre 6 de julho de 1872 a 9 de julho de 1873, época dos trabalhos da “Public Works Construction Company”, em Santo Antônio, e as verificadas entre os homens de P & T Colins (1878-79) e Pinker (1883), não parece haver dúvidas, pelo que se veio a comprovar posteriormente, que a malária contribuiu poderosamente para o con-

³⁹ RUBENS S. BRITO e JOSÉ COTRIM, “A propósito do índice de transmissão da malária em menores de um ano, no Guaporé”, In: *Revista Brasileira de Medicina*, vol VIII; n° 9, setembro de 1951 (Citações 1 e 2 — Tenente-coronel ALOÍSIO P. FERREIRA — “História da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré” — Conf. proferida na Soc. dos Amigos de Alberto Tôrres, em 6-3-1936 e NEVILLE B. CRAIG, “Estrada de Ferro Madeira-Mamoré” Trad. de M. N. VASCONCELOS Comp. Ed. Nacional, 1947)

ceito de insalubridade que de há muito se tem desta zona descrita pela primeira construtora, no pedido de rescisão do contrato, em 1873, como “antro de podridão, onde os homens morriam quais mósas” e “que, mesmo dispondo-se de todo dinheiro do mundo e da metade de sua população, seria impossível construir a estrada(2)”(1)

O problema da insalubridade da região e a má fama devido às febres, fizeram com que esta área, assim como a maior parte da Amazônia, ficasse re-negada, e fôsse considerada como local de degrêdo ⁴⁰

A revista *A Engenharia*, editada no Distrito Federal, no seu número de novembro de 1912, contém um artigo com a informação de que, embora em janeiro de 1908, já estivessem prontos os primeiros trabalhos da locação e tivessem embarcado em Santiago de Cuba 350 homens, estes, ao chegarem ao Pará, foram informados das condições de insalubridade reinante na região do Guaporé, e o resultado é que desta leva de homens, já acostumados ao trabalho em regiões difíceis, somente 65 tiveram coragem de prosseguir viagem ⁴¹. Estes dados servem como informativos para se compreender as dificuldades em que tem vivido a região para se desenvolver, por causa da falta de braços. A evolução do povoamento, ao longo da ferrovia, e a ocupação da área, que constitui hoje a cidade de Pôrto Velho, se deram lentamente e com dificuldade. Porém, a partir do uso do D D T, ou melhor, da dedetização das casas, quer nas áreas urbanas, quer nas zonas rurais, a situação está sendo completamente transformada, no que diz respeito ao ataque feito pelos anofelinos aos grupos humanos. Quem percorre a região nota, perfeitamente a segurança da população, diante da aplicação desse inseticida, tanto assim que, em 1951, tendo havido dificuldades para se conseguir importar o D D T., registraram-se alguns casos de malária, na zona urbana de Guajará-Mirim e, também, de Pôrto Velho, o que causou certo pânico entre os habitantes. Antes do uso do D D T. a população estava acostumada a este mal ⁴², de modo que não eram

⁴⁰ Na maior parte das descrições feitas pelos conhecedores da região, estes, ao se referirem ao estado sanitário, sempre salientaram os efeitos maléficos da malária. O tenente O F FERREIRA E SILVA, no seu relatório sobre as explorações feitas no rio Jamari, por ocasião dos trabalhos da Comissão Rondon, diz o seguinte: “A região é insalubre, como o indicam as várias causas citadas, além das quais devemos ainda nos referir ao desleixo, imprevidência e à falta de vigilância dos que têm responsabilidade por tantas vidas sacrificadas no povoamento do rio

É difícil encontrarem-se, no Jamari, pessoas de avançada idade: apenas vimos nessas condições os velhos Bufo e Basílio

A expedição perdeu o diarista MANFREDO DOS REIS MACIEL e o soldado JOSÉ FERREIRA DO NASCIMENTO, ambos vítimas do impaludismo

Todo o pessoal sofreu febres intermitentes, em parte combatidas, mas, regressou depauperadíssimo, de Jatuarana, onde foi forçada à suspensão do serviço do levantamento, pela falta absoluta de saúde” (p 21)

A este propósito é interessante citarmos, também, um trecho do trabalho do Prof PIERRE GOUROU, no qual o autor escreve o seguinte: “Em 1942, uma missão de pesquisas pedológicas foi enviada ao Guaporé, pelo Instituto Agrônomo do Norte e todos os seus membros foram atingidos pelo impaludismo e as afecções intestinais. As pesquisas foram interrompidas e o estado de saúde de seus membros tornou-se tão grave, que parte das amostras de solo, já recolhidas, foi abandonada na floresta e perdida. In: *Revista Brasileira de Geografia*, ano XII, n° 2, (p 179)

⁴¹ “Estrada de Ferro Madeira-Mamoré” In: *A Engenharia*, novembro de 1912 — Distrito Federal

⁴² Na *Revista do Serviço Especial de Saúde Pública*, ano I, n° 4, 1948, encontramos um interessante artigo intitulado: “Notas sobre a Distribuição e a Biologia dos Anofelinos das Regiões Nordeste e Amazônica do Brasil” da autoria dos Drs L M DEANE, O R CAUSEY e M P DEANE, do qual retiramos o seguinte trecho: “Ao longo da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (Guaporé) que é uma das zonas mais paludosas da Amazônia, tanto a malária como o *darlingi* foram encontrados em quase todas as localidades inspecionadas entre março e maio de 1943; a esse tempo o *darlingi* foi quase sempre o único anofelino apanhado dentro das casas em número apreciável. Jaciparaná era, então, a localidade mais malarígena da ferrovia e também aquela em que se encontrou o *darlingi* em maior densidade (P 849) — O grifo é nosso

estrianháveis os casos fatais por êle produzidos. Torna-se, por conseguinte, necessário mostrar a quantos se interessam pelo problema, as modificações introduzidas pela dedetização, e as possibilidades de uma ocupação efetiva de toda a área, sem que se seja atingido pela febre. Embora voltemos ainda a tratar dêste assunto, não podemos, todavia, deixar de insistir nos benefícios que se têm conseguido para a ocupação efetiva desta área com a dedetização das casas em geral. O seu uso começou em 1946, graças aos trabalhos do SESP, na cidade de Pôrto Velho, prosseguindo, depois, ao longo da ferrovia Madeira-Mamoré, rios Mamoré, Guaporé, Machado e Jamai, chegando, hoje, a quase todas as residências do território.

A aplicação do D. D. T não se restringe, apenas, às áreas urbanas, mas se estende aos agrupamentos humanos menores, e mesmo às residências isoladas. Assim, êste benefício não está restrito apenas às cidades, mas a toda a região.

O local ocupado, hoje, pela cidade de Pôrto Velho, em virtude de ter seu solo em parte areno-argiloso e de coloração por vezes avermelhada, foi mesmo preterido por parte dos próprios grupos indígenas, como afirma A. CANTANHEDE, devido ao fato de êles procurarem, sempre que possível, áreas de terras pretas para a lavoura, juntamente com a existência de barro a pouca distância, para o fabrico de sua cerâmica.⁴³ O começo do povoamento da área, hoje ocupada por Pôrto Velho, pode ser demarcado pelos fins do ano de 1907, quando para aí voltaram as vistas os dirigentes da construção da ferrovia Madeira-Mamoré.^{43a} O seu desenvolvimento, embora lento, foi absorvendo por atração, pouco a pouco, o pequeno núcleo do Alto Madeira.^{43b}, cujos habitantes foram preferindo a cidade de Pôrto Velho, dando, como consequência, o quase desaparecimento do antigo aglomerado humano, hoje muito reduzido.^{43c} Aliás, é preciso invocar que a cidade de Pôrto Velho dista apenas 6 quilômetros de Alto Madeira, e ainda a facilidade de comunicação fornecida pela Madeira-Mamoré.

⁴³ A. CANTANHEDE. Obra cit. (p. 35)

^{43a} Em 1910 a população de Pôrto Velho era de 800 habitantes. In: *Construção de estradas de ferro em regiões insalubres*. Documentos Oferecidos aos Médicos e Engenheiros do Brasil pela Brazil Railway Company" (p. 38)

^{43b} No interessante trabalho intitulado *Construção de estradas de ferro em regiões insalubres*, (Documentos oferecidos aos médicos e engenheiros do Brasil) — e do capítulo assinado pelo Dr. OSVALDO CAUZE (1910), transcrevemos o seguinte tópico: "A população da cidade é de 2 000, indo a cerca de 3 000 pessoas por ocasião da descida dos batelões com a borracha. Por essa ocasião a população adveniência sem casas, dormem em barracas à margem do rio.

A vila não tem esgotos, nem água canalizada, nem iluminação de qualquer natureza. O lixo e todos os produtos da vida vegetativa são atirados às ruas, se merecem êste nome vielas esburacadas que cortam a infeliz povoação. Encontram-se colinas de lixo, apoiadas às paredes das habitações. Grandes buracos no centro do povoado recebem as águas das chuvas e da cheia do rio e transformam-se em pântanos perigosos, donde se levantam nuvens de anofelinos que espalham a morte por todo o povoado. Não há matadouro. O gado é abatido em plena rua, a carabina e as porções não aproveitadas: cabeça, vísceras, couro, cascos, etc., são abandonadas no próprio local em que foi a rês sacrificada, jazendo num lago de sangue.

Tudo apodrece junto às habitações e o fétido que se desprende é indescritível. Sobre os organismos que vivem em tal meio o impudismo faz as maiores devastações que se conhecem. A população infantil não existe e as poucas crianças que se vêem têm vida por tempo muito curto. Não se conhecem entre os habitantes de Santo Antônio pessoas nascidas no local; essas morrem todas.

Sem o mínimo exagero, pode-se afirmar que toda a população de Santo Antônio está infectada pelo impudismo.

Acresce ainda a dificuldade da vida nessa vila" (pp. 27/28)

^{43c} EDUARDO BARROS PRADO em seu livro: "Eu vi o Amazonas" ao descrever os aspectos de Pôrto Velho em seus primórdios disse: "Durante os primeiros anos de construção, Pôrto-Velho dera a impressão de um destino secundário, qual o de servir exclusivamente à convivência dos trabalhadores da via-férrea, pois que apresentava o espetáculo dum grande acampamento semeado de multicóres barracas de campanha. Raras eram as famílias que se arriscavam a viver ali. O centro era propício à perdição; ali imperavam o jôgo, a bebida e o meretrício" (pp. 166/167)

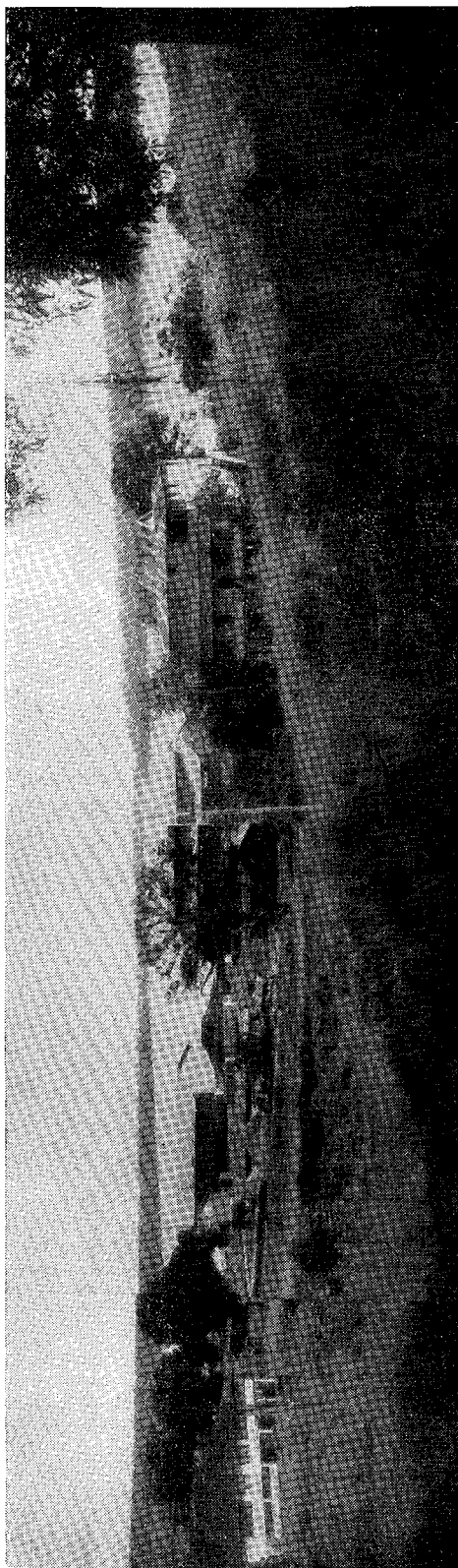


Fig. n.º 30 — Vista do rio Madeira e das instalações portuárias, e do centro inicial da estrada de ferro Madeira-Mamoré, na cidade de Pôrto Velho. É preciso, todavia, salientar que não existe aí um cais acostável, nem guindaste para atender as necessidades dos embarques e desembarques. Por conseguinte, na linguagem técnica, poderíamos dizer que não existe em Pôrto Velho um pôrto organizado. A construção de madeira, de dois andares, coberta de zinco, que aparece na parte direita da foto acima, é a sede da agência do Banco do Brasil na capital do território federal do Guaporé.

(Foto do autor)

O lugarejo de Pôrto Velho, embora a partir de 1914 fôsse a sede do município⁴⁴, criado por efeito da lei estadual do Amazonas, de 2 de outubro do mesmo ano, somente em 1919 foi elevada à categoria de cidade (decreto-lei n.º 1 011, de 7 de setembro de 1919).

A grande característica da cidade de Pôrto Velho é ter servido, desde o início, como entreposto comercial da Bolívia⁴⁵.

⁴⁴ Segundo os dados que colhemos na monografia histórico-geográfica, feita pelo prefeito BOEMUNDO ÁLVARES AFONSO, para o Serviço Nacional de Recenseamento, a tradição corrente é que foi frei JOÃO DE SAMPAIO quem fundou as missões no rio Jamari e seu confluente Candeias, para a catequese dos índios, sendo, assim, considerado como o primeiro a ter penetrado nas terras do atual município de Pôrto Velho, em 1722/1728. E, quando o sertanista, FRANCISCO DE MELO PALHÊTA, subiu o rio Madeira por ordem do governador do Pará, MAIA GAMA, encontrou frei JOÃO DE SAMPAIO nas vizinhanças da cachoeira Santo Antônio, no rio Madeira.

⁴⁵ Quanto à população, nos primórdios do agrupamento humano, isto é, em fins de 1907 até 1911, era constituída, em grande parte, de elementos estrangeiros, como: espanhóis, barbadianos, gregos e de várias outras nacionalidades.

O elemento estrangeiro, que foi para a região, a fim de trabalhar nos serviços da Estrada de Ferro, teve grande influência na própria construção da cidade.

Atualmente, segundo informações extraídas da monografia do prefeito BOEMUNDO ÁLVARES AFONSO, a porcentagem destes estrangeiros não excede a 5% da população (1940), com predominância do elemento barbadiano, sendo, ao todo, uns 200 indivíduos, geralmente artífices ou diaristas. A influência deste elemento, em nossos dias é relativamente pequena.

Grande parte das mercadorias, usadas na Bolívia, é transportada pela ferrovia Madeira-Mamoré, passando primeiramente em Pôrto Velho. Não se pode esquecer, também, que toda a região que pertencia ao noroeste de Mato Grosso, como seja o município de Santo Antônio, (hoje integrado dentro do município de Pôrto Velho) e o de Guajará-Mirim, também se abastecia em parte, em Pôrto Velho.

A atual cidade de Pôrto Velho se estendeu sensivelmente, sendo mesmo grande a área ocupada⁴⁶ pelo casario, que primeiramente se concentrou na parte baixa, isto é, na depressão causada pelo igarapé Favela e nas proximidades da sede dos serviços administrativos da ferrovia Madeira-Mamoré (Fig. 30). Daí começou a cidade a subir em direção ao Caiari, ao Alto do Bode, Mocambo, etc.⁴⁷.

Descrevendo-se o sítio da cidade pode-se compreender melhor a sua atual localização e também o primitivo centro, e sua irradiação, ou melhor, o seu crescimento.

A topografia da região de Pôrto Velho foi dissecada pelo afundamento do rio Madeira e do igarapé Grande e seus afluentes, dando, assim, aparecimento a uma região ondulada, como se pode observar na parte mais central do referido aglomerado humano.

A parte baixa da cidade, onde se localiza o bairro comercial, por excelência, de Pôrto Velho (Fig. 31), ocupa o fundo do antigo leito do igarapé Grande e de seus afluentes, tendo sido aí que se realizou primeiramente o maior desenvolvimento (Figs. 32 e 33). Da parte baixa da cidade, na direção do norte, observa-se o aparecimento de um grande declive, que liga a zona baixa à parte alta — o bairro do Caiari (Fig. 33^a).

No topo da plataforma, na qual se acha localizado o bairro residencial do Caiari, aparecem afloramentos de canga, que deviam dar, no começo da ocupação da região, um esculpamento tipo cornija. Hoje, no entanto, em virtude dos trabalhos humanos, isto é, as construções, a escarpa se encontra cortada de ruas, as quais exigiram trabalhos de rebaixamento. No sopé do declive, no local próximo à sede do Banco do Brasil, encontram-se blocos da crosta de canga que foi desmantelada da parte superior, desmoionando-se para baixo. No trecho do bairro Caiari entre o Palacete do Rio Madeira e o Palácio do Governo, o laterito forma uma crosta compacta, tendo exigido da Prefeitura Municipal, nos trabalhos para a regularização do declive das avenidas que ligam Caiari à parte baixa da cidade, o uso de perfuradores mecânicos para trabalhar esta pedra, que aflorava no topo da plataforma, constituindo como que uma cornija.

⁴⁶ A monografia histórico-geográfica do prefeito BOEMUNDO ÁLVARES AFONSO, de 1940, diz que a área da cidade de Pôrto Velho é, neste ano, de 70 hectares. Hoje, embora não tenhamos dados oficiais da Prefeitura Municipal, podemos dizer que a área é bem maior, talvez quase duplicada.

⁴⁷ A morfologia urbana revela a existência de ruas e avenidas bem traçadas no sentido norte-sul e este-oeste. De modo geral elas se estendem mais no sentido N-S, cerca de 1 500 metros, sendo no sentido E-W apenas 800 metros. Em 1940, segundo o prefeito BOEMUNDO A. AFONSO existiam 28 ruas, travessas e avenidas, todas se cruzando na quase totalidade em ângulo reto. Quanto ao número de casas, existiam 400 no perímetro urbano e 250 no suburbano.

Na parte ao sul do fundo do vale, onde se localizou o primeiro casario de madeira de Pôrto Velho, quase completamente substituído pelas magní-

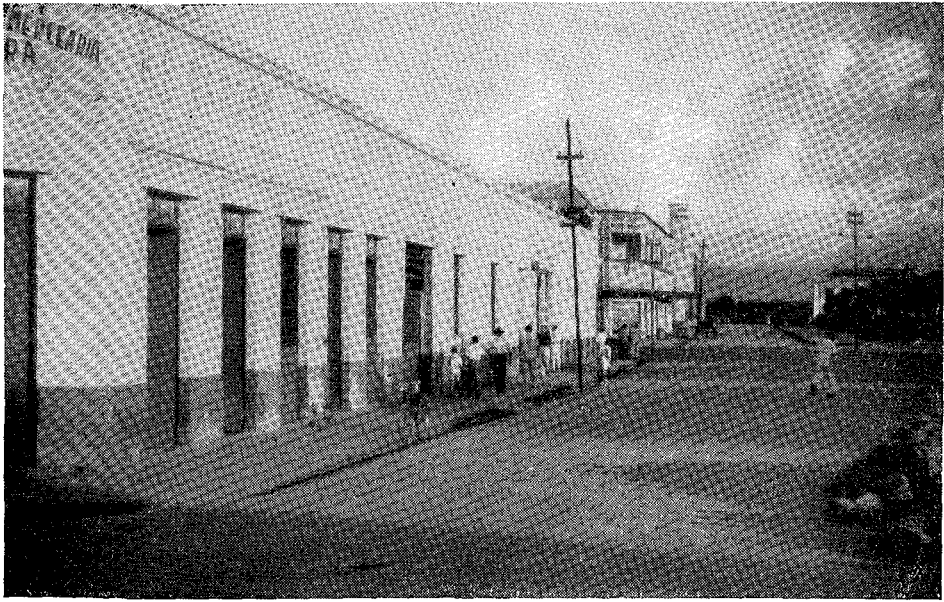


Fig n° 31 — Aspecto da parte baixa da cidade de Pôrto Velho, vendo-se o cinema e algumas casas comerciais

(Foto do autor)

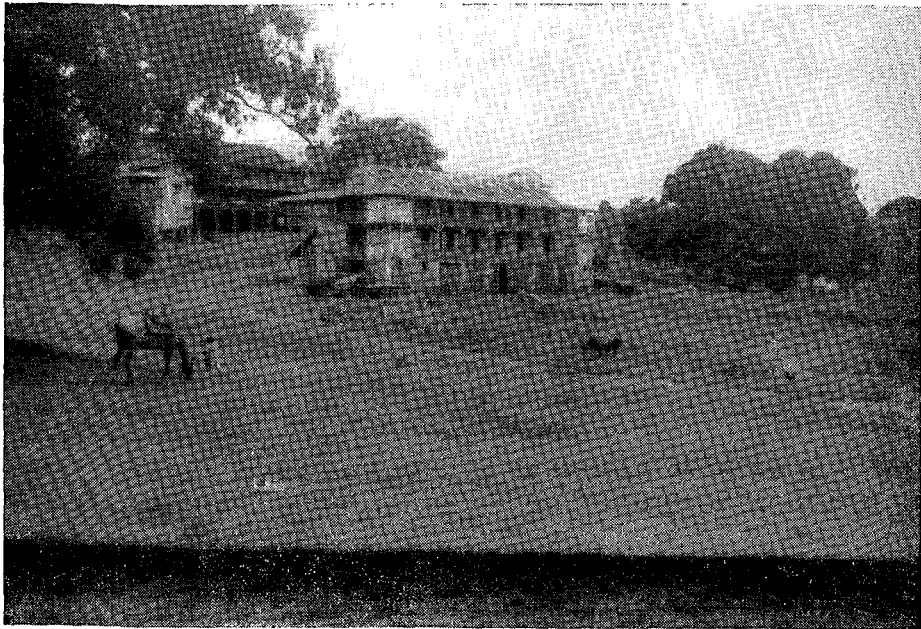


Fig n° 32 — Na foto acima observam-se alguns dos palácios de madeira, que foram os primeiros construídos na parte baixa da cidade, por ocasião da construção da Madeira-Mamoré. Estas grandes habitações de madeira, são ainda hoje utilizadas, mesmo como hotéis

(Foto do autor)

ficas construções de alvenaria, a topografia é mais ondulada, encontrando-se aí dois bairros pobres e pequenos, o Areal (Fig 34) e o Mocambo. Na direção de

leste, subindo a avenida 7 de Setembro, alcança-se a saída da rodovia que ligará a cidade de Pôrto Velho à capital de Mato Grosso — Cuiabá. Ao longo dessa



Fig n° 33 — *Aspecto da parte baixa da cidade de Pôrto Velho, e ao fundo, a parte alta, vendo-se o declive que dá acesso ao bairro Caiari*

(Foto do autor)



Fig n° 33^a — *Na topografia urbana de Pôrto Velho, o acesso da parte baixa da cidade — zona comercial para o bairro Caiari — parte alta, é feita vencendo-se uma rampa, a qual exigiu da Prefeitura o emprego de brocas mecânicas para cortar o laterito, como se vê na foto acima*

(Foto do autor)

saída da cidade estende-se, de um lado e doutro da rodovia, um casario, principalmente de casas de taipa, que constitui o chamado bairro do Quilômetro Um

(Fig. 35), atualmente denominado bairro de Nossa Senhora das Graças, por efeito de um decreto-lei da Prefeitura Municipal de Pôito Velho, de 1952.

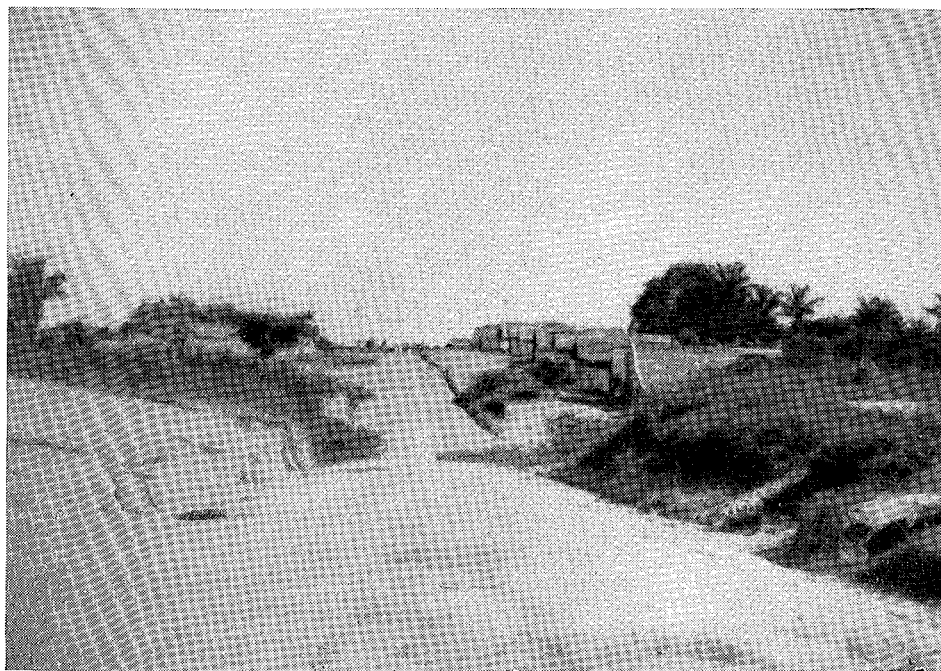


Fig n° 34 — *Bairro do Areal*

(Foto do autor)



Fig n° 35 — *Bairro Nossa Senhora das Graças, vendo-se o casario de pau a pique ou barreada*
(Foto do autor)

Aliás, devemos acentuar que embora fôsse denominado bairro do Quilômetro Um, êle se estende até o quilômetro 2, e daí as casas se espaçam mais

até o quilômetro seguinte. Este bairro é principalmente residencial, porém, de famílias pobres, existindo algumas casas de comércio, que são poucas para o abastecimento dos moradores daí. As construções são, na grande maioria, de taipa e cobertas de fôlhas de palmeira. Entretanto, existem também as que são cobertas de cavacos, telhas, etc. (Fig. 36)

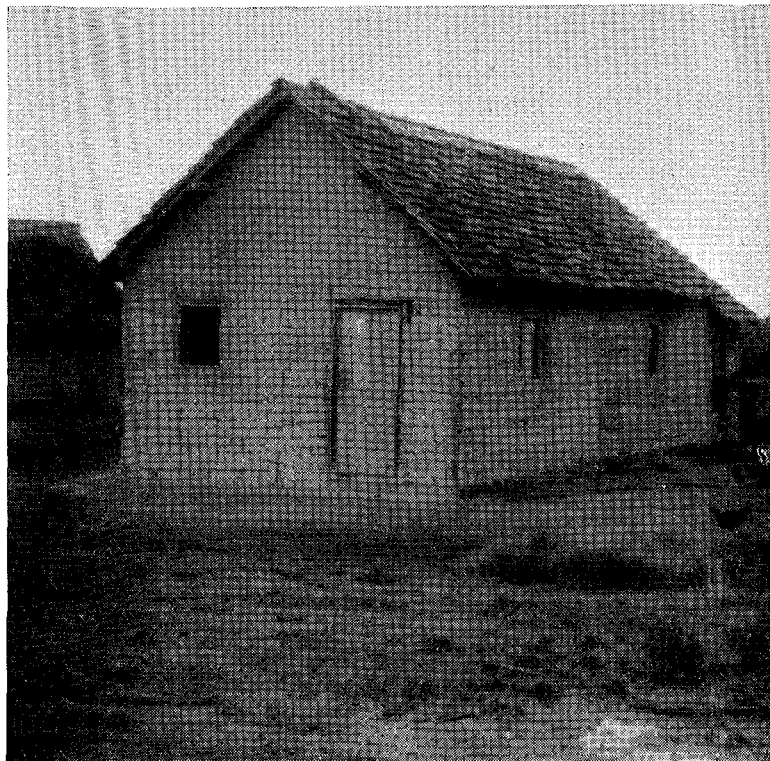


Fig. n° 36 — Casa de pau a pique, coberta de cavaco. Tipo de habitação muito freqüente, ocupada por trabalhadores que vivem na cidade, isto é, assalariados

(Foto do autor)

Ao contrário do que é comum em várias regiões da Amazônia, isto é, construção sobre estacas, em virtude da umidade do solo e do material utilizado — a madeira, a taipa permite que a casa esteja apoiada diretamente sobre o solo. Raras foram as casas de taipa, que vimos sobre pequenas estacas. Mas as poucas construções de madeira, que existem nesse bairro, estão na quase totalidade sobre estacas. A explicação geral dada pelo caboclo é de que tal tipo de construção permite fugir aos efeitos da umidade direta do solo.

Outros bairros residenciais desse tipo são os da Olaria, Areal, Mocambo (Fig. 37), Triângulo ou Alto do Bode. O chamado bairro da Olaria tem esse nome em virtude da cerâmica, ou melhor, da olaria existente no local.

As casas aí são modestas e na quase totalidade dominam as de taipa, cobertas com fôlhas de palmeira (Figs 38 e 39)

Dos bairros acima discriminados, o do Mocambo é o que possui habitações mais precárias em Porto Velho. Aliás, a denominação foi dada por causa do tipo de habitação aí existente. O bairro do Areal tem esse nome por causa do grande areal que aí existe. As primeiras construções apareceram em 1945 e o

máximo de expansão foi verificado em 1950. Não há ainda arruamento, distribuindo-se as casas um pouco irregularmente.

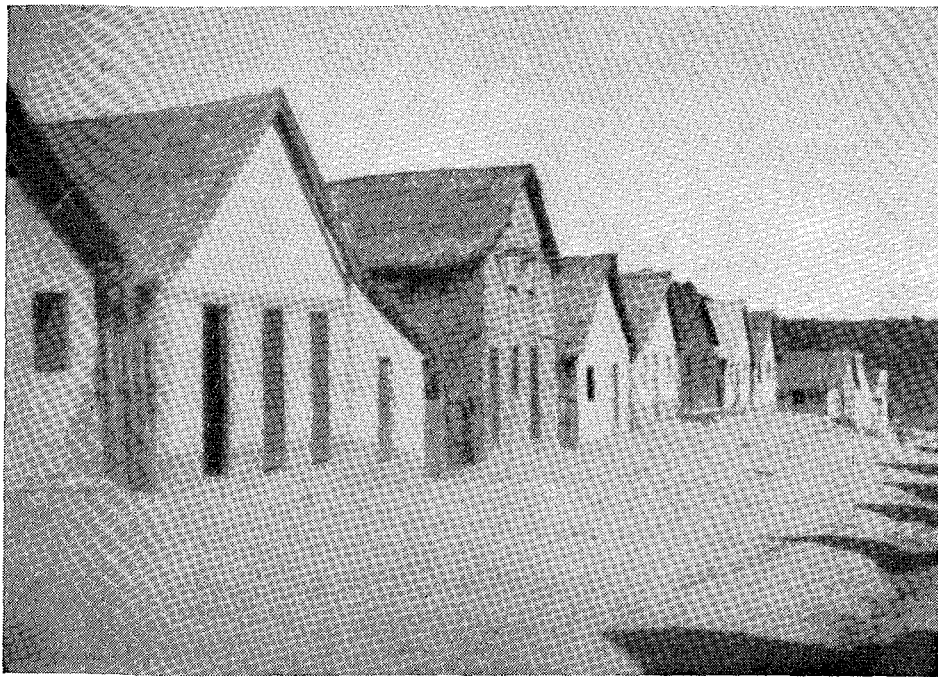


Fig. n° 37 — Aspecto parcial do bairro do Mocambo. Na foto acima vemos uma casa de pau a pique de dois pavimentos, construção esta muito pouco comum no território (Foto do autor)

O bairro do Tirângulo ou Alto do Bode é um dos mais antigos, porém, pouco cresceu, não sendo mesmo considerado por alguns como um bairro. Além desses citados, há ainda o da Baixa da União, que se localiza na parte baixa da cidade, sendo inundado periodicamente, razão pela qual tem sido mesmo preterido.

Após este estudo dos diversos bairros e o aspecto topográfico da região e suas funções, cumpre, todavia, destacar os dois mais importantes: o bairro Comercial e o do Caiari. O bairro Comercial é o mais antigo, como dissemos linhas atrás, e suas primeiras casas foram as comerciais, sendo a quase totalidade de alvenaria. As casas da ferrovia eram, ao contrário, de madeira, sendo de dois andares, sobre estacas e possuíam janelas enteladas para evitar o ataque dos mosquitos. Hoje apenas existem alguns remanescentes dessas construções. O comércio atacadista e varejista está localizado em grande parte nesta área da cidade.

O bairro do Caiari, onde aparecem as melhores edificações residenciais, pode no, entanto, ser subdividido em Caiari propriamente dito e Arigolândia. Neste último ficavam os "arigós", isto é, os recém-chegados. Hoje, esta parte da cidade de construções temporárias, está sendo transformada e ocupada por famílias da guarda territorial e trabalhadores do governo. O bairro Caiari, propriamente dito, começou a ser construído em 1939, e aí estão localizadas as residências melhores da cidade, na quase totalidade ocupadas por funcionários graduados na administração pública.

Estudando-se a expansão e o crescimento da cidade, observa-se que a partir de 1947 houve um aumento nas construções e um alargamento da área

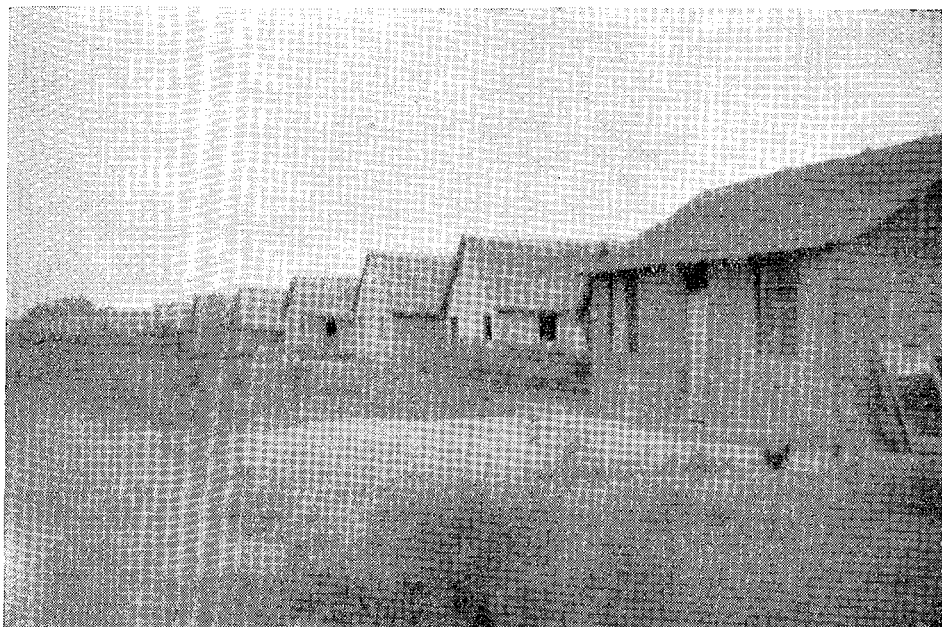


Fig n° 38 — Aspecto parcial de algumas casas baneadas, cobertas com folhas de palmeira, no bairro Olaria. Vê-se que algumas delas são construídas sobre pequenas estacas e outras inteiramente rebocadas e pintadas. De modo geral, são casas pequenas de dois a três cômodos, no máximo

(Foto do autor)



Fig n° 39 — Casa de comércio, no bairro da Olaria. A primeira parte, isto é, a da frente, é ocupada com mercadorias, e a dos fundos, é residência do dono do negócio

(Foto do autor)

ocupada, a tal ponto, que se está tornando necessária uma revisão na delimitação da área considerada urbana

Na parte referente à distribuição da população no território do Guaporé, tivemos oportunidade de tratar do crescimento vital da população na cidade de Pôrto Velho e vimos que, comparando os dados do recenseamento de 1940 com os de 1950, o crescimento foi de 7 027 habitantes. Como consequência normal, decorrente deste acréscimo populacional, houve o aumento do número de prédios na cidade, cujo ritmo foi o seguinte:

1946		1 355 habitações
1947		1 610 "
1948		1 777 "
1949		2 084 "

No decorrer de quatro anos se verificou, assim, um acréscimo de 729 habitações, tendo este número aumentado, mais ainda, nos anos de 1950 e 1951

A impressão que se tem da cidade de Pôrto Velho é a de dinamismo, e a vida não é parada como em Guajará-Mirim ou mesmo em outras cidades da Amazônia, como Rio Branco (cap. do Acre), ou mesmo Macapá (cap. do Amapá). Além do mais, o fato de Pôrto Velho ter-se estendido muito por causa da topografia do sítio urbano, condicionou a existência de um número relativo de carros de aluguel e particulares, que se movimentam nas suas ruas, enquanto nas cidades de Rio Branco e Macapá, em 1949 e em 1950, apenas existia em cada uma, um carro de aluguel

O transporte de mercadorias do pôrto ou da estação da Madeira-Mamoré é feito, em grande parte, em carroças puxadas a burro, ou a boi, ou em



Fig n° 40 — Carrinhos de mão, cheios de gêneros, utilizados nos transportes internos na zona urbana de Pôrto Velho — Na cidade de Guajará-Mirim também existem os carrinhos de mão e as carroças para os transportes na zona urbana. Os que não dispõem de veículos, transportam as mercadorias no seu próprio dorso ou carregam nas mãos

(Foto do autor)

carrinhos de mão (Fig. 40) raramente utilizam caminhão para os pequenos deslocamentos.

O abastecimento de água potável e a iluminação elétrica, na cidade de Pôrto Velho, são fornecidos pela Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. O serviço de água encanada, embora tenha sido inaugurado em 1923, até os dias atuais não existe uma estação de tratamento d'água. Quanto ao serviço de iluminação pública, começou em 1917. Ambos os serviços constituem uma sobrecarga para a administração da ferrovia, que está interessada que os mesmos passem para a jurisdição da Prefeitura Municipal.

Na cidade de Guajará-Mirim, cujo desenvolvimento é bem menor que o verificado em Pôrto Velho, não podemos ainda pensar em descobrir a existência de bairros nesse pequeno centro urbano. Apenas se verifica, do ponto de vista da estrutura urbanística, que as melhores habitações estão próximas da avenida Presidente Dutra, ou seja a "rua do comércio", como é mais conhecida, pelo fato de ser aí que se encontram os estabelecimentos comerciais. Nos locais mais afastados do centro do comércio existem praticamente pequenas "tabernas". Por conseguinte, é prematuro querer-se distinguir bairros em um aglomerado pequeno, como o de Guajará-Mirim, tendo em vista que o arruamento foi feito obedecendo-se à técnica moderna de ruas bem traçadas (Fig. 41), à semelhança do que se observa em Pôrto Velho. Se atravessarmos o rio Mamoré e chegarmos a Guaiaramirim (no território boliviano) a situação é completamente diferente. O seu desenvolvimento espontâneo, sem arruamento, daí, futuramente, aparecimento a uma cidade com ruas e praças tôdas tortuosas, ruas sem saídas, etc.⁴⁸

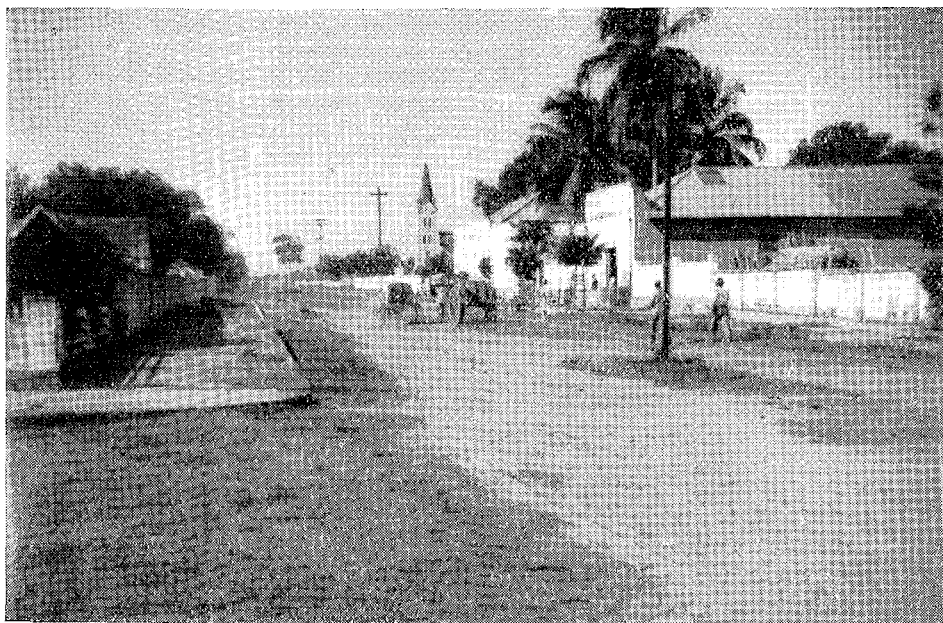


Fig. n.º 41 — *Aspecto de uma rua da cidade de Guajará-Mirim*
(Foto do autor)

⁴⁸ Na cidade de Guajará-Mirim encontra-se, atualmente, certo número de bolivianos, que todos os dias atravessam a fronteira e vêm trabalhar no lado brasileiro, em virtude do maior horizonte de trabalho.

A vida comercial da cidade de Guajará-Mirim não é intensa. A praça comercial, que fornece a esta longínqua cidade da margem direita do Mamoré,

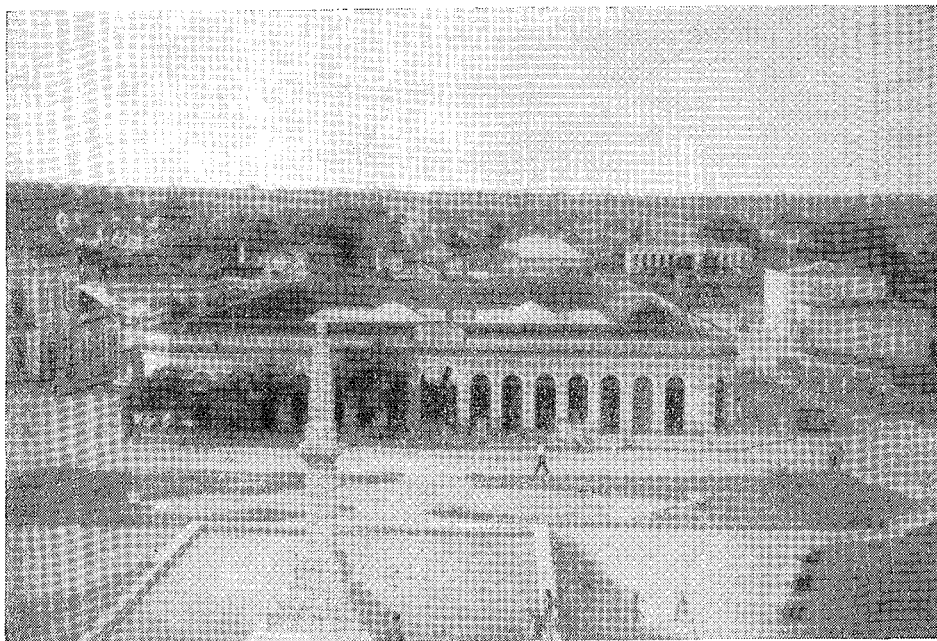


Fig n° 42 — *Vista do Mercado Municipal de Pôrto Velho, tirada de frente do Palácio do Govêrno*
(Foto do autor)

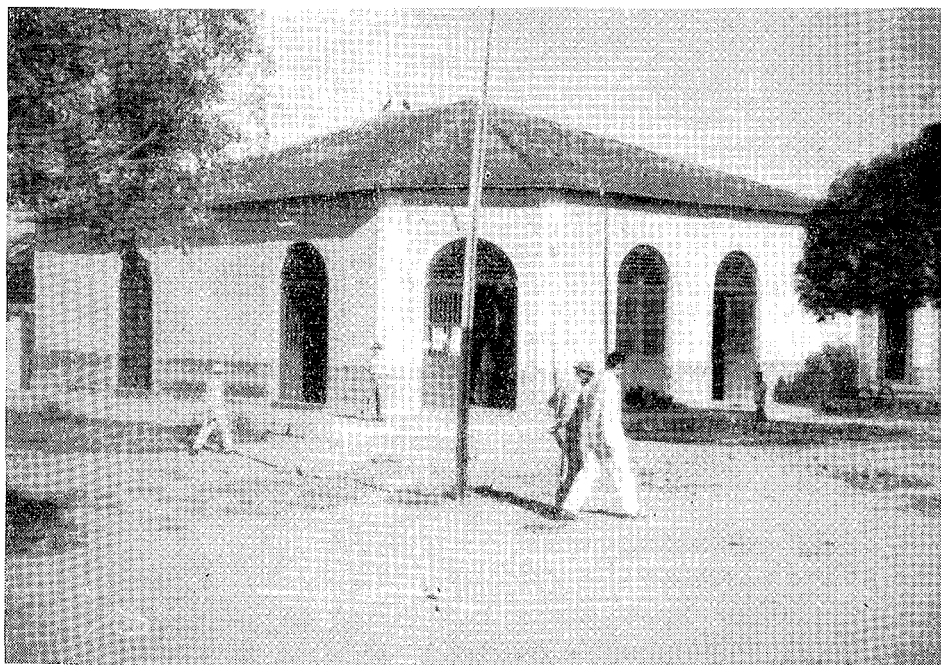


Fig n° 43 — *Pequeno mercado municipal da cidade de Guajará-Mirim.*
(Foto do autor)

é Belém Dito isto, logo se pode conceber o preço da mercadoria, que tem que percorrer tão grande distância

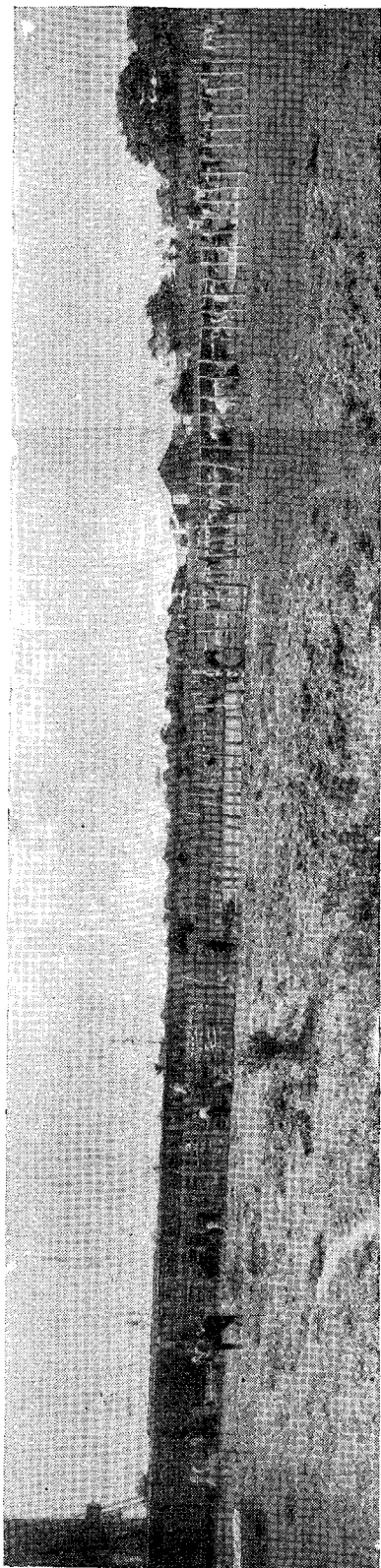


Fig. n.º 44 — “Trem de gado”, sendo carregado com animais bolivianos na cidade de Guajará-Mirim. O rebanho permanece num cercado, como o que é visto na foto acima, e é embarcado, semanalmente, para a cidade de Pôrto Velho. (Foto do autor)

Os produtos são embarcados em navios, no pôrto de Belém, e chegando a Pôrto Velho, são, então, embarcados na ferrovia Madeira-Mamoré, até chegar à outra ponta dos trilhos — Guajará-Mirim. As mercadorias leves, como medicamentos, ou ainda produtos manufaturados, que vêm do sul, são importados de preferência por via aérea. Possivelmente muitos não compreendem porque calçados ou peças de tecidos são embarcados por via aérea, uma vez que não são produtos perecíveis, e o frete aéreo é caro. Todavia, o preço dos outros fretes, devido às grandes distâncias e ao tempo gasto no deslocamento da mercadoria do centro de produção ao do consumo, compensa as despesas feitas com os transportes aéreos.

Existe, em Guajará-Mirim, um pequeno mercado municipal, cujos gêneros de primeira necessidade, como batatinha, cebolas, massas, hortaliças, são conseguidos, por vezes, no lado boliviano e revendidos no mercado desta cidade. Não se pode querer comparar o mercado municipal de Pôrto Velho (Fig. 42) com o de Guajará-Mirim, pois o primeiro constitui um centro comercial relativamente importante para a região enquanto o segundo é restrito, praticamente, aos gêneros alimentícios para a cidade (Fig. 43).

O abastecimento, de carne fresca, das duas cidades do território do Guaporé, é feito com gado importado diretamente da Bolívia (Fig. 44).

As cidades de Guajará-Mirim e Pôrto Velho são abastecidas, semanalmente, com produtos frescos, como: hortaliças, frutas e cereais, que são vendidos nas feiras organizadas pela Prefeitura de ambas as cidades (Fig.

45) Assim, aos sábados e aos domingos, pela manhã, são realizadas feiras nas duas cidades (Fig 46).

A feira de Guajará-Mirim é feita com os produtos da colônia agrícola Presidente Dutra, que dista 23 quilômetros da cidade, pela linha férrea.

Aos sábados, pela manhã, passa um trem enviado pela Prefeitura que transporta os colonos e sua produção para a feira; e no domingo, à tarde, o trem os leva de regresso. O deslocamento do produto e do colono, é feito gratuitamente. Para se avaliar aproximadamente a importância dessas feiras semanais, citaremos os dados estatísticos que nos foram fornecidos pelo administrador da colônia Presidente Dutra, referentes aos produtos que foram vendidos na feira de Guajará-Mirim, de 26 de abril de 1952.

Cereais

Milho	. . .	55 sacos de 60 quilos
Aroz pilado	.	2 " " " "
Aroz em casca	.	25 " " " "
Gergelim	.	10 quilos
Feijão		17 "

Frutas

Laranja	. . .	320 frutos
Tangerina		600 "
Bananas	.	62 cachos
Melancia		15 frutos

Diversos

Cana		6 feixes
Jejumum	.	317 frutos
Farinha de mandioca		72 sacos de 60 quilos
Tapioca	. . .	3 latas de 20 quilos
Macaxeira	.	2 000 quilos
Taioba	.	60 "

Quanto à feira da cidade de Pôrto Velho, é feita com os produtos dos colonos, que estão próximos da cidade, quer ao longo do rio Madeira, quer ao longo da ferrovia. O aspecto da feira constitui algo de agitado, e desde sexta-feira à tarde começam a chegar colonos com seus produtos. Todavia, no dia de sábado, pela manhã, é que há o maior movimento na feira, continuando ainda à tarde e pela manhã de domingo.

A feira de Pôrto Velho fica próxima ao pôrto e à estação da Madeira-Mamoré. É no galpão que os colonos instalam as rédes para passar a noite, enquanto durante o dia ficam armadas as mesas onde fazem as suas refeições.

As mercadorias não são expostas à venda em tabuleiros armados, e sim dentro de cestos, ou sacos, que ficam próximos aos galpões.

Nos dias de realização das feiras há grande movimento de gente que se dirige durante o dia inteiro para fazer suas compras. Porém, estas são efetuadas de preferência na parte da manhã dos dias de sábado. Para a feira trazem os colonos toda a produção disponível de cereais, frutas, hortaliças e ovos. Raramente os colonos trazem galinhas ou porcos. Após o comércio da feira, os

colonos aproveitam para fazer, também, suas compras no “comércio”, principalmente de tecidos, remédios e utensílios domésticos. Como se vê, o dia de

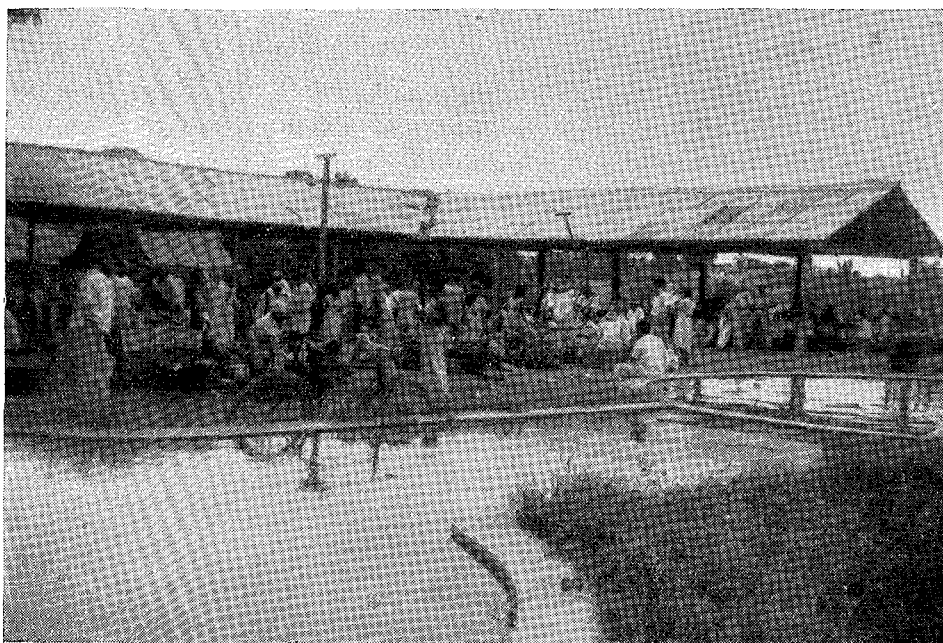


Fig n° 45 — As feiras do fim de semana, em Pôito Velho, agitam um pouco a população da cidade, que se dirige desde sexta-feira à tarde até domingo pela manhã, em direção ao galpão, onde se acham os colonos com os seus produtos. A foto acima mostra um aspecto destas feiras (Foto do autor)

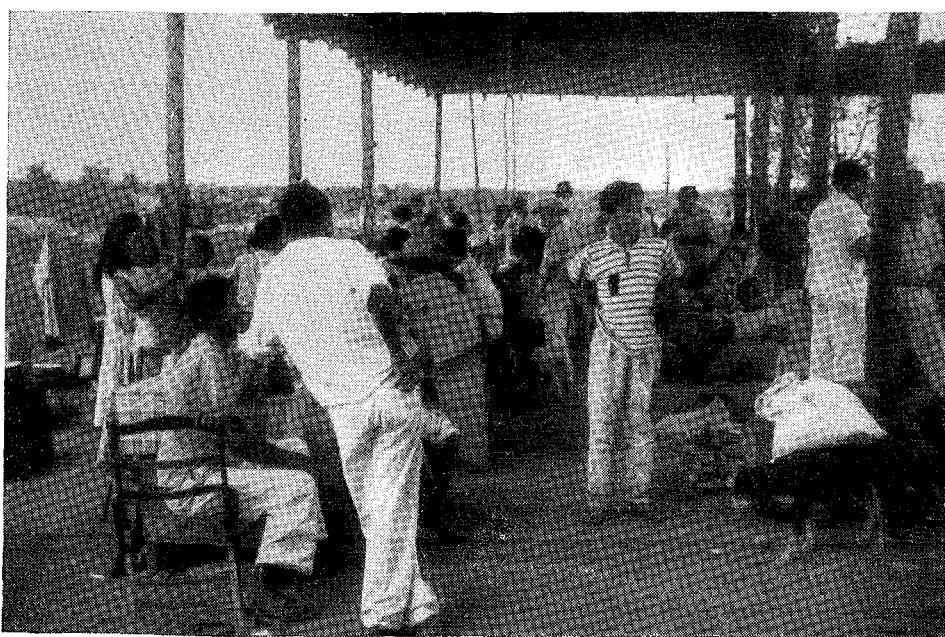


Fig n° 46 — As instalações do galpão para a feira são pequenos e o comércio de parte dos produtos é feito ao relento. Debaixo do galpão, durante o dia, colocam mesas e fazem as refeições, e durante a noite uma boa parte dos colonos estende suas redes para dormir. Porém, outros preferem procurar uma pensão para passar a noite. A agitação maior da feira verifica-se no sábado, pela manhã, e um pouco menor à tarde.

(Foto do autor)

sábado é de grande importância para o comércio da cidade de Pôrto Velho e Guajará-Mirim.

Antes de concluirmos êste capítulo, cumpre-nos fazer algumas referências especiais aos núcleos populacionais situados na zona da fronteira com a Bolívia.

Partindo-se de norte para o sul, o primeiro centro importante é a vila de Abunã, localizada no quilômetro 220 da ferrovia Madeira-Mamoré. No lado boliviano temos a vila de Manoa. Mais para o sul, já na altura do quilômetro 315, da mesma ferrovia, encontramos Vila Murtinho e no lado boliviano a pequena cidade de Vila Bela. Porém, os núcleos populacionais mais importantes da fronteira são: Guajará-Mirim, no Brasil e Guaiaramerim, no lado pertencente à Bolívia.

Subindo o rio Mamoré e depois o seu afluente Guaporé, chega-se à sede da vila Príncipe da Beira e ao povoado Costa Marques, ambos à margem direita do rio Guaporé. Finalmente, mais ao sul, acha-se a pequena sede do distrito de Pedras Negras.

Embora não dispondo de grande número de dados, acreditamos ser interessante fornecer os que dizem respeito à população⁴⁹. Vejamos, portanto, os dados populacionais e as superfícies:

Abunã . . .	6 340 km ²	1 830 habitantes
Guajará-Mirim .	33 494 "	6 706 "
Príncipe da Beira	26 177 "	2 046 "
Pedras Negras	24 423 "	939 "

A faixa de fronteiras do território do Guaporé é quase totalmente despovoad, afora alguns poucos centros, como os citados acima⁵⁰. A ocupação econômica mais importante da população dessa área de fronteira é a coleta de "látex", castanha e a ipecacuanha. Esta última é feita apenas no vale do Guaporé. Além dessas atividades de coleta, devemos ainda considerar a dos que vivem dos meios de transporte, especialmente ferroviários e secundariamente fluviais — trecho da região de Guajará-Mirim para montante. Também se encontra na área de fronteira, a uns poucos quilômetros ao norte da cidade de Guajará-Mirim, a colônia Presidente Dutra, onde existe grande número de colonos dedicados à produção de gêneros alimentícios e frutas.

Concluindo o exposto neste capítulo, devemos frisar que os dois maiores núcleos populacionais do território federal do Guaporé são as cidades de Pôrto Velho e Guajará-Mirim. A primeira é muito mais importante e sua posição privilegiada concorreu para que fôsse escolhida para servir como centro político-administrativo do novo território. Na cidade de Pôrto Velho já se pode tentar uma distinção do centro urbano em bairros mais ou menos distintos, enquanto em Guajará-Mirim isto ainda é impossível.

⁴⁹ Os que desejarem maiores pormenores deverão recorrer ao mapa da distribuição da população e também ao quadro n.º 1, que acompanha o capítulo que trata do povoamento e da população do território.

⁵⁰ Para maior minúcia de toda a fronteira do Brasil, veja-se o artigo de MOACIR M. F. SILVA "Geografia das Fronteiras do Brasil" In: *Amazônia Brasileira*, pp. 207/218.

Quanto à zona fronteira com a Bolívia, o maior centro populacional é Guajará-Mirim, e do lado boliviano, a cidade de Guiramerim. Outros pequenos núcleos existem na faixa fronteira do lado do Brasil, tais como: Abunã, Vila Murtinho, Príncipe da Beira, São Marcos e Pedras Negras.

3 — Aspectos gerais da colonização. Colônias agrícolas: Candeias e Presidente Dutra (Iata)

A radicação do homem ao solo e as condições de melhora da vida da população rural constituem, sem dúvida alguma, assuntos de magna importância para a região. Entretanto, as propostas surgidas e os meios de executá-las, têm constituído um sério obstáculo.

Como conseguir um aumento da produção agro-pastoril? Como radicar o homem ao solo? Como conseguir o estabelecimento de culturas vantajosas, que mantenham o caboclo em sua gleba, em detrimento da coleta do “látex”? Todas estas perguntas constituem, como sabemos, verdadeiros problemas para os administradores.

De modo geral, a solução proposta é feita de maneira muito simples — deve-se fazer a imigração, quer com elementos nacionais, quer com elementos estrangeiros, e com o aumento do número de braços, realizar-se a colonização. E assim, com imigração e colonização pensam resolver imediatamente o problema. Todavia, esquecem-se da existência de uma série de outros problemas técnicos, como sejam a erosão dos solos, o decréscimo progressivo da produção, a prática das culturas itinerantes por causa da falta de assistência técnica, a falta de sementes selecionadas, a falta de estudos das áreas onde os novos colonos devem ser colocados, problemas referentes à distância do mercado consumidor em relação à fonte de produção, assistência técnica, financeira e social, etc. Enfim, podemos dizer que, não basta falar-se em imigração e colonização, é preciso que se pense na complexidade de fatores, que serão encontrados na realização de semelhantes planos.

Melhor do que qualquer descrição desses fatos comprovados, será a transcrição de um texto do antigo oficial do exército PAULO BASTONE, designado para servir no Guaporé, em 1936, onde lhe foi entregue o comando do núcleo agrícola Antenor Navario, com 30 praças em serviço. No referido artigo sobre o Guaporé, assim escreveu este oficial com toda a honestidade: “Recebendo o comando, fiquei confuso, confesso, *pois não entendia nada de agricultura e muito menos de florestas*, pois o núcleo estava situado a 11 quilômetros de Pôrto Velho, na rodovia de penetração Amazonas-Mato Grosso⁵¹. Mesmo com boa vontade, dei início a vastas plantações e derrubadas, conseguindo, em apenas oito meses, fornecer Pôrto Velho de açúcar, cachaça e álcool”⁵². E, como o oficial P. BASTONE, existem muitos, porém, sem a suficiente coragem de atestar publicamente que estão trabalhando em setores, cujas técnicas lhe são inteiramente estranhas. A melhor boa vontade empregada na execução dos trabalhos, agro-pastoris, não basta. É preciso que aos agrônomos, aos zootecnistas

⁵¹ Hoje Pôrto Velho — Cuiabá

⁵² PAULO BASTONE “Território do Guaporé” in: *Correio de Uberlândia* — Uberlândia 16/10/1943 (O grifo é nosso)



Fig. n.º 47 — Pequena capoeira de um ano, na margem da rodovia Pôrto Velho-Cuiaba, proxima ao quilômetro 33. Esta quadra foi cultivada por um caboclo durante dois anos apenas, e logo em seguida, foi atandonada para a reconstituição natural da vegetação, por causa do baixo rendimento das colheitas. No tronco da arvore, que substituiu, vê-se claramente a marca do fogo. Alias, apos a derrubada e apos cada colheita, o uso do fogo e comum entre os caboclos para limpar o solo.

(Foto do autor)

e aos pedólogos, sejam entregues os trabalhos que dizem respeito à produção agro-pastoril.

As conseqüências do trabalho empírico da lavoura, sem uma orientação científica, são extremamente desastrosas, acrescentando, ainda, o fato das condições mesológicas em que está a mesma sendo praticada (Fig. 47). Os autores, conhecedores da região, são unânicos em declarar as dificuldades resultantes desse tipo de agricultura, que se vale da técnica primitiva.

O Dr. CARLOS A. MENDONÇA, no seu artigo "Lavoura e povoamento", teve oportunidade de salientar: "A lavoura incipiente, praticada no território, está a merecer maiores cuidados. *Não se pode estabelecer ou melhor, radicar o homem à terra com os produtos do extrativismo, fornecidos dadivosamente pela natureza.* Torna-se necessária uma orientação mais firme e de maior amplitude no campo agro-pecuário

A lavoura itinerante de "praia" foi o limite máximo a que atingiu o caboclo na região do Guaporé e praticamente em todo o oeste da região amazônica. As áreas de floresta de terra firme são vencidas com dificuldade e o homem aí estabelece, de modo rudimentar e temporário, sua quadra de cultura"⁵³

OSÓRIO NUNES, referindo-se a este fato e explicando a razão de ser da atual dificuldade de radicar o homem ao solo disse: "A bonacha impõe a boa ou má situação dos adensamentos demográficos, a cujo lado se torna necessária a introdução de novas culturas, pela aclimação de imigrantes estrangeiros, capazes de sacudir com novos hábitos a rotina de populações quase insuladas do mundo"⁵⁴. Ainda melhor que estas considerações gerais será a apresentação que faremos dos sistemas adotados nas colônias Presidente Dutra (Iata) e Candeias, a fim de exemplificar melhor estas experiências agrícolas.

Núcleo Agrícola Candeias — Fundado em julho de 1949, nas margens do rio do mesmo nome, dista aproximadamente 30 quilômetros da cidade de Pôrto Velho, seguindo-se pela rodovia de penetração, que está sendo construída em direção a Cuiabá (Fig. 48)

A topografia da região é monótona, e, ao longo da rodovia, observam-se grandes derrubadas para o estabelecimento de lotes para os colonos (Fig. 49). A vegetação é pujante, de modo que a preparação da terra é feita com grande esforço. A área da colônia é de 18 000 hectares, porém estão ocupados no presente apenas 850 ha. Existiam em abril de 1952, segundo informações do administrador da colônia, 28 famílias trabalhando. Quanto à procedência desses colonos, uns eram nordestinos, outros paraenses, e mesmo alguns amazonenses.

Os lotes são, de modo geral, de 250 X 1 000 metros, e estão dispostos ao longo da rodovia. Atualmente eles têm apenas 250 metros de frente por 100 de fundos, pois o caboclo ainda não teve tempo para derrubar toda a floresta de seu lote (Fig. 50). Recebem estes colonos uma assistência técnica e finan-

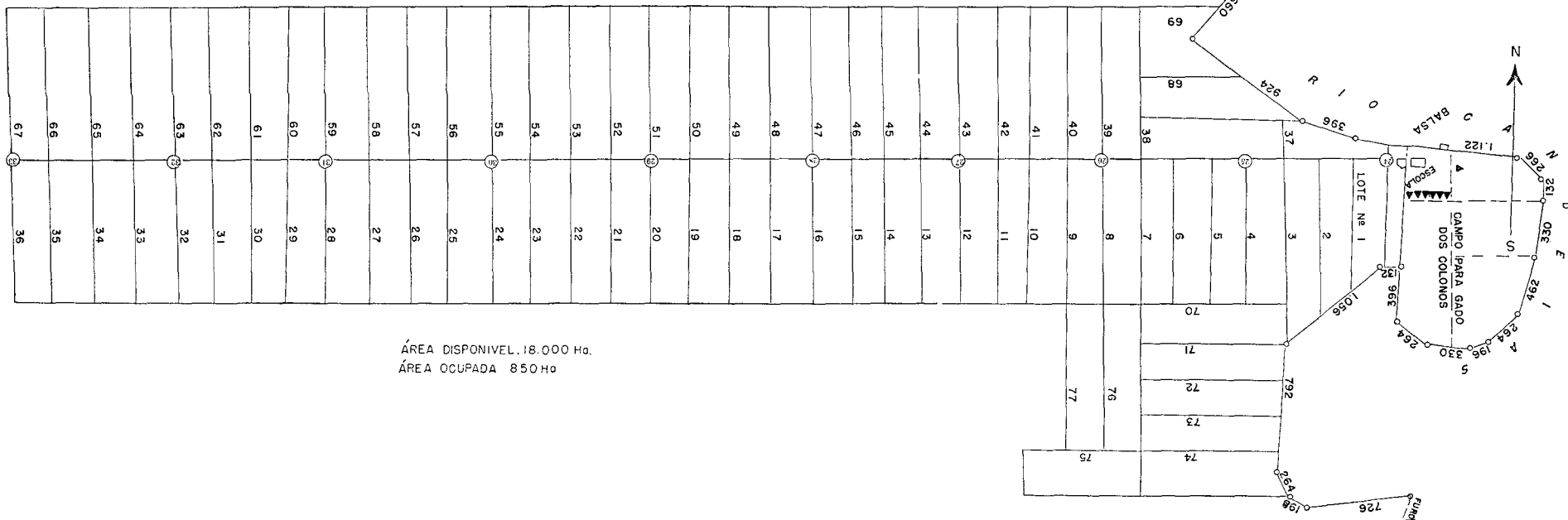
⁵³ CARLOS A. MENDONÇA "Lavoura e povoamento" in: *Alto Madeira P. Velho* 18/8/1951

⁵⁴ OSÓRIO NUNES, *Introdução ao Estudo da Amazônia Brasileira*, 222 pp., Rio de Janeiro 1949 (p. 58)

COLONIA AGRICOLA "CANDEIAS"

ESCALA

200 0 200 400 600 800 1000 1200 1400 1600 m



ÁREA DISPONÍVEL 18.000 Ha.
ÁREA OCUPADA 850 Ha

Fig. n.º 48 — Planta da colônia Agricola Candeias, na margem esquerda do rio do mesmo nome.

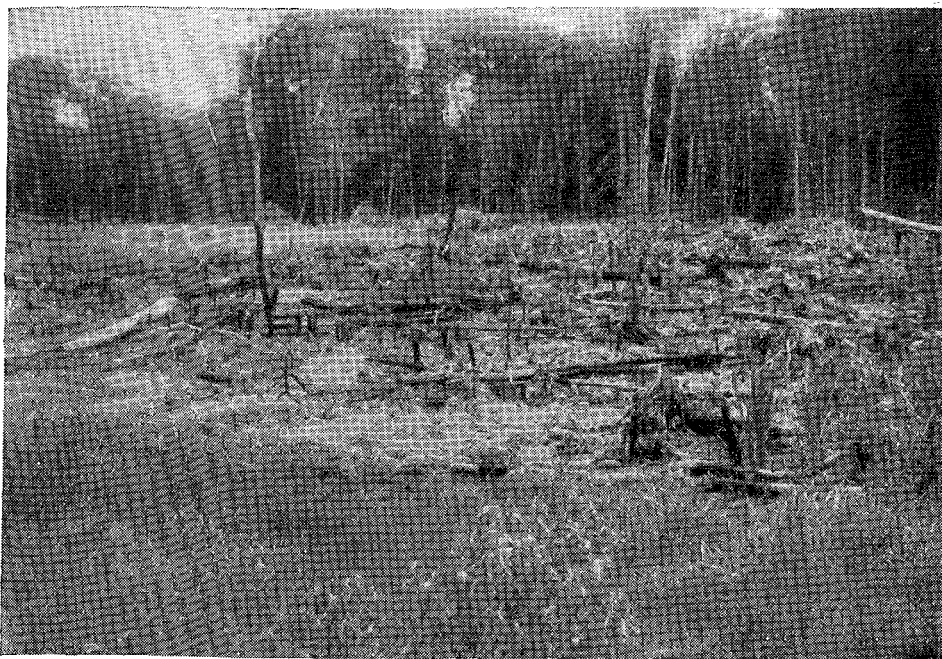


Fig n.º 49 — Campo preparado, no qual se fez plantação de milho e mandioca, na colônia Candeias. Observa-se, claramente, na foto acima, que após a derrubada, a queima da vegetação não foi suficiente e alguns troncos, mais grossos, não foram consumidos, permanecendo na superfície do solo

(Foto do autor)

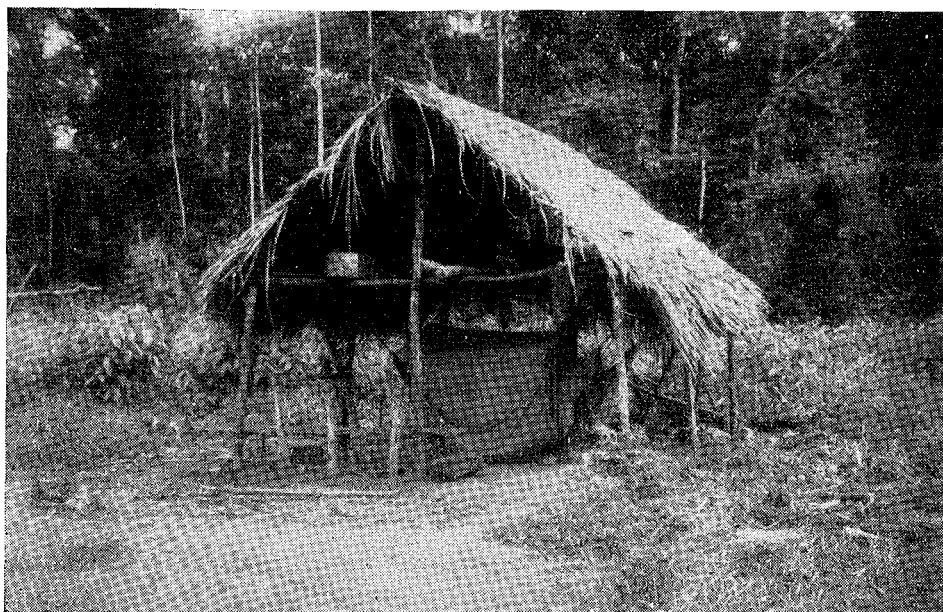


Fig n.º 50 — Pequena construção provisória, feita pelo colono, enquanto desbiava a mata, para a sua "roça". Este tipo de abrigo provisório é denominado regionalmente de "tapiri". Algumas vezes, por incrível que pareça, o colono se contenta em permanecer todo o tempo de sua estada na colônia em casas primitivas, como a que vemos na foto acima. Embaixo da cobertura de palha estão armadas duas redes com os seus respectivos mosquiteiros. Quanto aos outros pertences da casa, pode-se dizer que se resumem a algumas poucas latas para fazer a comida e aos bancos toscos, que aparecem no lado esquerdo do "tapiri".

(Foto do autor)

ceira, que lhes é dada pelo Serviço de Produção, Terra e Colonização. No primeiro ano, eles recebem a importância de Cr\$ 650,00 mensais, algumas ferramentas, sementes e mudas. A assistência médica também lhes é fornecida gratuitamente na cidade de Pôito Velho. Para cuativos urgentes existe uma pequena farmácia de emergência com um enfermeiro.

A principal produção dessa colônia é a farinha de mandioca, seguida do arroz, milho, feijão, abacaxi, bananas e laranjas. Quanto aos sistemas de cultivo, não nos preocupamos de descrever aqui, uma vez que vamos nos referir, de modo breve, ao tratarmos da colônia de Iata, e, mais amplamente, na parte que segue esta, ou seja, a referente às atividades econômicas.

Colônia Agrícola Presidente Dutra — Mais conhecida por Iata, está localizada ao norte da cidade de Guajará-Mirim. A parte voltada para oeste se estende desde a parada de Bananeiras até Lajes, ao longo da ferrovia Madeira-Mamoré.

A colônia foi fundada oficialmente em 1945, entretanto, a primeira leva de colonos aí chegou em 1944 (Fig. 51). Pode-se, por conseguinte, admitir que nos

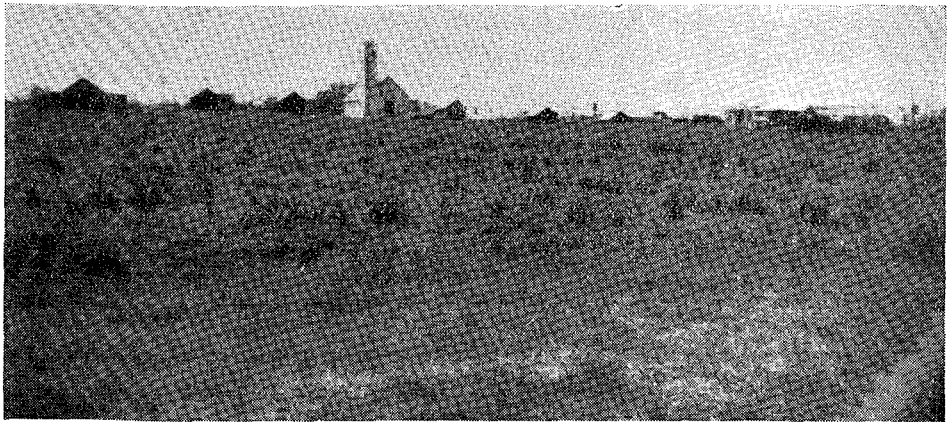


Fig. n° 51 — Aspecto da sede da colônia Presidente Dutra. A construção clara, que aparece com destaque na foto, é a igreja católica dos colonos. As casas da administração são todas de madeira. (Foto do autor)

fins de 1944 começaram as primeiras derrubadas da floresta na área próxima a Iata e não longe do leito da ferrovia (Fig. 52).

A colônia foi fundada com elementos nordestinos e paraenses, sendo estes últimos em maior número. A área da frente da colônia tem cerca de 30 quilômetros, isto é, se estende desde o quilômetro 320 ao 350, (desde Lajes até Bananeiras). Quanto a área que já está ocupada, não se sabe, pois não se conhecem exatamente os seus limites, nem tão pouco a configuração do solo e, muito menos sua natureza. O desconhecimento completo da natureza do solo e das condições do meio ambiente vai acarretar, para as futuras gerações, graves problemas para a ocupação do solo.

Segundo informações do administrador existiam em 1951, cerca de 123 famílias de colonos, com um total de 1 199 pessoas, tendo este número crescido para 1 400, em abril de 1952. Atualmente o serviço de dedetização é realizado com regularidade, duas vezes por ano. Todavia, houve interrupção no fim de

1951, por falta, ou melhor, por causa da dificuldade de se conseguir importar o DDT. E, segundo informações do enfermeiro do posto de saúde existente na sede da colônia, várias pessoas foram acometidas de malária, não escapando nem o enfermeiro com toda sua família, segundo depoimento próprio, nos meses de fevereiro e março de 1952, em virtude da falta de dedetização. Usando-se regularmente o DDT, a malária torna-se como que inexistente.

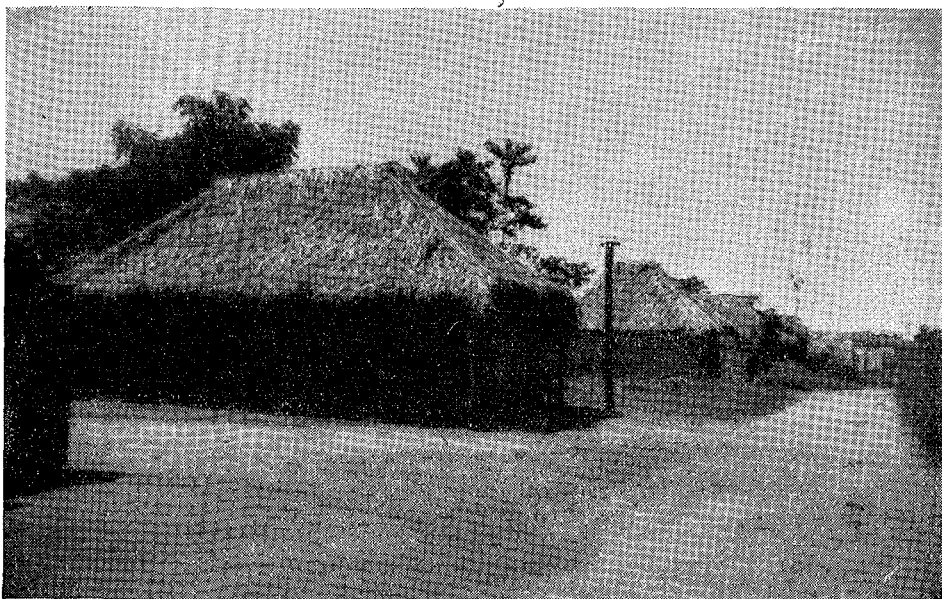


Fig. n.º 52 — Casas de pau a pique junto à sede da colônia para abrigar provisoriamente os colonos, enquanto aguardam um dos lotes

(Foto do autor)

Nas relações entre o colono e a terra há o maior desprendimento possível. O caboclo praticamente nenhum valor dá à terra sendo o título definitivo de posse dado após 10 anos de cultivo. Porém, com 5 anos de trabalho, o colono já recebe o título provisório de posse da sua terra. Embora a colônia tenha sido fundada há cerca de 7 anos, nenhum título provisório de posse foi ainda expedido. O colono, desde que é colocado, isto é, toma conta de seu lote, é considerado como dono da terra. Mesmo com esta série de facilidades de posse da terra, bem como da assistência financeira, social e uma rudimentar técnica que lhe é dada, não se consegue fixar o homem à terra. No primeiro ano de trabalho cada colono recebe, mensalmente, a importância de Cr\$ 650,00, e, no segundo ano ele deve possuir meios suficientes para se manter com sua produção. O curioso é que no segundo ano eles procuram deixar a colônia e ir em busca do seringa. A extração da borracha constitui grande atrativo, de modo que o colono prefere abandonar a colônia e ir para o seringa. Daí o problema da fixação do homem nas atividades da lavoura.

A região da colônia agrícola Presidente Dutra, é de topografia ondulada e coberta por mata densa, a qual já está sendo derrubada de modo desordenado e sem nenhuma precaução no que tange à conservação dos recursos naturais.

Percorrendo-se a região, observa-se que certas áreas estão em avançado processo de laterização, tanto assim que a crosta de piçarra e os blocos de laterito aparecem na superfície do solo (Fig. 53). As áreas, onde a laterização já se fez sentir com grande intensidade, deveriam ser conservadas com a floresta, caso contrário, teremos, em pouco tempo, a abertura de grandes clareiras, onde não haverá, talvez, nem a reconstituição natural da vegetação

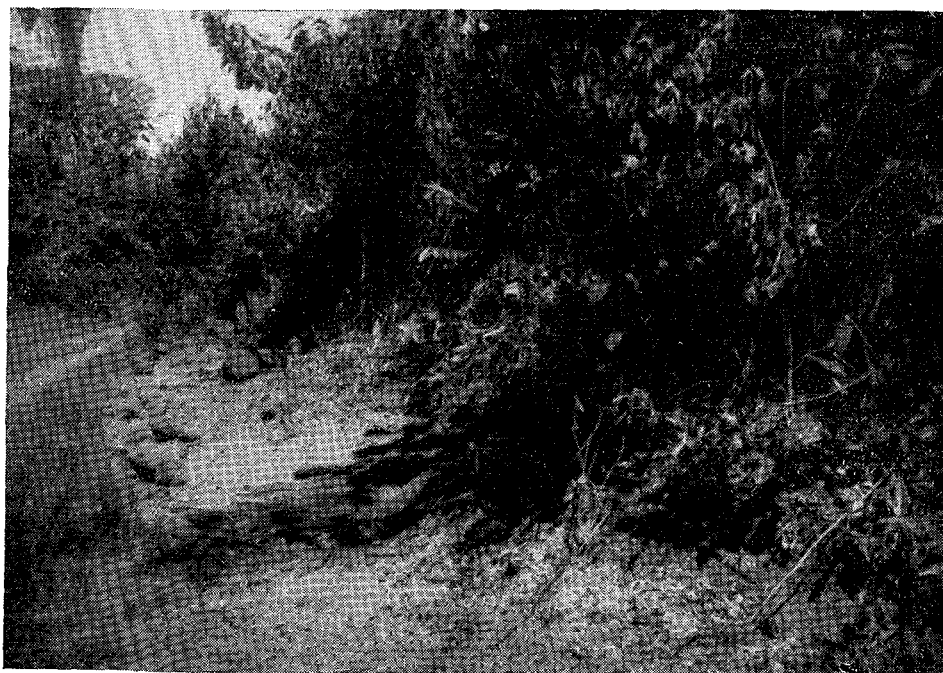


Fig. n.º 53 — Regiões ainda cobertas de mata pujante apresentam, todavia, a superfície do solo constituída de piçarra e blocos de lateritos de tamanhos muito variados. A destruição da floresta, que cobre estas piçarras e blocos de laterito, representa um grande perigo para o futuro dessa área. Na foto acima podem-se observar os blocos, que foram deixados pelos trabalhadores que estão colocando piçarra no leito da estrada, que ligará a colônia a Guajará-Mirim (Foto do autor)

Os colonos, de modo geral, alegam que possuem pouca terra, mas, apenas alguns são capazes de trabalhar o lote inteiro. A superfície dos lotes é de 250 X 1 000, porém grande maioria mantém em trabalho uma área correspondente a 250 X 100 metros

O sistema agrícola adotado nesta colônia é o mesmo observado em grande parte da Amazônia. Na colônia Presidente Dutra, como em todo o Guaporé, a “broca” é feita em maio e pode-se prolongar até julho ou mesmo início de agosto, porém o mais comum é terminar em junho ou julho, para que em início daquele mês se faça a derrubada e nos fins do mesmo ou início de setembro, o mais tardar, se executa a “queimada”. No regulamento da colônia de Iata existe, por exemplo, um dispositivo que autoriza o início das queimadas, a partir do dia 25 de agosto até meados de setembro, porém, se o colono iniciar a queima antes dessa data, está sujeito a pagar, em caso de prejuízo ou estrago, as culturas do seu vizinho

Após o preparo do solo, feito com os seguintes instrumentos: “teijado” (facão) e foice por ocasião da broca, machado, para a derrubada, fica o solo esperando apenas o trabalho da enxada para a semeadura (Figs. 54 e 55).

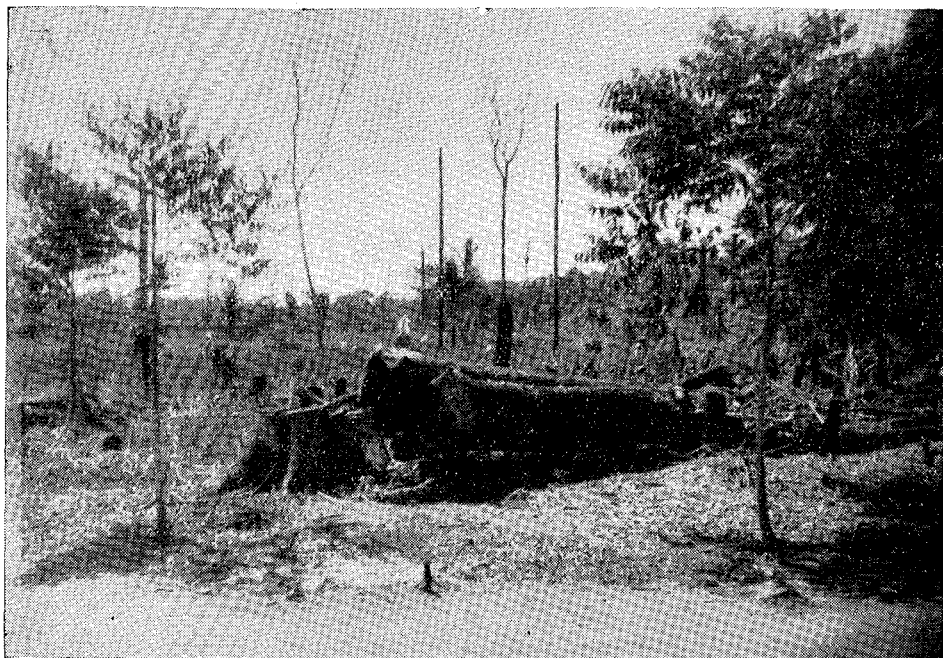


Fig n° 54 — Campo de culturas associadas — milho, feijão e mandioca. O grosso tronco de árvore que aparece na foto, não foi destruído pelo fogo, que não foi suficiente para eliminá-lo (Foto do autor)



Fig n° 55 — Cultura associada de milho e feijão

(Foto do autor)

A colônia já possui tratores e outros maquinismos modernos para o preparo do solo, porém, até o momento poucos têm sido usados. Não se pratica a rotação de culturas nem a adubação do solo. A agricultura é do tipo itinerante de clareiras renovadas, após curto período de dois a três anos.

Com as clássicas armas adotadas contra as riquezas naturais, o fogo e a derrubada de modo desordenado, sem a prévia seleção da natureza do solo, é de esperar uma rápida exaustão das mesmas. Não se pratica adubação, só se pensa em novas derrubadas, isto é, a rotação constante de terra. Assim, em pouco tempo de utilização do solo com este sistema agrícola, haverá uma grande área completamente devastada.

A época do plantio dos cereais, como o milho e o arroz, tem início em fins de setembro e se prolonga, o mais tardar, até meados de novembro. Geralmente se começa o plantio pelo milho, seguindo-se depois o arroz.

Alguns colonos preferem plantar um só produto, outros, ao contrário, realizam o plantio associado, de milho, arroz e mandioca

O plantio do feijão e mandioca é iniciado geralmente no mês de fevereiro, isto é, no fim da época das chuvas. O feijão é sensível às quedas d'água e também à forte insolação que provoca a sua queima. Plantam duas variedades: o "feijão de ananca" e o "feijão de corda", que levam no seu ciclo vegetativo cerca de três meses. A primeira denominação provém do fato de ser o feijão anancado juntamente com o pé; e quanto ao feijão de corda, é o da vagem. Quanto à mandioca permanece de 12 a 24 meses no solo, e é plantada em qualquer época, sendo preferido o fim da estação das chuvas, ou o início, isto é, os meses de setembro a novembro.

A produção principal da colônia é mandioca (Fig 56), milho, feijão e arroz. Quanto à produção de frutas, ainda é muito pequena no momento.



Fig n° 56 — Casa de farinha

(Foto do autor)

A colônia está ligada por ferrovia à cidade de Guajará-Mirim, da qual dista apenas cerca de 23 quilômetros, sendo esta cidade o grande mercado consumidor de quase toda a sua produção agrícola. Acha-se em construção uma rodovia de penetração, que, partindo da cidade de Guajará-Mirim, irá em direção à colônia agrícola. Também na cidade de Pôrto Velho se consomem algumas sacas de feijão e de arroz da colônia de Iata. Isto, porém, somente em casos de dificuldade, pois o comum é a capital do território receber esses gêneros de Manaus, Belém e bem pouco das próprias colônias que lhe estão próximas.

Antes de finalizarmos a parte referente às colônias agrícolas, não podemos deixar de fazer referência à psicologia do colono, diante da administração do governo. Tem-se a impressão nítida que o governo depende, de modo quase irrestrito do colono, quando, na realidade, a situação é inversa. O colono parece estar fazendo um favor ao administrador da colônia e também ao governo, em permanecer no seu lote, não indo para o seringal. E, pouca ou nenhuma importância dedica este à gleba. O colono não tendo a posse efetiva do solo, e, mais do que isso, não possuindo talvez a vocação para o estabelecimento sedentário da cultura, por causa do sistema adotado, vive em constantes deslocamentos. E, assim que lhe aparece a oportunidade da partida para um seringal, imediatamente prefere ir tentar a sorte na coleta do "latex". A consequência desse fato é que ainda não se conseguiu fazer a radicação do homem ao solo com absoluta segurança.

Resumindo, podemos dizer que a maior colônia agrícola do território é a Presidente Dutra, mais conhecida por Iata, no município de Guajará-Mirim, seguindo-se a de Candeias, no município de Pôrto Velho. O sistema agrícola adotado em ambas as colônias, e em quase toda a região amazônica, é o da cultura itinerante e de queimadas. A principal produção dessas colônias é a da mandioca, do milho, do feijão e pequena quantidade de algumas frutas, como: bananas, laranjas, abacates, etc.

4 — Aspectos gerais da economia e os meios de vida. Problemas do comércio de importação e consumo de produtos alimentares

a) *Aspectos gerais da economia* — A economia do território federal do Guaporé é caracterizada, de modo geral, como já afirmamos, pela coleta de produtos da floresta, especialmente a borracha e a castanha, que constituem elementos de maior vulto na balança comercial da região. Referindo-se a este tipo de economia característica, não só do Guaporé, mas de quase toda a Amazônia, assim se expressou RUI MÁRIO DE MEDEIROS, em seu trabalho *Recuperação da Amazônia*, no tópico intitulado: "O extrativismo exclusivo não é fonte de prosperidade" — "É a primeira lição que se apresenta no livro Amazônia: A indústria extrativa, isoladamente praticada, qualquer que seja o seu valor, não produzirá riqueza, conforto, saúde ao extrator, nem o integrará na sociedade" (p. 16). Mais adiante, diz ainda o mesmo autor: "Apesar desses recursos inesgotáveis, base sólida de uma economia indiscutível, o homem tem permanecido pobre, doente, aniquilado".

“É que paralelamente ao extrativismo, deverá existir a atividade agrícola” (p. 16). Foi meditando nessa situação de angústia para fixar o homem ao solo e para conseguir alimentos, que sugerimos aos administradores e mais particularmente aos seringalistas, a realização de pequenas lavouras para subsistência, em seus seringais, bem como a criação de algumas cabeças de gado, como trataremos mais adiante.

b) *Produtos do extrativismo vegetal e os meios de vida do seringueiro e castanheiro* — Passaremos, agora, a analisar os dados estatísticos, procurando fazer comentários, à medida que sistematicamente os mesmos sejam considerados

Na produção vegetal vamos considerar, primeiramente, a coleta, uma vez que seus produtos são mais importantes, em relação aos da lavoura (Fig. 57)



Fig. n.º 57 — Aspecto das mudas de seringueiras plantadas no pósto do I A N, localizado no quilômetro 8 da rodovia Pôrto Velho-Cuiabá. Esboça-se, atualmente, um grande interesse pelos resultados dos campos experimentais, pois estes dados são fundamentais na orientação econômica a ser tomada para o estabelecimento de seringais plantados

(Foto do autor)

A coleta do “látex” tem oscilado um pouco, e através dos dados estatísticos de 1946 a 1949, observa-se que o máximo de produção ocorreu em 1947 — 4 541 toneladas, no valor de Cr\$ 76 729 000,00 (Fig. 58), e o mínimo de 1948 — 3 381 toneladas

Os anos de 1948 e 1949 foram, como afirma o Dr. C MENDONÇA, de fraca produção de borracha, não só para o território do Guaporé, mas para toda a Amazônia. Esta crise foi decorrente das restrições impostas à produção da borracha, porque se temia o armazenamento de um estoque que não fôsse ter utilização. Esta previsão errônea obrigou os industriais do sul do país a pen-

sar na importação da borracha estrangeira e mesmo na criação de indústrias de borracha sintética ⁵⁵.

Essa crise nos seringais reflete-se, também, em outros produtos de exportação, como: castanha, couros, e peles, cumaru, óleo de copaíba, tabaco do Madeira, etc ⁵⁶.

OSÓRIO NUNES, em seu livro *Introdução ao Estudo da Amazônia Brasileira*, ao se referir ao sistema econômico, baseado na coleta que aí existe, disse: "o Guaporé constitui uma das unidades federadas onde mais dificilmente se fará sentir a mudança de seu sistema econômico para outra forma de criação da riqueza" ⁵⁷.

Quanto à produção de castanha-do-pará, o *Anuário Estatístico do I. B. G. E.*, ano XI, 1950, registra os seguintes dados:

1947	345 toneladas
1948	182 "
1949 ...	654 "

Comparando-se estes dados com os fornecidos no artigo publicado na *Resenha Econômica* n.º 7, de julho de 1950, do Banco do Brasil, verifica-se a existência de grandes diferenças. Como seja:

1947	855 toneladas
1948 ..	895 "
1949	1 267 "

As diferenças entre os dados são tão grandes que não podemos deixar de fazer menção, uma vez que na bibliografia do referido artigo se encontra citado o *Anuário* do I. B. G. E. de 1949, onde estão os dados referentes aos anos de 1946 a 1948.

A produção da castanha, nos anos de 1944 e 1945, sofreu uma parada, em virtude do hiato no mercado da castanha amazônica, pois os extratores foram forçados a se dedicar exclusivamente à produção de borracha para os aliados.

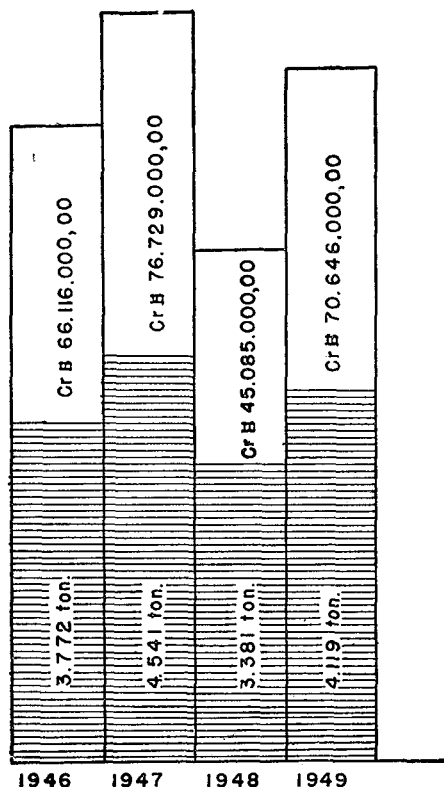


Fig n.º 58 — Produção da borracha e seu valor em cruzeiros

⁵⁵ Em recente artigo publicado pelo Prof CARLOS MENDONÇA encontram-se considerações muito importantes a respeito do crescente aumento de consumo de borracha sintética. E diante dos prognósticos fornecidos pelos técnicos norte-americanos, para o consumo de borracha sintética no ano de 1952, chega mesmo a perguntar se ainda poderá haver lugar para otimismo em recuperar os seringais silvestres, mesmo adicionando-lhes um replantio racional?

Como se vê, já passamos a uma outra fase na evolução econômica do consumo de borracha, que está ameaçando não apenas os seringais silvestres, mas muito mais do que isso, os próprios seringais plantados. Vide "Borracha natural e sintética" — Não há paridade entre produção e consumo — In: *O Jornal*, Rio de Janeiro 2/11/1952

⁵⁶ CARLOS A. DE MENDONÇA "Importação e Exportação" in: *Alto Madeira*, Pôrto Velho, 21/7/1951.

⁵⁷ OSÓRIO NUNES — Obra cit. (pp 58/59)

Além do mais, o preço da borracha era mais compensador que o da castanha. Praticamente não houve exportação de castanha naqueles dois anos ⁵⁸.

A importância econômica desses dois produtos de coleta, será mais bem sentida quando tratarmos do comércio de exportação, todavia, para confirmar este fato, basta dizer que em 1951 o território obteve Cr\$ 91 642 557,00 de produtos de exportação. Nesse total a borracha contribuiu com Cr\$ 78 447 624,00 e a castanha-do-pará com Cr\$ 8 218 860,00, restando apenas Cr\$ 4 976 073,00 para os outros produtos.

Raciocinando com estes dados quantitativos, e considerando-se a produção agrícola ou de ordem animal, não podemos deixar de afirmar que o Guaporé vive em função desses dois produtos.

Assim, ao descrevermos as atividades econômicas, daremos grande ênfase à coleta de produtos silvestres e também ao quadro triste da lavoura e da pecuária.

A atividade, ligada ao extrativismo vegetal, constitui a ocupação humana da maior parte da população ⁵⁹. Esta se dedica, na quase totalidade, à extração do "látex", quer seja da hévea, do caucho ou mesmo da balata. O "seringueiro" é o homem que passa sua existência extraindo o "látex". Este tipo de atividade econômica não pode ser realizado durante todo o ano, por causa das fortes chuvas por ocasião dos meses de outubro a março. Sendo assim, os seringueiros são obrigados a passar parte do tempo no seringal, isto é, durante o período que denominam de "verão" (abril a setembro) e na época do chamado "inverno" procuram outra atividade.

No Guaporé, aliás, como em quase toda a Amazônia, os seringueiros vivem de maneira rudimentar. Pode-se mesmo dizer que no Guaporé existe uma dependência quase completa do caboclo em relação à borracha, sendo raros os que se dedicam à coleta da castanha ou realizam outras tarefas por ocasião do inverno, isto é, período chuvoso.

RUI MÁRIO DE MEDEIROS, em seu trabalho "Recuperação econômica da Amazônia", ao tratar do problema gerado pela atividade econômica do coletor disse: "O extrativista da Amazônia é paupérrimo. Todas as condições de meio em que vive e labuta lhe são desfavoráveis".

Emprega um esforço hercúleo, sobre-humano, para extrair da floresta os produtos que esta lhe oferece e sempre o seu valor mal cobre o custo de uma vida mais miserável do que pobre.

⁵⁸ Vide *Alguns aspectos do Guaporé*, ed mimeografada, Porto Velho — 1949.

⁵⁹ Reforçando o que estamos afirmando neste parágrafo, é interessante transcrevermos um trecho do ofício nº 239, dirigido pelo diretor da "Divisão da Produção, Terras e Colonização" ao Exmo. Sr. Ministro da Agricultura em 1º de julho de 1952, onde pede certas providências para que se torne possível a utilização dos campos do rio Guaporé, na criação de gado bovino. Em certo trecho do ofício, o Dr. EDGAR DE SOUSA CORDEIRO, assim se expressou: "O preparo de campos altos é impraticável, pois a roçagem e derrubada da mata têm que ser feitas no verão, época em que os seringais absorvem toda a rara mão de obra, para extração do "látex".

Na época das cheias — dezembro a junho — não se corta borracha, o que permite encontrar trabalhadores para a limpeza anual dos pastos artificiais.

O difícil é, portanto, iniciar a abertura dos campos e tal dificuldade só pode ser resolvida mecanicamente, substituindo-se a mão de obra escassa por tratores pesados. Através do trecho acima citado, bem se pode avaliar o problema da escassez de mão de obra na região, pois a atividade coletora de "látex" absorve-a em quase sua totalidade.

Levado por um atavismo que encontra suas raízes seculares na “exploração do homem pela sociedade”, o extrator dificilmente se torna agricultor, principalmente nas chamadas épocas de preços altos da goma ou da castanha”.

Diz ainda o mesmo autor, ao descrever a situação do grupo humano que vive do extrativismo: “Verificando que a alta dos produtos é acompanhada infalivelmente pela alta do preço das utilidades essenciais ou não, vinga-se o caboclo da Amazônia, produzindo, apenas, o volume indispensável ao pagamento da sua subsistência frugalíssima. É o que se pode chamar a filosofia do caboclo. É a sua única arma de defesa contra a exploração. Não produz, para não se sacrificar inútilmente” (p. 14).

Esta filosofia do seringueiro, diante da atual organização econômica, a falta de transportes e o problema dos financiamentos, acarretam um pesado óbice na produção gomífera.

O caboclo, que vive da coleta de “látex” no Guaporé, aproveita, geralmente, a época das chuvas, para descer os rios e chegar até a cidade mais perto — Pôrto Velho ou Guajará-Mirim. Aí se aglomeram nas pensões, passando quase todo o período do inverno. Enquanto possuem algum dinheiro esbanjam como podem, chegando mesmo a gastar por crédito da próxima safra, que lhes é dado adiantadamente pelo seringalista.

O extrator de borracha, durante o período de trabalho, sai de madrugada para percorrer as “estradas”, cortando as árvores, e depois do meio dia, volta pela mesma “estrada”, colhendo o “látex” depositado nas “tigelinhas”, passando o resto da tarde a defumar o produto colhido. O trabalho de um seringueiro constitui grande dispêndio de energia e um sacrifício diário, arriscando a própria vida por causa dos possíveis ataques de feras, dos mosquitos anofelinos, e, em certos seringais, do elemento indígena.

A fraca densidade de população existente na região, e a preocupação única dos seringalistas em manterem os homens trabalhando apenas na extração do “látex”, tarefa que os ocupa o dia inteiro, ocasionam a existência de grave problema, qual seja o do abastecimento em gêneros de toda espécie, vindos do exterior, elevando, assim, o custo de vida de modo assustador. O coronel FREDERICO RONDON assim se refere a este problema: “As indústrias extrativas, absorvendo a quase totalidade dos habitantes válidos, em quase nada concorrem, entretanto, para o progresso regional, dados os moldes em que costumam processar-se as explorações, com menosprezo dos interesses locais”⁶⁰

Ao se estudar a atividade econômica do seringueiro, deve-se, também, considerar os outros problemas que lhe dizem respeito de modo indireto, e que estão ligados aos seringalistas. Estes apontam o problema do financiamento como o de maior importância para o desenvolvimento da exploração de novos seringais nativos. Além deste, outros existem, como o da dificuldade de transporte e a falta de mão de obra.

⁶⁰ Coronel FREDERICO RONDON “Aspectos geográficos do Alto Guaporé” In: *Jornal do Comércio* — Dezembro de 1951

Os seringais nativos, ao contrário dos originados pela vontade do homem, isto é, os seringais plantados, possuem uma densidade de pés de árvores produtoras de "látex" muito variável. Há ainda a considerar o fato da irregularidade na distribuição dos pés de hévea, ou de caucho ou de balata, que constitui um problema sério para o seringueiro. As "estradas longas e tortuosas, com árvores produtoras, espaçadas, às vezes, de quase 200 metros, obrigam o seringueiro a longas caminhadas e a um rendimento medíocre, comparado com o que seria possível em seringais plantados"⁶¹

Os maiores seringais do Guaporé são os da empresa Jaciparaná Ltda, e dos Anudas⁶². Este último se encontra paralisado por causa de demanda judiciária, localizando-se no alto Jamari e Jaru. Na empresa Jaciparaná Ltda, os seringueiros são contratados na base da produção, recebendo cerca de 60% do valor líquido desta. Corresponde aproximadamente a cerca de Cr\$ 16,00 por quilo no seringal.

Nos seringais da Empresa Jaciparaná, o período de trabalho começa no dia 1 de abril de cada ano e se prolonga até 30 de novembro, quando se verificam os maiores rigores da precipitação pluviométrica, sendo impraticáveis os transportes para a região.

A empresa possui 312 seringueiros, os quais estão distribuídos pelos seringais São Domingos, Rio Branco, União e Boa Vista, sendo a sede geral em São Domingos. A maioria desses seringueiros é procedente do Ceará e do Pará.

Antes da instalação do seringueiro em sua "bariaca", para se *aprontar uma colocação*, é necessário primeiramente construir um "varadouro", isto é, caminho rústico que liga a sede do seringal às bariacas dos seringueiros. Nesse trabalho a empresa despende em média cerca de Cr\$ 1,40 por metro linear aberto. Após a abertura do "varadouro", faz-se a das "estradas de seringa", onde são localizados os seringueiros.

A empresa encarrega o trabalho da localização e abertura de novas "estradas de seringa", um "mateiro" e dois "toqueiros". O "mateiro" é a denominação dada ao caboclo que abre a picada e conhece a floresta da região; e os "toqueiros" são os que vêm atrás do "mateiro", abrindo a estrada. A abertura de cada nova estrada fica em média por Cr\$ 750,00 para a empresa.

Uma vez abertas as novas estradas, são, então, colocados os novos seringueiros. Cada homem recebe 3 estradas para trabalhar. Cada estrada de seringa tem em média 140 árvores, ou sejam 120, no mínimo, e 160, no máximo. Um "mateiro" e dois "toqueiros" necessitam, em média, de 20 dias para preparar uma "colocação".

O seringueiro, ao chegar à sua "colocação", recebe gratuitamente, uma "bariaca" e um defumador, no valor de Cr\$ 3 650,00. O defumador é cons-

⁶¹ RUI MÁRIO DE MEDEIROS, em seu trabalho "Recuperação Econômica da Amazônia" ao fazer comentários sobre a valorização do trabalho do homem na Região Norte, teve oportunidade de dizer: "A valorização do trabalho individual, torna a nação próspera e a sociedade feliz."

Não poderá haver riqueza, prosperidade, independência no país, no estado, na região, se os seus habitantes só conhecem a pobreza, a miséria, conseqüentes da desvalorização de seu trabalho" (p. 14) — (o grifo é nosso).

⁶² O governador do território PEIRÔNIO BARCELOS, considerando a importância da queda da produção gomífera do vale do Jiparaná, criou, por efeito do decreto lei n.º 195, de 27 de abril de 1951, o Serviço de Recuperação do Rio Jiparaná (Sereipa).

truído um pouco isolado da “barraca”, para evitar a fumaça dentro de casa. A morada e o defumador lhe são fornecidos sem nenhum aluguel, todavia o seringueiro é obrigado a conservá-los em bom estado.

Cada seringueiro pôsto no seringal, ou, mais pròpriamente, “colocado”, custa à emprêsa a seguinte soma: adiantamento em dinheiro, Cr\$ 2 000,00; armamento, Cr\$ 2 500,00; utensílios de trabalho, Cr\$ 2 200,00; primeira “aviação”⁶³, Cr\$ 1 200,00; total Cr\$ 7 900,00. Como se vê, o seringueiro, já ao entrar para o seringal, contraiu, antecipadamente, um empréstimo razoável

A produção média geral de uma safra por seringueiro é de 1 000 quilos e a mínima 450. Alguns seringueiros conseguem, no entanto, a produção ultra excepcional de 1 500 quilos durante os dez meses de trabalho. Porém, a média de um trabalhador já pode ser considerada como ótima, quando retira 800 quilos de borracha por ano.

A média mensal da manutenção de seringueiro é de Cr\$ 1 100,00. Entretanto, é preciso considerar-se que nesse total só estão incluídos os gêneros alimentícios e os medicamentos, uma vez que não há nos seringais possibilidades de outros gastos. A dieta do seringueiro é pouco variada, restringindo-se aos produtos importados: cereais, carne e conservas. O consumo de hortaliças é praticamente desconhecido.

Os produtos que chegam à sede do seringal fazem o seguinte trajeto: partem de Pôrto Velho por ferrovia até Jaciparaná (90 km), onde são desembarcados e transportados para embarcações da firma, subindo o rio Jaciparaná até São Domingos (282 milhas)! daí são distribuídos em lombo de burro para as outras sedes dos seringais. E, das sedes dos seringais, ainda em lombo de burro até a “barraca” do seringueiro.

Acreditamos que após essa descrição minuciosa que fizemos acima, não precisamos acrescentar mais nada no tocante ao encarecimento do produto devido aos fretes, pois o mesmo caminhou de Pôrto Velho até a barraca do seringueiro. Por sua vez, o custo de vida em Pôrto Velho já por si mesmo é elevado, também, em virtude dos fretes pagos pelo deslocamento feito pelo produto ao ser embarcado nas praças sulinas do país, ou mesmo em Belém, ou Manaus.

A borracha dos seringais da emprêsa Jaciparaná percorre, em sentido inverso, o mesmo trajeto, desde os defumadouros dos seringueiros, até chegar a Pôrto Velho e daí desce o rio Madeira e o Amazonas.

O problema da distância, ou melhor dos transportes, constitui um fator negativo no momento atual, e que precisa entrar na ordem do dia.

Aqui não vamos discutir as vantagens dos seringais plantados sobre os nativos, todavia cumpre apontar alguns fatos, cuja solução imediata consideramos necessária para melhorar o abastecimento de mantimentos nos seringais. É urgente que se estimule a lavoura nas sedes dos seringais, e também que os exploradores do “látex” dirijam os membros da sua família — mulher e crianças — para os trabalhos do plantio⁶⁴. Considerando a importância desse fato, en-

⁶³ “Aviação” — Termo regional usado na Amazônia com o sentido de abastecer-se.

⁶⁴ À primeira vista poderá parecer um exagero de nossa parte ao clamarmos por uma radical transformação no sistema econômico da região, já que este está apoiado quase exclusivamente na

contramos no trabalho citado, de RUI MÁRIO DE MEDEIROS, entre os itens que deverão ser atacados para a recuperação da Amazônia, o que recomenda a: "instalação de fazendas de gado no maior número possível de seringais centrais, com o fomento da agricultura, mediante financiamento pelo Banco, a prazo de dois a oito anos, ou mesmo por iniciativa do Banco, em último caso, como medida educacional" (p. 33).

Não estudaremos aqui pormenorizadamente os diversos problemas decorrentes dessa nova prática, nem o modo de sua realização. Todavia, não podemos deixar de apresentar alguns aspectos e indicar certas soluções possíveis.

No preparo do solo para as atividades agro-pastoris, o seringalista talvez pudesse auxiliar o seringueiro nos trabalhos mais pesados, como sejam o da derrubada e o da limpeza do solo. A "broca", o plantio e a colheita, constituem tarefas mais leves, que poderiam ser feitas pela família do seringueiro. E, nas sedes dos seringais se deveria procurar fazer um pouco de criação, a fim de melhorar a dieta das populações que vivem nos seringais. O resultado da economia extrativa da borracha é o acanietamento de dificuldades, cada vez maiores, em virtude do encarecimento dos gêneros alimentícios, não só nas fontes de produção, como ainda devido aos fretes.⁶⁵ Em compensação, o preço da borracha permanece estável, sendo muito mais lucrativo para o caboclo sua exploração, do que tentar qualquer outra atividade agro-pastoril. A este propósito, o tenente O. F. FERREIRA E SILVA, ao fazer exploração no rio Jamari para a Comissão Rondon, assinalou (1920) com muito justeza: "O homem, chegando ao Jamari, é naturalmente levado a dedicar-se ao corte da borracha, como o único meio de alcançar, com seu fatigante trabalho, resultado equivalente à sua despesa. O produto que ele obtém, dedicando-se à cultura do solo, fica muito aquém de sua despesa, devido à imensa carestia das mercadorias" (p. 22). Como se sabe, o preço dos cereais nessa época era baixo e após as últimas conflagrações internacionais, como bem acentuou SÓCRATES BONFIM⁶⁶, é que

coleta do "látex". No "Relatório do Engenheiro Superintendente da Ferrovia Madeira-Mamoré, ANANIAS FERREIRA DE ANDRADE (1948)", encontramos uma explicação, demonstrando a razão de ser da diminuição da arrecadação da referida linha férrea, que serve para confirmar o que dissemos acima: "A região dominada pela Madeira-Mamoré, vive da borracha e para a borracha. Desaparecida esta, já não se come. Não se importa senão mercadorias e materiais imprescindíveis e isso mesmo em quantidades ínfimas" (O grifo é nosso).

⁶⁵ Quando afirmamos o problema da necessidade do seringueiro e seringalista voltarem também suas vistas para a lavoura e a pecuária de subsistência, sabemos, de antemão, que isto constitui tarefa muito difícil. E, como frisou, com grande acerto RUI MÁRIO DE MEDEIROS, em seu trabalho *Recuperação Econômica da Amazônia*: "Qualquer comerciante da Amazônia, principalmente o seringalista, é um profundo conhecedor dos problemas regionais. E, só poderá formar um juízo seguro sobre o modo de resolver os problemas amazônicos quem tenha a ventura de penetrar o pensamento desses experimentados batalhadores" (p. 11).

É ainda no mesmo autor que podemos buscar a resposta a estas afirmativas quando ele diz: "Descobrir, reconhecer bases econômicas existentes, porém, ostensivas ou aparentemente ocultas é função dos que se chamam apenas economistas; *explorá-las desordenadamente, visando ao dia que passa, é mera aventura, geradora de desilusões*; usufruir das vantagens de tal exploração, graças ao esforço alheio, é atributo do capitalismo egolatra, dissolvente" (p. 7). — O grifo é nosso.

A visão dos seringalistas, de modo geral, é explorar o mais rapidamente possível, as riquezas dadas pela própria natureza, sem se preocuparem com os problemas humanos atuais, e a estabilização do homem ao solo. Sabemos que somente à custa de ingentes esforços se conseguirá fixar o caboclo. Todavia, é preciso pensar-se desde já neste aspecto da questão. Na lavoura, ou melhor, nas colônias do governo vemos que o mesmo problema existe. Os colonos preferem deixar esta atividade e subir para os seringais, como já falamos linhas atrás. E nos seringais vivem mudando constantemente, de um para outro.

⁶⁶ S. BONFIM — *Reflexos em tóno da valorização da Amazônia*, — Trabalho mimeografado.

os gêneros alimentícios passaram a ter melhores preços, e conseqüentemente, despertam um interesse remoto por parte dos agricultores ⁶⁷.

Comparando-se os dados da produção da borracha nativa, com os da que provém de seringais plantados, cremos que estamos pouco longe do momento de os seringais nativos serem abandonados, por ser pouco compensador continuar a sua exploração, e caminharemos apenas para os seringais cultivados.

No extrativismo vegetal cumpre ainda assinalar a coleta da castanha — segundo produto da economia da região — e a ipecacuanha. Entretanto, ambas são de pouca importância atualmente. Quanto à castanha, só é explorada em épocas em que o preço no mercado internacional compensa os gastos feitos com o pagamento dos fretes, dando margem a lucros compensadores. A ipeca está restrita mais especialmente à região de Cáceres e arredores. No rio Guaporé, apenas no alto curso, a montante do forte Príncipe da Beira, se faz a extração da “poaia”, sendo os distritos de Pédias Negras e Príncipe da Beira os únicos em cujas receitas ela aparece com certo valor nos produtos de exportação. Já na parte referente à distribuição da população, havíamos ressaltado que estas duas atividades econômicas eram de pouca importância, ocupando poucos caboclos nesse mister. Além do mais, a coleta da castanha, sendo feita no período das chuvas, é praticada pelos próprios seringueiros.

Para compreendermos melhor a importância da atividade econômica da indústria extrativa vegetal, e ao mesmo tempo documentarmos quantitativamente nossas afirmativas, vamos transcrever os dados fornecidos pelo último recenseamento de 1 de julho de 1950:

Indústria extrativa	6 567	peças
Agricultura, pecuária e silvicultura	2 632	”
Indústria de transformação	664	”
Comércio de mercadorias	624	”
Comércio de imóveis e valores mobiliários, crédito, seguros e capitalização	42	”
Prestação de serviços	1 044	”
Transportes, comunicações e armazenagem . .	1 536	”
Profissões liberais	27	”
Atividades sociais	316	”
Administração pública, legislativa, justiça	343	”
Defesa nacional e segurança pública	416	”
Atividades domésticas não remuneradas e atividades escolares discentes	10 406	”
Atividades não compreendidas nos demais ramos, atividades mal definidas ou não declaradas	138	”
Condições inativas	1 927	”
TOTAL	26 682	” 68

⁶⁷ A este propósito em certa passagem do relatório do tenente O. F. FERREIRA E SILVA, lê-se o seguinte: “Finalmente a contínua atrofia do desenvolvimento agrícola, promovida pela exploração da borracha, é determinada por dupla causa: Primeiro, pelos resultados positivos, imediatos, efetivos, que, superiores, a dita exploração produz; segundo, pela rarefação, pela disseminação de população que exige” (p. 23).

⁶⁸ Dados extraídos do VI Recenseamento Geral do Brasil — Territórios Federais, I B G E — 1952.

Os grupos humanos, que vivem principalmente da coleta de produtos silvestres, são tecnicamente incapazes de introduzir grandes modificações na paisagem natural. No território do Guaporé afora algumas construções existentes de modo relativamente agrupado nos centros urbanos, os que vivem na zona rural estão dispersos na floresta, em função da distribuição das árvores fornecedoras de borracha, e secundariamente da castanha⁶⁹. Os traços originais da paisagem permanecem praticamente sem ter sofrido transformações.

c) *Produtos agro-pastoris e os meios de vida* — Ao começarmos o estudo da agricultura e da pecuária, não podemos deixar de voltar a insistir sobre alguns conceitos já por nós esboçados em outras partes deste trabalho, pois a lavoura no Guaporé está reduzida a uns poucos produtos, sendo a importação de todos os cereais e gêneros alimentícios, quase generalizada em virtude da preocupação constante dos grupos que aí vivem de modo rudimentar, em busca de produtos naturais da floresta⁷⁰. A lavoura, embora incipiente, está tomando desenvolvimento relativamente grande, se a compararmos com a situação existente por ocasião da criação do território. No que diz respeito a este assunto, vamos transcrever o depoimento pessoal do prefeito BOEMUNDO ÁLVARES AFONSO, que na sua monografia histórico-corográfica sobre o município de Pôrto Velho, apresentada ao Serviço Nacional de Recenseamento em 1940, na parte referente à lavoura, diz o seguinte: “As condições gerais da lavoura são muito precárias neste município; relegada a um plano inteiramente secundário, devido ao predomínio da indústria extrativa, reduzindo, assim, as plantações, quase exclusivamente, às que são praticadas para o sustento próprio do lavrador. Dentre outras causas que também contribuem para esta situação, estão o absoluto abandono dos poderes públicos, falta de recursos do governo municipal e a ignorância geral”.

Prossegue ainda o prefeito BOEMUNDO dizendo que são primitivos os processos de cultivo do solo; os pequenos agricultores existentes desconhecem os benefícios dos modernos métodos e não dispõem de maquinismo agrário. A saúva, que ataca a lavoura, é combatida de modo ineficaz pelos particulares,

⁶⁹ O Prof CARLOS MENDONÇA, um dos conhecedores do panorama econômico do Guaporé, teve oportunidade de declarar, numa entrevista dada ao jornal *A Província do Pará*, (Belém — 16/3/1952) que com a transformação da área do noroeste matogrossense em território federal, nem tudo tem corrido às mil maravilhas. Basta ver que a produção pecuária e agrícola se encontra ainda numa fase de experimentação, importando-se o gado da Bolívia e uma alta porcentagem de cereais de outros estados. O problema alimentar do Guaporé se torna cada dia mais premente.

Os que conhecem a Amazônia sabem que as afirmativas de C. MENDONÇA não se aplicam apenas ao Guaporé, mas, de modo geral, a toda a região norte. Essa situação no campo agro-pecuário é facilmente explicável, uma vez que a coleta é o traço dominante da economia da região.

⁷⁰ PIMENTEL GOMES em seu artigo “A Valorização da Amazônia” teve oportunidade de fazer algumas considerações de ordem geral que se aplicam corretamente ao Guaporé quando diz: “O exame perfunctório da economia amazônica, que acabamos de fazer, é suficiente para mostrar a sua extrema fraqueza e vulnerabilidade. As safras são extremamente pequenas, quase ridículas. Movimentam-se, importâncias mínimas. São enormes as importações de gêneros alimentícios. Ainda hoje o produto principal é a borracha, cujo preço é artificial, pois vale no Brasil pelo menos duas vezes mais do que além fronteiras” — (In: *Boletim Geográfico*, ano IX, n.º 98, maio de 1951, pp 157/159).

No ofício n.º 242, dirigido pelo diretor de Produção, Terras e Colonização, ao senhor governador do território, disse: “Existe em todo o Brasil, especialmente na Amazônia, um desequilíbrio entre os que produzem e os que consomem, isto é, entre a vida do campo e o parasitismo da cidade.”

Os fatores que concorrem para tal estado de coisas são múltiplos e transcendentes.

Necessitamos produzir de qualquer maneira os alimentos indispensáveis à nossa população, isto é, o arroz, a farinha, o feijão, o milho, os óleos vegetais, o açúcar, as frutas, bem como assim os ovos, o leite, a banha e as carnes consumidas”.

desajudados pelos poderes públicos. Não há no município campos experimentais.

As palavras do prefeito BOEMUNDO ainda são válidas em nossos dias para todo o território do Guaporé, existindo, todavia, uma melhora no que diz respeito à criação de campos experimentais. Isto, porém, se verificou por causa da presença mais efetiva do governo federal, ou melhor, após a transformação da área estadual em território federal. Todavia, a orientação seguida na Divisão de Produção, Terras e Colonização, a quem estão afetos os serviços da colonização, não nos pareceu muito boa. E a este propósito já tivemos oportunidade de melhor esclarecer o assunto, ao ventilarmos a situação encontrada nas colônias agrícolas de Iata e Candeias.

Antes de entrarmos no estudo quantitativo da produção, ou melhor na *geografia econômica da agricultura*, segundo DANIEL FAUCHER, cumpre-nos dizer algo sobre os sistemas agrícolas.

A agricultura incipiente no território do Guaporé está praticamente em começo, porém, uma série de técnicas agrícolas são empregadas pelo caboclo. Para o preparo de uma quadra agrícola, como já dissemos no capítulo referente à colonização, o caboclo pratica primeiramente a “broca”, durante os meses de julho e início de agosto. Algumas vezes, já nos fins de julho, começa o caboclo a “brocar”.

A “broca” consiste no corte dos galhos mais baixos e pequenos arbustos, ou melhor, numa limpeza do mato, permanecendo o mesmo no campo. Quando começam a se avizinhar os fins da estação seca e o prenúncio da estação das chuvas — que ocorre, de modo geral, em setembro — já o homem realizou a segunda fase do preparo do solo, ou seja, a “derrubada”. Este árduo trabalho é feito, de preferência, durante o mês de agosto, gastando os homens muita energia em semelhante tarefa.

Os instrumentos usados nestas duas fases da preparação dos campos, são o “terçado” (facão) e o machado. Uma vez feita a “broca” e a “derrubada”, fica a vegetação sobre o campo a ser plantado. A terceira fase da preparação do campo é finalmente o “fogo”. Este destrói a vegetação que ficara no campo secando, e também grande parte do humo que existia no solo. Mas, ao lado disso, a vegetação queimada fornece potássio e outros elementos assimiláveis pelas plantas.

O fogo não é porém suficiente para destruir todos os troncos de árvores, ficando muitos no meio do campo, de mistura com a lavoura. O mesmo acontece com as raízes e parte dos caules que ficam também no solo, pois não há “destocamento” nesses campos, em virtude da grande facilidade em realizar a rotação de terras.

Uma vez pronto o campo em fins de agosto, já em setembro começam a fazer as plantações sem que a terra tenha sido lavrada. Como se vê, a técnica agrícola é simples, resumindo-se no presente à tarefa da “broca”, à “derrubada” e o “fogo”. Suas plantações exigem, infelizmente, uma rápida rotação de terras, em virtude do esgotamento do solo e o baixo rendimento agrícola.

O processo da “agricultura itinerante” e de queimadas é típico das regiões atrasadas e com fraca densidade de população. Exige uma rotação constante

de terras, isto é, uma área cultivada em permanente deslocamento em busca de novas quadras mais férteis. Na Amazônia este processo é perfeitamente generalizado em toda sua área⁷¹, e podemos dizer mesmo, na maior parte das regiões do Brasil

Ao tratarmos da distribuição da população vimos que é nas proximidades de Porto Velho, ao longo do rio Madeira, em Iata, a cerca de 23 quilômetros de Guajará-Mirim, bem como nos arredores desta cidade, e em Candeias, onde se encontram os caboclos dedicados aos trabalhos da lavoura. Esta atividade econômica só começou a se desenvolver, como já dissemos, de alguns anos para cá. A prática da lavoura itinerante de derrubadas com queimadas quase que anuais, dá, como consequência, o desaparecimento da mata, e o surgimento de campos cerrados ou mesmo campos, tal a intensidade da laterização em certos solos. No que se refere à produção, a utilização de práticas rotineiras, e a possível falta de vocação para o cultivo do solo têm contribuído para que seja insuficiente mesmo para o auto-consumo. A situação atual não é muito diferente da que se encontrava em 1940. E as afirmações feitas pelo prefeito BOEMUNDO A. AFONSO para o município de Porto Velho naquela data, podem ser ainda, nos nossos dias, aplicadas e estendidas a todo o território, mesmo quando ele diz que nestas condições as culturas são pobres e absolutamente insuficientes. Não há grandes culturas e a produção de mandioca, feijão (nas praias), arroz, milho, cana, é em pequena escala.



Fig. n.º 59 — Tipo de habitação construída toda com folhas de palmeira em São Pedro (Tórno Largo)

(Foto do autor)

A paisagem rural pode ser descrita de modo rápido, pois o caboclo ocupante do campo cultivado constrói uma casa rústica de palha de palmeira (Fig. 59), ou de varas de paxiúba, ou então de "taipa" (Fig. 60). Seu campo

⁷¹ A este propósito já tivemos oportunidade de ressaltar estes problemas, ao estudar a colonização do seringal Empresa em Rio Branco (Acre) e também a agricultura no território do Amapá.

isolado na beira rio é uma clareira, sendo a cerca de sua área plantada, a própria floresta circundante. Não possui instrumentos agrícolas, além de seu “terçado”, machado e enxada. Também não possui “silos”, nem local para guardar sua produção (Fig 61)



Fig n° 60 — Casa de “taipa” na colônia Presidente Dutra, vendo-se o lote de um lavrador nordestino

(Foto do autor)



Fig n° 61 — A preocupação da construção de silos só é encontrada nos postos oficiais. É o caso dos pequenos silos do posto agro-pecuário dos Tanques, os quais vemos na foto acima

(Foto do autor)

Do que expusemos linhas acima, logo concluem os que estão acostumados aos trabalhos do campo, que o rendimento da produção por hectare é pequeno, e o esgotamento dos solos rápido, tendo em vista o sistema agrícola adotado.

Entre os produtos mais importantes da lavoura, cujo volume de produção merece destaque temos: rizomas feculentos — “mandioca” e “batata doce”; cereais — “milho” e “arroz” “feijão”; oleaginosas — “amendoim” e “côco-da-baía”; frutas — “laranja”, “abacaxi”, “abacate” e “banana”. Entre os produtos diversos incluímos a “abóbora” ou “jerimum”, “cana de açúcar”, “fumo em folha”, etc.

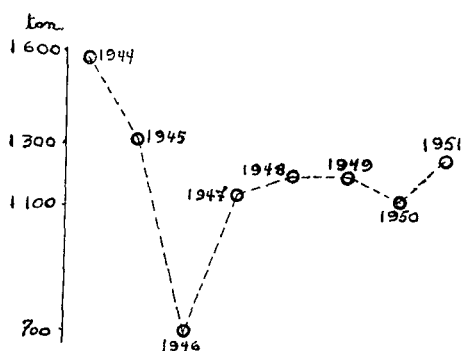


Fig n° 62 — Produção de mandioca

De todos os produtos da lavoura o mais importante é a mandioca; quer a chamada “mansa”, quer a “mandioca brava”. E observando-se os dados estatísticos desde 1944 até 1949, verificamos que o máximo foi conseguido em 1944 com 1 580 toneladas e o mínimo registrado em 1946, com cerca de 700 toneladas (Fig. 62).

Em 1950 e 1951 a produção não foi superior aos anos anteriores, sendo de 1 130 toneladas em 1950 e 1 285 em 1951⁷². Especificando por municípios temos: Pôto Velho 800 tone-

ladas em 1950 e 1951 e Guajará-Mirim com apenas 230 em 1950 e 485 em 1951. O aumento que se verifica em Guajará-Mirim é devido à colônia agrícola Presidente Dutra.

A mandioca tem um ciclo longo, sendo plantada geralmente nos fins da estação seca, para no começo das chuvas já estar no solo, e somente é colhida depois de um ou dois anos. Em terrenos de mata devastada, pela primeira vez, pode-se colher a mandioca mesmo de 6 meses, segundo informaram alguns caboclos. Entretanto é mais freqüente o espaço de um ou dois anos para se arrancar estas raízes feculentas.

Além da mandioca, cultivam os caboclos a “batata doce”, já que a “batata inglesa” ou batatinha é importada freqüentemente da Bolívia. No Acre, no Amapá, em Belém e em Manaus, a situação é a mesma, sendo, porém a importação da batatinha feita do sul do Brasil.

A batata doce é plantada no começo das chuvas, e cerca de dois a três meses depois já pode ser arrancada.

Os dados estatísticos da produção da batata doce, desde 1944 até 1949, mostram que houve pouca variação:

1944	14 toneladas
1945	8 ”
1946	16 ”
1947	32 ”
1948	16 ”
1949	15 ”

⁷² Dados estatísticos extraídos do *Caderno D* da Inspeção Regional de Estatística Municipal do Guaporé.

Para os anos de 1950 e 1951 os dados estimativos, extraídos do “caderno D” da Inspetoria Regional de Estatística Municipal, acusam apenas a produção de 13 toneladas, para cada um dos anos acima referidos.

Entre os cereais, os dois produtos que merecem destaque são: “milho” e “arroz”. O cultivo dos mesmos é feito, de modo geral, de setembro “arroz”, e uma leguminosa que é o “feijão”. O cultivo dos mesmos é feito, de modo geral, de setembro a outubro, ou o mais tardar até novembro, sendo a colheita feita depois de três a quatro meses.

Plantam-se no Guaporé diversas variedades de milho, como: milho vermelho, mole ou boliviano, branco, etc-. O milho vermelho é o mais comum em toda a região, porém, o milho mole é o preferido para se fazer cangica e pamonha, por fornecer mais massa que o vermelho. O milho branco é na quase totalidade importado, e serve para mingaus.

A produção de milho no período de 1944 a 1952 sofreu certas oscilações, as quais merecem destaque, uma vez que sendo de apenas 21 toneladas em 1944, chegou a 131 em 1945 e daí tem decrescido, de modo acentuado, pois em 1949 acusou apenas 57 toneladas (Fig. 63).

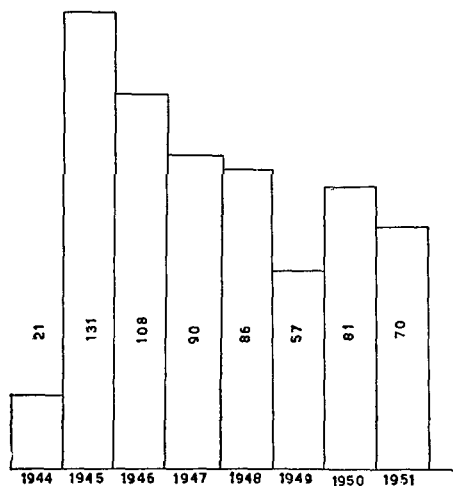


Fig n° 63 — Produção de milho, em toneladas, no período de 1944 a 1951.

O município de Guajará-Mirim, nos anos de 1950 e 1951, produziu, respectivamente, 1 100 e 860 sacos de 60 quilos, ou sejam 66 e 46 toneladas; quantidades estas bem superiores às de Pôrto Velho, que apenas produziu 250 sacos de 60 quilos em 1950 e 30 em 1951.

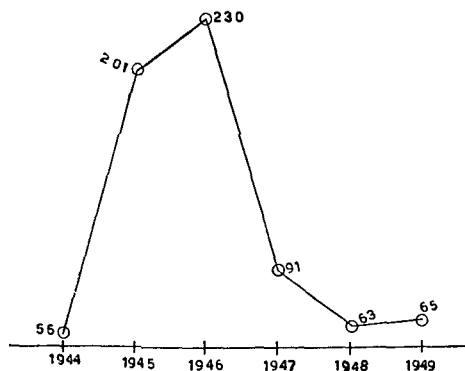


Fig n° 64 — Produção de arroz em toneladas, no período de 1944 a 1949, no território federal do Guaporé

O arroz é plantado nos meses de setembro, outubro ou novembro, para ser colhido cerca de 3 a 4 meses depois, isto é, de janeiro até março, como já dissemos. Não se realiza no território o cultivo de arroz de áreas inundadas, restringindo-se o seu plantio aos barrancos de rios e algumas terras-firmes.

Na produção de arroz demonstram os dados estatísticos desde 1944 até 1949, que houve um grande acréscimo nos anos de 1945 e 1946 e daí para cá tem diminuído de modo sistemático (Fig. 64). Com o estabelecimento dos núcleos agrícolas parece que a produção tenderá a aumentar e tornar-se mais estável. O município de Guajará-Mirim produziu em 1950 e 1951 cerca de

680 e 530 sacos de 60 quilos de arroz com casca, enquanto Pôrto Velho apenas 150 e 160

Finalizando o estudo dos cereais, temos o “feijão”, cujo máximo de produção foi registrado em 1947, com 30 toneladas, e o mínimo em 1950, com 14 200 quilos, sendo 170 sacos de 60 quilos, referentes ao município de Pôrto Velho, e 68 ao de Guajará-Mirim

Os caboclos plantam uma série de tipos de feijão, como o “mulatinho”, “canário”, “polegada”, “manteiga”, etc

As plantações de feijão na beira dos rios recebem a denominação de “feijões da praia”

Após êste estudo dos cereais, passamos a considerar de modo breve as “oleaginosas”, como: “amendoim” e o “côco-da-baía” (Fig. 65) A produção dêsses dois produtos é muito pequena, sendo necessária a importação, que



Fig n° 65 — Aspecto de alguns coqueiros anões do pósto agro-pecuário dos Tanques, localizado a cerca de três quilômetros a nordeste da cidade de Pôrto Velho

(Foto do autor)

na quase totalidade é feita da praça de Belém Nos anos de 1946 a 1951 o território produziu, apenas, um total de 18 toneladas de amendoim, distribuídas do seguinte modo:

1947			...	.	5 toneladas
1948	.		.		5 "
1949	.		.		2 "
1950	.	.			2 "
1951		...	...	...	2 "
1952	.	..			2 "

Esta produção é tôda do município de Pôrto Velho, único produtor do território do Guaporé

Quanto ao côco-da-baía, a situação tem melhorado, e desde 1944 que a produção tem aumentado sensivelmente, como se pode ver através dos dados estatísticos:

1944		5 000	frutos
1945		6 000	"
1946		8 000	"
1947		10 000	"
1948		10 000	"
1949		11 000	"
1950		9 000	"
1951		13 000	"

A produção de côco-da-baía tem aumentado, porém não existe ainda nenhum lavrador que possua grande coqueiral. Geralmente uns poucos pés são encontrados junto à "barraca" do lavrador. O calendário agrícola dessa oleaginosa revela que em qualquer época do ano o seu cultivo pode ser iniciado, mesmo nos meados da estação seca.

Passamos a considerar agora os frutos, como: "abacate", "abacaxi", "banana" e "laranja"⁷³, cuja produção, embora pequena, é bem maior que a do território do Amapá⁷⁴.

No que se refere à produção de abacates, apenas dispomos dos dados fornecidos pela Inspetoria Regional de Estatística Municipal, (anos de 1950 e 1951), uma vez que não se tem informação no *Anuário Estatístico* para este produto. No ano de 1950 o Guaporé produziu 451 centos de abacates, e em 1951, aumentou para 600 centos, sendo o município de Pôrto Velho o maior produtor.

O abacaxi e o ananás são geralmente plantados no começo das chuvas (inverno), demorando o primeiro 8 meses a um ano, para ser colhido, enquanto o segundo demora um pouco mais.

Nos dados estatísticos da produção o ananás não é diferenciado do abacaxi. No quadro geral da produção do território, este produto é um dos que têm aumentado gradativamente (Fig. 66).

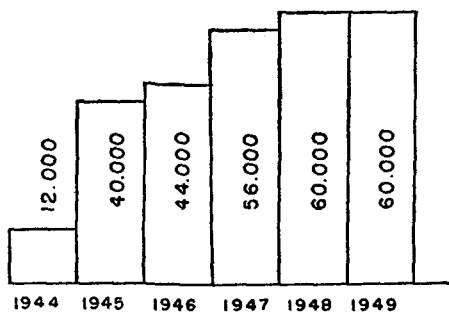


Fig. n° 66 — Produção de abacaxi

O município de Pôrto Velho produziu em 1950 — 40 000 frutos, enquanto o de Guajará-Mirim 19 400. A situação pouco mudou em 1951, pois a produção do município de

Pôrto Velho se manteve estável com 40 000 frutos e a de Guajará-Mirim subiu para 19 500 frutos.

A produção de bananas tem crescido normalmente todos os anos, como poderemos ver, analisando os dados das estatísticas existentes desde 1944

⁷³ A abóbora ou jerimum, embora seja um fruto, incluímos na categoria dos diversos, pois aqui consideraremos apenas os frutos de sobremesa.

⁷⁴ O Sr. EDGAR DE SOUSA CORDEIRO, diretor da Divisão de Produção, Terras e Colonização, no ofício n° 242 dirigido ao senhor governador do território, salientou a importância da fruticultura para o

(Fig 67) A plantação da banana é feita de preferência no “berador”, isto é, nas áreas próximas à margem dos rios, ou em locais onde existe acentuada umidade no solo.

Apenas no curto prazo de cinco a seis meses, já se pode colher a banana. Entre as principais variedades cultivadas temos a destacar as seguintes: “banana comprida”, “baé”, “murupi” (banana dos índios), “branca”, “roxa”, “prata”. Dessas, as mais cultivadas são: “branca”, “baé” e “prata”.

O município de Pôrto Velho é o maior produtor de bananas, vindo grande parte dessa produção das margens do rio Madeira, nas proximidades da cidade de Pôrto Velho, onde se vêem alguns bananais. Assim, em 1950 produziu o município de Pôrto Velho 40 000 cachos, enquanto Guajará-Mirim apenas 12 000, e em 1951 a produção subiu respectivamente para 50 000 cachos em Pôrto Velho e 15 200 em Guajará Mirim.

Finalizando a parte referente aos frutos de sobremesa, temos as “laranjas”, cuja produção em 1950 e 1951 foi, respectivamente, de 1 950 centos em 1950, e 2 080 centos em 1951, sendo o município de Pôrto Velho o maior produtor, com 1 500 centos em 1950, e 1 600 em 1951.

As variedades de laranjas mais cultivadas são: “baiana”, “china”, e “laranja da terra”. Dessas, a mais cultivada é a “laranja baiana”. A plantação dessa fruta pode ser feita em qualquer época do ano, com a condição de que durante a estação seca ela seja regada.

Ainda entre os frutos, temos a abóbora ou jerimum, utilizado aí exclusivamente na alimentação humana. Em 1950 o território produziu 10 900 frutos, sendo 8 000 no município de Pôrto Velho e apenas 2 900 no de Guajará-Mirim. Verificou-se um sensível aumento da produção, pois em 1951 passou para 14 000 frutos, distribuídos do seguinte modo: 10 000 no município de Pôrto Velho e 4 000 em Guajará-Mirim.

Entre os produtos diversos cumpre ainda destacar a “cana-de-açúcar” e “fumo em folha”, cuja produção, em 1951, foi de 500 toneladas de cana e 650 arrobas de fumo em folha.

A produção de cana é utilizada na maior parte para fazer rapadura e garapa, pois não existem engenhos para a fabricação de açúcar. A cana caiana e a cana roxa são as duas variedades mais cultivadas no território. A cana roxa é aproveitada principalmente para o fabrico do melado e da garapa.

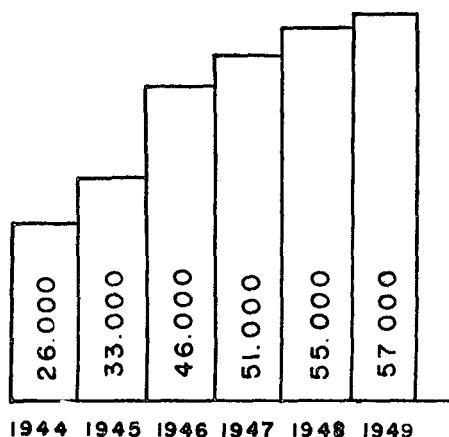


Fig n° 67 — Produção de banana (dados estatísticos em cachos)

território, nos seguintes termos: “As fruteiras no Guaporé não têm só a finalidade de fornecer frutos ricos em vitaminas naturais, de que necessitam as nossas desnutridas populações, mas têm um alcance muito mais elevado, o de fixarem o homem à terra, valorizando esta. É mais fácil abandonar um lote de terra onde só viceja jurubeba e embaúba, do que um onde se alinhem coqueiros, enxertos de laranjeiras, limeiras, tangerineiras, mangueiras e tantas outras fruteiras distribuídas por nós”.

Fizemos o estudo minucioso da produção e análise de sua evolução, no tempo, para mostrar que a situação no domínio da lavoura tem permanecido pouco diferente do que era em 1944, quando seria de se esperar o seu aumento gradual.

Acreditamos que a partir de 1952, a produção começa possivelmente a aumentar, pois, o governo tem procurado introduzir um relativo número de colonos no território. No futuro, quem analisar os dados estatísticos terá oportunidade de comprovar este possível crescimento do volume dos produtos agrícolas. *Cumpra ainda assinalar que a estatística agrícola do território se resume, segundo os dados oficiais do Anuário Estatístico, em apenas nove produtos, a saber: mandioca, milho, arroz, feijão, batata doce, abacaxi, banana, laranja e fumo, sendo a mandioca a mais cultivada.*

Quanto à atividade criatória no Guaporé, devemos acentuar que esta, praticamente, não existe⁷⁵. Tanto é assim que o Serviço de Geografia e Estatística está deixando de computar os dados estatísticos referentes ao rebanho bovino. Em 1940 não existia na área, que corresponde atualmente ao território do Guaporé, nenhuma fazenda, que se dedicasse exclusivamente à criação de gado.

Atualmente, próximo a Pôrto Velho, na fazenda Milagres, situada a cerca de 12 quilômetros a nordeste da cidade, está o governo mantendo um posto experimental, no qual estão sendo aclimados alguns reprodutores de raça como: Gir, Neloire e outros (Fig. 68). Existe uma área de pastos plantados com capim gordura e jaraguá da ordem dos 200 hectares.

A falta de pastos constitui outro obstáculo que tem dificultado o desenvolvimento da pecuária na região⁷⁶. Algumas cabeças que aí existem são obitadas a viver à beira dos barrancos marginais do rio, como afirmou o prefeito

⁷⁵ No ofício n.º 242, dirigido pelo Dr. EDGAR DE SOUSA CORDEIRO, diretor da Divisão de Produção, Terras e Colonização ao senhor governador do território em 1.º de julho de 1952, encontramos afirmativas muito importantes, as quais passaremos a transcrever linhas abaixo: "Pecuária — É o problema número um deste território. Pará e Amazonas, bem ou mal, possuem seu próprio "bife", e nós estamos na dependência direta da Bolívia".

Em exposições anteriores já demonstramos que tal dependência é perigosa, porque hoje o rebanho boliviano não atende só à região amazônica da Bolívia e do Brasil, pois, com o transporte aéreo, as cidades do altiplano boliviano estão sendo abastecidas de carne verde. E estas consomem, em um mês o que antigamente daria para atender à parte amazônica dos dois países durante um ano.

O rebanho boliviano, que nos parecia tão grande para atender aos antigos compromissos, hoje é insuficiente, disso temos a prova, pela diminuição da média do peso e pela idade dos bois que nos chegam, muito mais novos que os antigos. A Bolívia, mais cedo ou mais tarde, terá que suspender o fornecimento de gado que consumimos, não por falta de "boa vizinhança", mas como medida de subsistência própria. Nós fazemos o mesmo com as Guianas".

⁷⁶ Baseado em estudos recentes do Dr. GEORGES BLACK, do Instituto Agrônomo do Norte, realizados em junho de 1952 nos campos do rio Guaporé, o Dr. EDGAR DE SOUSA CORDEIRO, diretor da Divisão de Produção, Terras e Colonização, dirigiu em 1.º de julho de 1952, o ofício n.º 239, ao senhor ministro da Agricultura, no qual pede auxílio àquele ministério para poder utilizar melhor os referidos campos que poderão conter 75 000 cabeças de gado. Em certo trecho do ofício diz o Dr. EDGAR DE SOUSA que: "Os campos naturais são cobertos das melhores gramíneas e leguminosas forrageiras, podendo citar as mais ricas e mais comuns: taripucu (*Paspalum — Platiaxis*), arroz de pato (*Oryza Latifolia*, O Altar, O Grandeghumus, O Penenis), canarana de pato (*Paspalum Repens*), nos campos mais alagados; andrequicé (*Lersia Hexandra*), camalote liso (*Paspalum Plicatum*), capins marreca (*Panicum Laxum*), mimoso — forma anã — (*Hymenachne Amplexicaulis*) nos medianamente inundados, e, finalmente, nos campos alagados, o uauçu (*Sorghastrum Panflorum*), macega (*Triaepogon*), camalote de pêlo (*Paspalum Sp*), além de muitos outros de menor ocorrência e menos procurados pelo gado.

De modo geral, os campos de Guaporé são mais ricos em boas forrageiras do que os da ilha do Marajó, no estado do Pará, e os do território do Rio Branco".

BOEMUNDO ÁLVARES AFONSO, devido à falta dos pastos naturais ou plantados. Após estes dados, cremos não ser mais preciso insistir no que diz respeito aos métodos de criação, pois estes ainda não entraram na conjectura dos caboclos. O pequeno número de cabeças de gado que existe, é criado à solta e sem nenhum cuidado.

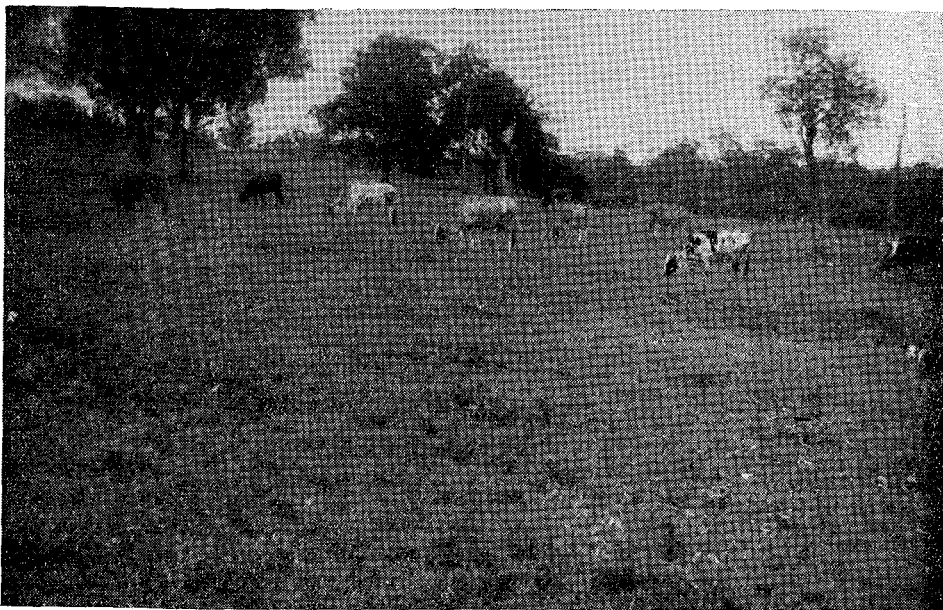


Fig. n° 68 — Na foto vemos um aspecto parcial do gado que pasta nos campos plantados com capim gordura e jaraguá, na fazenda Milagres. Este posto experimental ainda se acha praticamente na fase inicial, possuindo poucas conclusões no que diz respeito à pecuária no território do Guaporé.

(Foto do autor)

O abastecimento de carne fresca de gado vacum no Guaporé só é possível graças à importação feita da Bolívia. A situação de dependência é verificada não apenas no Guaporé, mas, também, no território do Acre, pois, a carne consumida na cidade de Rio Branco, capital do Acre, é quase toda de procedência boliviana⁷⁷. Todavia, aí estão fazendo uma pecuária um pouco mais desenvolvida que no Guaporé, principalmente na fazenda Sobral. Esta situação da lavoura e da pecuária é perfeitamente explicada se considerarmos o tipo de economia da região, pois a mesma está baseada principalmente em produtos extrativos da floresta e da caça — borracha, castanha, couros e peles. Foi levando em consideração estes problemas que aconselhamos a realização da lavoura nos seringais, bem como o início da pecuária. Sabemos, de antemão, que não será fácil esta solução, entretanto é imprescindível que a mesma seja feita para melhorar um pouco a dieta da população.

Para finalizarmos a parte referente à pecuária, devemos considerar que a situação é ainda mais precária que na lavoura. Não há praticamente criação

⁷⁷ Para maiores minúcias vide: ANTÔNIO TEIXEIRA GUERRA — "Alguns aspectos geográficos da cidade de Rio Branco e do Nucleo Colonial Seringal Empresa (T. F. do Acre)" In: *Revista Brasileira de Geografia*, ano XIII, n° 4 — 1951.

de gado no território, e a carne fresca consumida é toda de origem boliviana ⁷⁸. Segundo dados estimativos em 31/12/1948 existia o seguinte rebanho no Guaporé:

Bovinos	3 900
Equínos	290
Asíninos	30
Muare	410
Suínos	7 300
Ovinos	1 360
Caprinos	800

d) *Produção extrativa animal* — A caça e a pesca não constituem no território, como em outras áreas, ocupações econômicas específicas. São praticadas, de modo geral, apenas para subsistência, existindo esporadicamente um ou outro que viva dessa atividade

Quanto aos dados referentes à caça e à pesca, apenas dispomos dos que dizem respeito aos couros e peles enviados para exportação. Deve-se ainda salientar que a quase totalidade, se não mesmo a totalidade dessas peles, é destinada à exportação

No quadro abaixo ⁷⁹ damos os principais produtos e seu respectivo valor em cruzeiros no ano de 1951:

COUROS E PELES	Quantidade (kg)	Valor (Cr\$)
Aíranha	291	54 715
Caititu	9 879	682 711
Capivara	7 506	69 305
Cobra jibóia	145	6 000
Cobra sucuriçu	134	4 140
Gado vacum	102 359	546 249
Jacaré	8 497	177 915
Lontra	63	8 353
Maiacajá	130	30 083
Onça	180	13 322
Queixada	5 010	223 642
Veado	12 154	340 363
Diversos não especificados	859	21 685
TOTAL	147 207	2 178 488

O couro do gado vacum é o principal produto em quilos, concorrendo com 102 359 quilos, e restando para a produção do território apenas 44 848 quilos. Porém, o principal produto da balança comercial, do ponto de vista das pe-

⁷⁸ A partir da data da transformação dessa área em território federal, a pecuária passou a interessar mais de perto os administradores federais, tendo sido criado um posto pecuário, chamado "Fazenda Milagres", onde são feitas as diversas experiências no que diz respeito à criação de gado, principalmente o vacum. O governo está importando reprodutores de raça, de diversos pontos do país, e está procurando aclimá-los. As dificuldades encontradas são muito grandes, pois tudo está praticamente por fazer, de modo que os veterinários e os agrônomos têm que ficar alertados no que diz respeito às relações dos animais com o meio. Além da Fazenda Milagres, existe ainda, em Porto Velho, um outro posto agropecuário, denominando "Tanques".

⁷⁹ Dados colhidos no Serviço de Geografia e Estatística do T. F. do Guaporé — "Quadro demonstrativo da exportação de couros e peles durante o ano de 1951".

les silvestres, é a pele de caititu, cujos 9 879 quilos renderam, em 1951, a quantia de Cr\$ 682 711,00, seguindo-se as peles de queixada, veado e de jacaré, que renderam, respectivamente, Cr\$ 223 642,00, 340 363,00 e 117 915,00.

Nesses totais apresentados é preciso se fazer a ressalva de que estão incluídos produtos cuja fonte de origem está fora dos limites políticos do território, pois a totalidade dos couros de gado vacuum resulta do gado boliviano abatido no Guaporé, e mesmo algumas peles vieram da fronteira boliviana e do próprio Acre.

Os couros e peles constituem o terceiro produto básico da economia do Guaporé. Em ordem de importância decrescente, temos as seguintes peles a salientar: caititu, jacaré, capivara, veado, queixada, maracajá, onça, etc.. Embora já tenhamos frisado em outra parte deste trabalho, não se torna demais insistir que a quase totalidade da produção de peles silvestres provém de indivíduos que praticam a atividade econômica da coleta da borracha e da castanha, não existindo, a não ser raríssimas exceções, os que façam da caça um meio de atividade econômica perene e único. As caçadas são feitas principalmente com o fito de se conseguir carne fresca para a alimentação. Daí decorre então o aproveitamento das peles

e) *Produção extrativa mineral* — O extrativismo mineral pouca importância teve até 1951 no Guaporé, quando foi descoberta a existência de diamantes em Rondônia, sendo até então a população, que vivia dessa atividade econômica, praticamente nula. Hoje, com as recentes descobertas, o distrito de Rondônia, que possuía cerca de 79 habitantes, tem, segundo estimativas dos conhecedores da região, aproximadamente 5 000. Todavia, ainda não possuímos dados que nos autorizem a falar da mineração no território, embora se saiba, por informações um tanto vagas, que existem reservas de bauxita e de cristais de rocha nos distritos de Porto Velho, Jaciparaná e Calamas. Ignora-se, porém, se os mesmos têm volume que permita exploração comercial. Há, também, indicações de diamantes nos rios Jiparaná, Alto Guaporé, Jamari, Jaciparaná e Cabixi⁸⁰. A contribuição, portanto, do reino mineral para a economia guaporense somente agora vai começar a ter importância, segundo se depreende das descobertas feitas.

f) *Atividades econômicas de grupos que vivem dos transportes e das indústrias* — Ao considerarmos os aspectos gerais da economia do território, não poderíamos deixar de consagrar algumas linhas tratando dos grupos humanos que trabalham nos transportes. Na atividade econômica dos que se empregam para trabalhar nos meios de transporte, merecem maior destaque os assalariados que vivem ao longo da linha férrea Madeira-Mamoré. Mas além das turmas de conserva, temos que considerar os que vivem em Porto Velho, trabalhando nas oficinas e nos escritórios da referida companhia. Em Guajará-Mirim há apenas o pessoal de escritório, uma vez que não existem aí oficinas de reparos, como em Porto Velho. Além das turmas de conserva, os “cossacos”, como são chamados, encontramos outros grupos de indivíduos, que vivem em função dos meios de transportes ferroviários, como sejam os “contratistas”, isto é, fornecedores de lenha e dormentes para a estrada. Ao con-

⁸⁰ Informações sobre o Território do Guaporé, — Serviço de Geografia e Estatística do Território Federal do Guaporé (Inédito)

trário dos “cossacos”, os “contratistas”, não são assalariados e ganham por produção. A fraca densidade de população no território ocasiona a existência do problema da dificuldade de se conseguir “contratistas”. Também a falta de animais de transporte constitui outro obstáculo para o aumento da produção dos “contratistas”. Êstes, por sua vez, trabalham, também, no regime do pagamento por produção com os “tiradores de lenha”. Atualmente (abril de 1952), a estrada está pagando Cr\$ 28,00 por metro cúbico de lenha colocado na “prancha”.

O “contratista” paga ao “lenheiro” Cr\$ 20,00 por metro cúbico no local onde é cortada dentro da mata. Esta madeira é transportada pelo “cambiteiro” em lombo de burro para a beira da estrada. Nesta tarefa êle ganha cerca de Cr\$ 5,00 por metro cúbico de lenha. Quando esta é colocada na beira da estrada e embarcada na prancha pelo próprio “contratista”, êste recebe mais de Cr\$ 3,00 a Cr\$ 4,00 por metro cúbico embarcado.

Ao longo da ferrovia existem cerca de 22 “contratistas”, em Pôrto Velho 3 e em Guajará-Mirim 2. Os maiores fornecedores de lenha e dormentes são os “contratistas” da cidade de Pôrto Velho.

Além do grupo que vive em função da ferrovia, devemos considerar o pequeno número que trabalha nos transportes fluviais, sendo parte empregados assalariados do govêrno do território. Outros, no entanto, possuem canoas ou embarcações maiores, trabalhando por conta própria. Pode-se ainda considerar um pequeno número de indivíduos que trabalham nos transportes rodoviários. Para isto basta atentar para o número de veículos existentes em todo o território — 219 (1951). Êstes estão, na quase totalidade, no município de Pôrto Velho e pertencem ao govêrno do território. Os operários assalariados do govêrno, que trabalham nos veículos, quer os motoristas, quer os mecânicos, constituem, de modo geral, populações citadinas. No mapa de distribuição da população do território, bem como nesta parte econômica, fizemos questão de ressaltar o trabalho do seringueiro e sua importância para o povoamento da zona rural. Finalizando o estudo das principais atividades econômicas dos diferentes grupos humanos, só nos resta fazer referência aos que vivem das indústrias de transformação. Estas são incipientes, ocupando pequeno número de indivíduos⁸¹. Aliás, as indústrias do território estão restritas, por ora, às olarias (fabricação de tijolos de barro, tijolos de areia e cimento, telhas, ladrilhos e peças de cerâmica), serarias e padarias. Constitui esta parte do nosso trabalho uma descrição das diversas atividades econômicas, para que se possa compreender melhor a paisagem cultural e os característicos da economia do Guaporé.

g) *Problemas do comércio de importação e o consumo de produtos alimentares* — Após o estudo do panorama econômico, do ponto de vista da produção, é preciso realizar-se o do comércio: quer o da exportação, quer o da importação dos bens econômicos, finalizando, então, com a parte referente ao consumo.

O comércio de exportação do Guaporé é caracterizado pelos produtos extrativos da floresta e também pelos couros e peles silvestres. Assim, o mo-

⁸¹ 664 pessoas, segundo o recenseamento de 1950

vimento de exportação ⁸² no território, alcançou, no decorrer do ano de 1951, os seguintes dados:

<i>Produtos</i>	<i>Pêso (kg)</i>	<i>Valor (Cr\$)</i>
Borracha	3 929 872	78 447 624,00
Castanha	1 612 133	8 218 860,00
Couros e peles	147 207	2 178 488,00
Madeiras	89 m ³	66 901,00
Diversos	255 535	2 730 684,00
	-----	-----
TOTAL	5 944 836 e 89 m ³	91 642 557,00

A totalidade desses produtos é dirigida para Manaus e Belém, cujos representantes transacionam então com as outras praças comerciais, nacionais ou internacionais.

Atiavés dos dados da exportação, realmente se pode ver como vive a balança comercial do território, na dependência, praticamente exclusiva, do mercado da borracha.

Passamos a considerar agora o comércio de importação, cujo estudo será feito, discriminando-se os seguintes tópicos: a) “produtos de alimentação e forragem”, b) “matérias primas”, c) “produtos manufaturados” e d) “animais vivos” (gado da Bolívia)

Nestas diferentes rubricas, a importação de produtos manufaturados, em 1949, chegou a Cr\$ 23 284 990,00, vindo a seguir os que dizem respeito à alimentação e forragem, Cr\$ 14 581 573,00, às matérias primas, Cr\$ 3 815 745,00 e, finalmente, aos animais vivos Cr\$ 2 359 500,00. Como se vê, a importação feita pelo território do Guaporé, no ano de 1949 alcançou a seguinte soma: Cr\$ 44 041 808,00. A principal fornecedora de produtos para o Guaporé é a praça comercial de Manaus, e, secundariamente, a de Belém. Assim, do total acima, o estado do Amazonas contribuiu com Cr\$ 24 857 343,00 e o do Pará com Cr\$ 19 389 465,00.

Não pretendemos aqui fazer um estudo pormenorizado de todas as mercadorias importadas pelo território, mas, tendo em vista a importância assumida pelos produtos alimentícios, vamos, então, tentar especificar os dados referentes a esta parte do comércio de importação do Guaporé (vide quadro n.º 1)

Análise breve do quadro anexo n.º 1 dá margem a que se façam rudes comentários contra o sistema econômico vigente na região. E, se comparativamente olharmos para o quadro do custo de vida da região, aí então compreenderemos melhor a situação em que vivem os grupos humanos na Amazônia e mais especialmente no Acre e no Guaporé, onde as distâncias maiores da fonte de produção à fonte de consumo, oneram de modo assustador os diferentes produtos.

⁸² Dados estatísticos colhidos na monografia: *Informações sobre o Território do Guaporé* do Serviço de Geografia e Estatística do Território Federal do Guaporé” P. Velho, 8 de fevereiro de 1952 (Inédito).

QUADRO ANEXO N.º 1

ESPECIFICAÇÃO	Pêso (Kg)	Valor (Cr\$)
Alimentação e forragem ...	2 792 420	14 581 573
Açúcar	486 904	2 001 114
Arroz	209 727	959 675
Água mineral	2 400	11 000
Bebidas alcólicas	206 240	1 118 571
Bebidas refrigerantes .	145 745	409 990
Bolachas e biscoitos .	27 484	418 505
Banha	71 643	924 165
Batata	33 000	95 980
Café em grão	159 723	1 253 183
Charque	4 040	72 112
Condimentos	30 713	259 528
Conservas	82 033	1 350 814
Confeitos e bombons	3 233	42 105
Chocolate em pó	12 276	140 461
Farinha de trigo	264 657	939 695
Farinha de mandioca	222 482	883 730
Feijão	72 467	269 505
Leite condensado	125 817	1 212 872
Leite em pó	25 525	469 746
Manteiga	36 737	899 271
Massas alimentícias	51 830	298 419
Óleo alimentício	2 996	65 900
Sal	491 338	307 257
Vinagre	19 690	61 460
Xarope	3 720	17 525

Aliás este fato é perfeitamente explicável, pois desde que a mercadoria sofra grandes deslocamentos, ou melhor, que os centros consumidores se achem longe dos centros produtores, os fretes encarecerão normalmente o produto, como se verifica no Guaporé. Além do mais, o abastecimento em gêneros alimentícios não é regular, pois, freqüentemente se verifica falta de produtos de primeira necessidade, como é o caso do arroz, farinha de trigo, açúcar, sal, manteiga, massas, gorduras para frituras, etc . A irregularidade no abastecimento está ligada ao fato das dificuldades de transporte, principalmente na época das secas.

No quadro dos diferentes produtos de importação há um que merece destaque todo especial, é a “farinha de mandioca”. Este fato constitui uma verdadeira aberração, se considerarmos as condições ecológicas exigidas pela mandioca e os resultados obtidos nas terras firmes. Uma série de outros produtos, como o arroz, o feijão e o açúcar, deveriam ser conseguidos perfeitamente no território, isto para não nos referirmos a outros, como leite condensado e em pó, que deveriam ser restringidos, com a preferência do consumo do leite fresco. É através da análise desses dados estatísticos, que nos convencemos, não com palavras, mas com fatos, do caminho errado que trilham as áreas, cuja economia vive apoiada unicamente na indústria extrativa da coleta ou da caça, como o território do Guaporé.

Na rubrica, por exemplo, de “animais vivos”, vemos que o território importou um total de 4 719 cabeças de gado, num valor de Cr\$ 2 359 500,00, pro-

vindos da Bolívia. Graças ao rebanho boliviano, é que se come carne fresca de gado na área do território federal do Guaporé, e em parte do Acre.

Após êste estudo do comércio de importação passemos a considerar, de modo sumário, a parte referente ao consumo de produtos, ou melhor, gêneros considerados de primeira necessidade. Para maiores esclarecimentos, vejamos o custo médio da vida na cidade de Pôrto Velho, durante o ano de 1951, no que tange aos gêneros alimentícios e outros artigos de primeira necessidade, segundo dados estatísticos fornecidos pelo Serviço de Geografia e Estatística do Território Federal do Guaporé:

MERCADORIA	Unidade	Preço médio (Cr\$)
Açúcar branco	Quilo	6,70
Arroz	»	6,30
Álcool de 36°	Litro	17,50
Banha	Quilo	28,70
Batata inglesa	»	15,00
Café em grão, de 2ª	»	29,00
Carne fresca	»	10,00
Carne de porco	»	15,00
Charque boliviano	»	18,70
Charque Rio Grande do Sul	»	21,30
Farinha seca	»	5,00
Farinha d'água	»	5,00
Feijão mulatinho	»	10,00
Galinha (tamanho médio)	Unidade	37,50
Leite condensado	Lata	10,80
Leite fresco	Garrafa	13,30
Leite em pó	Lata	33,30
Manteiga	Quilo	57,30
Ovos	Dúzia	24,80
Pato (tamanho médio)	Unidade	48,30
Toucinho fresco	Quilo	18,70
Cuerosene	Litro	6,20
Carvão vegetal	Lata	8,50
Carvão vegetal	Saco de 3 latas	25,00
Lenha	M3	79,20

Os dados do custo médio da vida, na cidade de Pôrto Velho, merecem atenção por parte dos administradores, que raramente se dão ao trabalho de investigar o nível de vida da população e o custo dos gêneros na região sob sua jurisdição. Sabemos, de antemão, que o quadro acima causará espanto para os habitantes do Brasil, que moram na zona meridional do país.

É visando uma difusão do conhecimento da situação reinante em várias porções da região amazônica, que temos insistido nestes dados do custo de vida.

Êste panorama não é explicado apenas pela especulação do comércio local, embora saibamos que ela existe, mas, sim, pela circunstância em que se encontra a região, importando quase tudo de fora.

Comparando-se os preços das diferentes mercadorias com os que eram pagos na época, em grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, êstes constituem verdadeiros paradoxos. Mas a explicação está, como já acentuamos, no fato de as fontes de produção se acharem longe dos centros de consumo.

Se deixarmos de considerar a área urbana da cidade de Pôrto Velho, e pensarmos no abastecimento dos seringueiros que estão por vêzes, a semanas de canoa da cidade, então, poderemos compreender, melhor, as dificuldades para abastecer êstes grupos humanos. O preço das mercadorias chega aos seringais com uma oneração de mais 5 a 10 e mesmo 15%, acima do que é cobrado em Pôrto Velho.

O problema do abastecimento dos centros urbanos, como Pôrto Velho, já que a navegação no rio Madeira, embora franca durante o ano inteiro, é muito mais demorada nessa época do ano (verão) É freqüente a falta de determinados gêneros alimentícios, devido a estas dificuldades de transporte

Manaus e Belém são dois centros onde a praça comercial de Pôrto Velho e Guajará-Mirim realiza suas compras. Através da fronteira boliviana também passam alguns produtos, ora pela alfândega, ora clandestinamente, o mesmo se verificando com o comércio boliviano da fronteira

Na cidade de Guaiaramerim, (Fig 69) a impressão que se tem é que a quase totalidade dos produtos importados procede dos Estados Unidos. Quanto aos

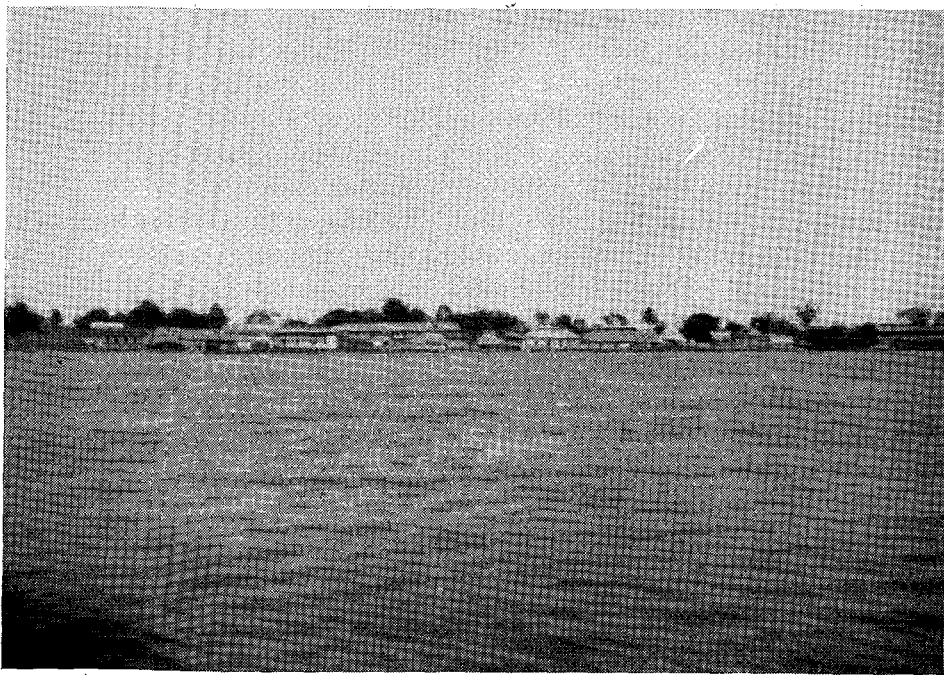


Fig n° 69 — *Aspecto da cidade boliviana de Guaiaramerim, situada na margem esquerda do rio Mamoré e em frente à cidade brasileira de Guajará-Mirim.*
(Foto do autor)

gêneros alimentícios, como legumes, hortaliças, cereais, batata, etc. chegam a esta cidade, em grande parte, por via aérea

Não raro se consomem em Guajará-Mirim e mesmo em Pôrto Velho, batatas bolivianas. Estas, para chegarem à capital do território, percorrem o seguinte itinerário: Cochabamba a Guaiaramerim (via aérea); daí em canoa atravessam o rio Mamoré e chegando à cidade de Guajará-Mirim são embarcadas na ferrovia Madeira-Mamoré para Pôrto Velho.

No ponto de destino são transportadas em carrinhos de mão até à casa comercial do varejista. Como se sabe, cada deslocamento feito pelo produto significa economicamente acréscimo ao preço primitivo, em virtude do frete.

Resumindo, podemos afirmar que a economia repousa praticamente no extrativismo da coleta e nos couros e peles, ou, em outras palavras, as atividades econômicas do Guaporé são caracterizadas essencialmente pela coleta de “látex” — borracha, castanha, ipeca, e nas caçadas — peles e couros.

O panorama da economia do território do Guaporé é caracterizado pelos produtos extrativos da floresta, como a borracha e a castanha, e secundariamente pelos couros e peles de animais silvestres. A economia de coleta constitui aí um dos melhores exemplos para ser estudado em tôdas as suas minúcias.

A lavoura incipiente e o esboço da atividade pastoril são traços pouco marcantes na paisagem da região.

A produção extrativa mineral não teve nenhuma importância econômica até o ano de 1951, quando foram descobertos diamantes em Rondônia e também no Jiparaná.

Podemos dizer, por conseguinte, que as atividades econômicas do Guaporé estão, de modo geral, reduzidas a uma, que predomina sobre tôdas as outras, qual seja a da coleta do “látex” e castanha. Secundariamente temos os que vivem dos meios de transporte (principalmente os empregados da ferrovia Madeira-Mamoré), e, finalmente, a agricultura itinerante e as indústrias. Quanto à atividade da caça e pesca, estas são praticadas, de modo geral, apenas para prover à subsistência. Quanto ao fato das peles e couros figurarem como produtos importantes na exportação, é devido à circunstâncias de que todo caboclo, ao caçar o animal silvestre para obter carne fresca, curte a pele para vendê-la. E quanto aos couros, estes dizem respeito aos “couros de boi”, e, como sabemos, são de gado boliviano, abatido em território nacional.

No que diz respeito às relações do homem com a terra, pode-se, de modo geral, afirmar que a terra das áreas rurais tem atualmente muito pouco valor. E isto é fácil de se compreender, pois como afirma o Prof. CARLOS MENDONÇA, em seu trabalho *Povoar a Amazônia — Eis o Problema*: “A terra só tem valor quando habitada. E este truismo geo-econômico se revela patente na Amazônia, ao vermos as terras despovoadas, muito embora se assinalem riquezas em estado potencial, que não podem ser alinhadas numa tábua de valores, visto existirem apenas como simples abstrações, até que o homem, convenientemente instalado na terra, venha extrair desta tudo que ela possa produzir”. Urge que se tomem providências para povoar a Amazônia, afirmam todos os autores, porém não nos devemos esquecer que a resolução do problema não está apenas em trazer imigrantes, e em realizar colonização, como já afirmamos em outra parte deste nosso trabalho, é preciso pensar-se numa série complexa de outros fatores decorrentes da realização desse povoamento para a valorização da terra, e, também, do próprio ser humano.

No que diz respeito ao comércio, este é caracterizado, na sua parte de exportação, pelos produtos extrativos, e, na importação, por produtos de toda natureza, como tivemos oportunidade de demonstrar. O abastecimento em gêneros alimentícios é feito com dificuldade nas áreas urbanas e muito mais ainda

nos seringais, que se encontram, por vèzes, a várias semanas de canoa das respectivas cidades — Pôrto Velho e Guajará-Mirim. Em razão dessas grandes distâncias, o custo médio das diferentes mercadorias torna-se muito onerado pelos fretes.

6 — Os meios de transporte. A ferrovia Madeira-Mamoré.

O estudo das vias de transporte, quer humano, quer das mercadorias, constitui um dos campos vastos da geografia econômica. Na região amazônica a circulação fluvial e a flúvio-marítima é a mais importante. Todavia, a velha noção de que esta região é tão bem servida pela natureza por uma vasta rede hidrográfica, começa a cair por terra, e dia a dia se vê o desenvolvimento de planos tendentes a dar à região uma rede rodoviária ligando pontos importantes.

Os deslocamentos, quer dos homens, quer das mercadorias, se fazem com grande morosidade, quando necessitam alcançar pontos situados nos altos cursos dos rios. É a aviação que tem sido utilizada para os deslocamentos mais rápidos do elemento humano. Entretanto, não se pode pensar no momento, em abastecer tôdas as sedes de seringais situadas, por exemplo, a vários dias, de canoa, de Pôrto Velho ou de Guajará-Mirim, utilizando-se o avião.

A capital do território tem ligação rápida com os grandes centros, como Rio de Janeiro, São Paulo, ou mesmo Cuiabá, graças ao uso do avião. A cidade de Pôrto Velho dista, respectivamente, 3 329 quilômetros da Capital Federal, 836 quilômetros da cidade de Manaus, 455 de Rio Branco, capital do território federal do Acre, e 280 da cidade de Guajará-Mirim⁸³. A ligação aérea é, no entanto, muito cara, não podendo ser utilizada pela maioria. Visando à solução dêste problema já estão ativando a construção de uma rodovia que partindo de Pôrto Velho, irá a Cuiabá, achando-se pronto um trecho de 180 quilômetros (Fig. 70).

Também de excepcional importância para o Guaporé e para o Acre, será o acabamento da rodovia que ligará as capitais dêstes dois territórios: Rio Branco a Pôrto Velho⁸⁴. Partindo de Rio Branco já se acha construído um percurso de 30 quilômetros.

A cidade de Pôrto Velho está fadada a se tornar um centro importante, caso venham a ser terminadas as obras em andamento. Passará, assim, a ser um centro, ou melhor um *carrefour* nos meios de transporte. Funcionará de centro comercial para o próprio Acre, pois Rio Branco, que luta com o problema do transporte de mercadorias na época das sêcas, poderá fazê-lo via Pôrto Velho, uma vez que êste é o último ponto facilmente alcançado durante todo o ano pela navegação do rio Madeira. As ligações rodoviárias, além de serem mais rápidas, vão encurtar, de vários dias, as viagens para o abastecimento de Rio Branco e mesmo incentivar a localização de pequenos grupos de colonos em certos pontos previamente escolhidos. No território do Amapá, por exemplo, verifica-se a realização do projeto de uma grande rodovia que, partindo de Macapá, (capital do território) vai até Clevelândia e a cidade de

⁸³ *Tábuas Itinerárias Brasileiras*, 658 pp., I B G E, Rio de Janeiro, 1950

⁸⁴ Constituirá parte da BR 31 do Plano Rodoviário Nacional

Oiapoque. Muitos poderão pensar que o fim único da realização de tal obra é o estratégico. Porém, a cidade de Amapá, situada a alguns quilômetros ao norte de Macapá, só pode ser atingida depois de dois dias de navio; no entanto, por via terrestre, é atingida em menos de 12 horas

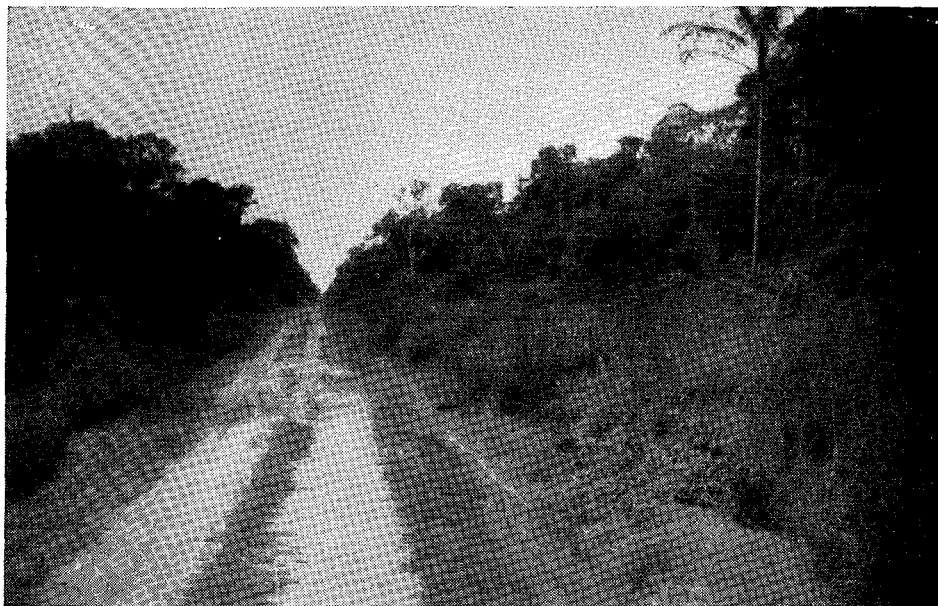


Fig. n.º 70 — Aspecto da rodovia de penetração, que partindo da cidade de Pôrto Velho, alcançará a cidade de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso. Existe, atualmente construído, um trecho de 180 quilômetros, a partir da capital do T. F. do Guaporé — Ao longo de todo o percurso atravessamos uma zona de floresta densa e de topografia pouco movimentada, dominando as grandes superfícies planas

(Foto do autor)

A ligação Rio Branco - Pôrto Velho - Cuiabá tenderá a tornar-se um eixo de comunicações de excepcional importância, permitindo um acesso por terra, desde o sul do país.

No Guaporé está, atualmente, em construção, como já dissemos, uma rodovia de magna importância regional e nacional, tanto assim que a mesma foi integrada no Plano Rodoviário Nacional — BR-29. Outras rodovias também se acham em construção, como a que ligará a cidade de Guajará-Mirim à colônia agrícola Presidente Dutra (Iata).

Existe, também, uma pequena rodovia contornando o trecho de cachoeiras do Jiparaná. Esta estrada liga Tabajara (campo de pouso de pequenos aviões) ao lugarejo Dois de Novembro. Além destas, existe em construção uma estrada carroçável, que ligará Guajará-Mirim à chapada dos Pacaás Novos.

As ligações aéreas a que nos referimos logo no início, oferecem a grande vantagem de colocar em comunicação rápida as cidades de Pôrto Velho e Guajará-Mirim com os grandes centros do sul e do norte do país. Atualmente duas linhas aéreas ligam Pôrto Velho a Manaus, Belém, São Paulo e Rio de Janeiro: a da Cruzeiro do Sul, que faz a linha do oeste, e a da Panair, que seguindo pelo rio Madeira, alcança Belém e daí rumo para o Rio de Janeiro. Além destas, existe a linha feita pelo Correio Aéreo Nacional.

A cidade de Guajará-Mirim é beneficiada pelos serviços prestados pela Cruzeiro do Sul e pelo Correio Aéreo Nacional. Todavia, como as ligações com Pôrto Velho são extremamente fáceis, graças à existência da ferrovia Madeira-Mamoré, os que têm necessidade de ir a Manaus ou a Belém, tomam o trem até Pôrto Velho e aí embarcam para o destino desejado. Nos dados fornecidos pelo *Anuário Estatístico* do I.B.G.E., apenas estão assinalados os aeroportos de Guajará-Mirim, de Pôrto Velho, e também o que está a sudoeste de Guajará-Mirim, isto é, o da vila de Forte Príncipe da Beira, onde descem aviões da Companhia Cruzeiro do Sul e da Fôrça Aérea Brasileira. A descida neste aeroporto é feita mais para abastecimento da aeronave, do que para o embarque de passageiros ou de mercadorias (a não ser as que são importadas).

Melhor do que afirmações ou de qualquer descrição cheia de adjetivos, será a análise do quadro n.º 2, para se ter uma idéia da importância dos três aeroportos do T. F. do Guaporé. Indiscutivelmente o de Pôrto Velho é o mais importante, tanto no número de aeronaves chegadas e partidas, como no desembarque e embarque de passageiros, bagagem descarregada e carregada, além de correspondência, bem como no que diz respeito à carga importada e exportada

QUADRO N.º 2

AEROPORTOS	Anos	MOVIMENTO DO TRÁFEGO									
		Aeronaves		Passageiros		Bagagem (kg)		Correio (kg)		Carga (kg)	
		Chegadas	Partidas	Desembarcados	Embarcados	Descarregada	Carregada	Descarregado	Carregado	Descarregada	Carregada
Pôrto Velho	1945	267	267	1 440	1 417	25 370	22 938	1 929	2 585	18 195	5 802
	1946	340	341	1 812	1 948	35 890	33 654	4 062	1 636	39 617	7 146
	1947	279	278	1 906	1 696	37 832	26 689	2 923	1 654	54 996	15 308
Guajará-Mirim	1945	97	97	245	222	3 572	3 843	401	90	5 727	743
	1946	195	105	270	290	4 083	4 634	433	135	10 672	1 144
	1947	112	112	453	402	6 982	6 663	626	151	13 456	1 183
Forte Príncipe da Beira	1945	153	153	113	132	2 094	1 513	2	—	756	—
	1946	162	162	96	90	1 620	1 193	1	—	759	64
	1947	154	154	136	155	2 391	2 097	—	—	554	—

(Dados extraídos do: *Anuário Estatístico do Brasil*, ano XI — 1950)

Em segundo lugar, vem o aeroporto de Guajará-Mirim, e muito secundariamente o da pequena vila de Forte Príncipe da Beira

A importância do aeroporto da cidade de Pôrto Velho é explicada pelo fato de servir à capital do território. Neste aeroporto pousam não só os aviões da Cruzeiro do Sul e da Fôrça Aérea Brasileira, mas também os da Panair que fazem a ligação com Manaus e Belém, como já dissemos linhas atrás

O território dispõe ainda de 5 campos de pouso para pequenos aviões, que são utilizados pelos funcionários do governo, na realização de trabalhos. Estes campos estão localizados em Abunã, Ariquemés, Nova Vida, Tabajara, Rondônia e Pimenta Bueno

Além dos transportes rodoviários e aéreos, resta fazer referência aos transportes fluviais e ferroviários. Do ponto de vista da navegabilidade, podemos dizer que quase todos os rios do território se prestam à navegação de embarcações pequenas. Nos rios Madeira e Mamoré, no trecho a montante de Pôrto Velho até a cidade de Guajará-Mirim, é impossível a navegação, em virtude das

17 corredeiras e 2 cachoeiras que existem neste percurso^{84a}. Entretanto, as comunicações nessa região são muito fáceis, em virtude da existência de uma ferrovia, que se estende num percurso de 366, 344 quilômetros.

A navegação torna-se, de modo geral, mais difícil e mais lenta, durante os chamados meses de verão, em virtude da diminuição das descargas fluviais. Percursos, que na época das sêcas levam para ser vencidos cerca de 15 dias, são facilmente atingidos durante o "inverno", em menos de dois dias. Por aí se pode avaliar a diferença entre a navegação franca na época chuvosa, e os obstáculos encontrados no leito dos rios por ocasião da estiagem.

O maior pôrto do território é Pôrto Velho, aliás ponto terminal da navegação no rio Madeira, permitindo a atracação de navios de alto mar. Dispõe de três armazéns que ocupam uma área de 2 455 metros quadrados. O segundo ocupa uma área de 270 metros quadrados.

No que diz respeito à navegação fluvial interna, cumpre destacar que, embora precária, conta o território com duas empresas mantidas pelo governo: "Serviço de Navegação do Madeira" e "Serviço de Navegação do Guaporé". A primeira serve nos rios Madeira e Jiparaná e a segunda nos rios Mamoré e Guaporé.

Há, também, alguns poucos seringueiros que possuem pequenas embarcações para o tráfego nos rios de pouca profundidade.

Deixamos, propositadamente, para o fim deste estudo, as considerações pomenorizadas sobre a E.F. Madeira-Mamoré, cuja importância é realmente transcendental^{84b}. A sensação causada pelos trilhos dessa ferrovia, para quem percorre a região de avião, e depois circula em terra ao longo dela, é a de um espetáculo gigantesco.

A floresta densa acompanha, de modo geral, a Madeira-Mamoré, desde a estação do Alto Madeira até Guajará-Mirim. Próximo a Pôrto Velho, a uns seis quilômetros, a devastação foi grande, e embora apareçam alguns restos de mata, esta é bem diferente no seu aspecto, das que surgem em quase todo o percurso da ferrovia.

Nas proximidades de Abunã, ou mais exatamente no trecho entre Jaciparaná e Mutumparaná, notamos certas formas de relevo um pouco mais movimentadas. De Mutumparaná a Abunã, a ferrovia corre por uma extensão absolutamente plana, constituída por uma área de terrenos periodicamente alagáveis. Esta grande reta foi um trecho difícil de ser construído, em virtude do

^{84a} Antes da construção da ferrovia Madeira-Mamoré as ligações através dos rios Mamoré e Madeira constituíam uma verdadeira epopéia. Para melhor documentar esta nossa afirmação vamos transcrever um trecho do livro intitulado: "Eu vi o Amazonas" de EDUARDO BARROS PRADO onde ele diz: "Estes acidentes hidrográficos tornavam impossível a navegação para qualquer calado e somente alguns práticos ousados se aventuravam a lutar contra essas corredeiras, com risco da própria vida.

Estes eram os meios de que dispunham os seringueiros para transportar suas mercadorias, que muitas vezes se extraviavam, quando as balsas em que eram transportadas as peles de borracha ou de caucho, ao atravessar os trechos das fortes corredeiras partiam-se muitas vezes contra os rochedos. Frequentemente viam-se *baixas* estas mercadorias ao sabor da corrente, circunstância de que tiravam proveito os falsos pescadores que, de caso pensado, se aboletavam ao longo das margens, em pontos estratégicos, para apoderarem-se dessas preciosidades flutuantes, tratando logo de vender o produto do seu *trabalho*, que, conquanto arriscado era remunerador, por ser facilmente adquirido por inescrupulosos comerciantes de Pôrto Velho, muitos dos quais fizeram fortuna com tal *indústria*" (P. 164).

^{84b} Para maiores minúcias sobre os antecedentes e o desenvolvimento da história da Ferrovia Madeira-Mamoré, vide o interessante livro de NEVILLE B. CRAIG *Estada de Ferro Madeira-Mamoré* (História de uma expedição. Vol. 242. Col. Brasileira. 449 pp., illus. São Paulo — 1947).

atêrro e do impaludismo. Neste trecho atravessa a ferrovia vasto buritizal, que se estende por vários quilômetros.

A ferrovia Madeira-Mamoré, que segue a direção geral nordeste-sudoeste, faz um cotovêlo em Abunã, e passa ao rumo sul, até alcançar a cidade de Guajará-Mirim (Fig. 71).

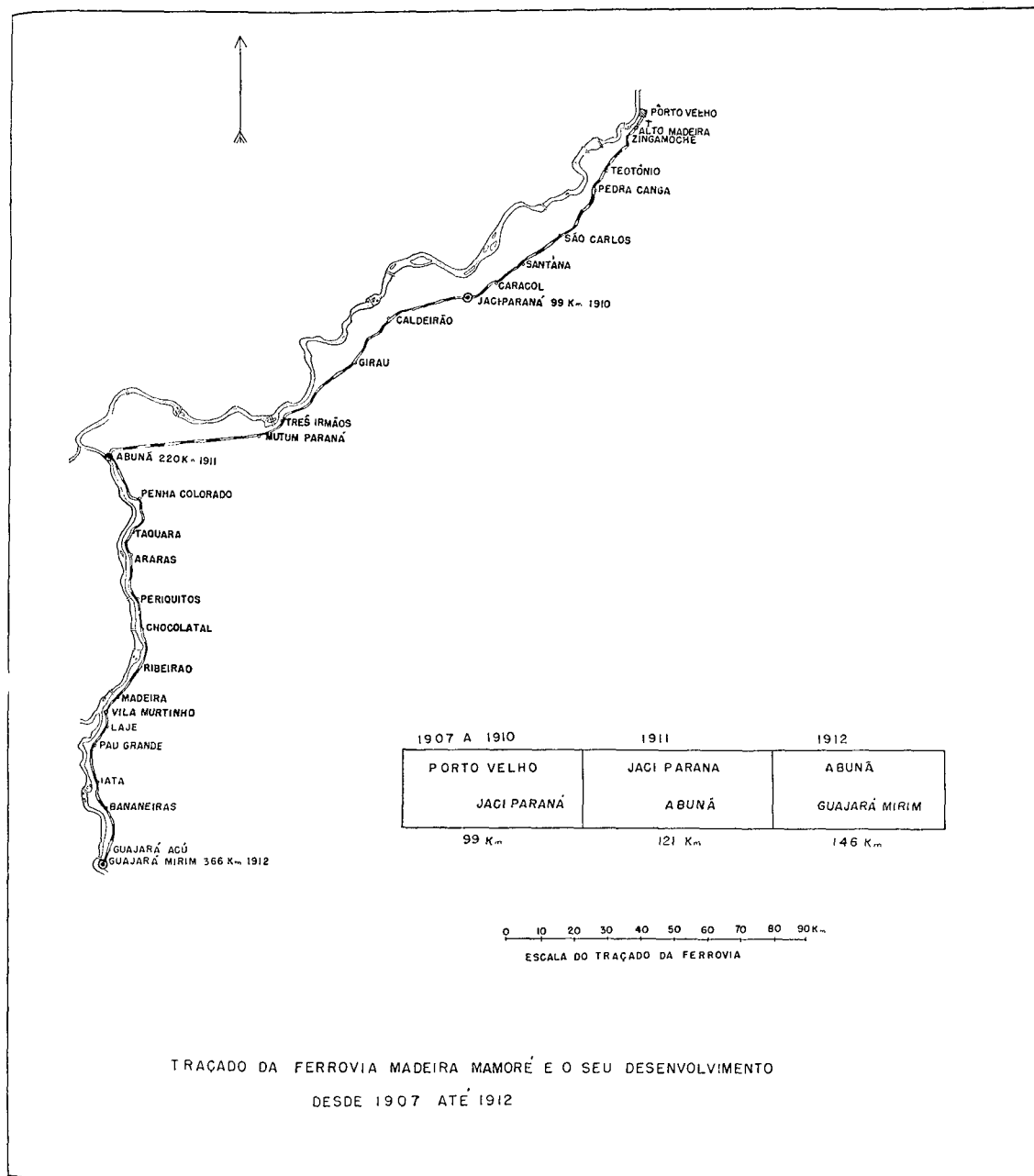


Fig n° 71

A construção dessa ferrovia foi realizada em cumprimento a uma cláusula do tratado de Petrópolis, celebrado em 17 de novembro de 1903, entre o Brasil e a Bolívia, pelo qual o Acre foi definitivamente incorporado ao nosso país.

Assumimos, assim, o compromisso da construção de uma estrada férrea, que daria acesso ao nordeste boliviano, permitindo-lhe escoar a produção dos seus departamentos orientais até Pôrto Velho e daí para o oceano.

O problema da procura de uma saída da Bolívia para o Atlântico, e também do noroeste matogrossense, sempre preocupou o Brasil e a Bolívia. No ano de 1867 o governo do Brasil nomeou o engenheiro KELLER para realizar estudos nesse sentido, contratando o coronel GEORGE CHURCH para a construção da estrada de ferro. Dessa tentativa resultou apenas a construção de 8 quilômetros de linha, e o estudo de um percurso de 70 quilômetros.

Outra tentativa foi feita em 1873, lavrando o governo contrato com P. F. COLLINS de Filadélfia, o qual não foi feliz nos seus empreendimentos.

Após estas duas primeiras tentativas, permaneceu parada a construção da ferrovia até o ano de 1907, embora a partir de 1903 já houvesse uma comissão de estudos, e em 1905 o engenheiro JOAQUIM CATRAMBI tivesse ganhado uma concessão pública para construir a estrada. Em 1907 o engenheiro CATRAMBI transferiu o contrato à Madeira-Mamoré Railway Company. Em julho de 1907 começaram, então, os empreiteiros norte-americanos MAY, JEKYLL e RANDOLPH a construir a ferrovia, a partir de Pôrto Velho⁸⁵, ao contrário do que havia sido projetado, isto é, a partir de Alto Madeira, situado a 6 quilômetros acima de Pôrto Velho. Esta mudança do início da ponta dos trilhos para Pôrto Velho foi importante, por causa da navegação franca do rio Madeira, que é fácil até este ponto. Outra causa, também apontada, é a de ser aquele local considerado muito doentio^{85a}, e o de possuir um comércio legalmente estabelecido, com

⁸⁵ Todavia somente em janeiro de 1908 ficaram terminados os trabalhos de locação e de roçado em Pôrto Velho. Foram embarcados, no vapor "Amada", em Santiago de Cuba, 350 homens ("Estrada de Ferro Madeira-Mamoré". In: *A Engenharia Distrito Federal* — Novembro de 1912).

^{85a} Considerando os comentários que se fazem a respeito das perdas havidas em seres humanos por ocasião da construção da ferrovia Madeira-Mamoré, julgamos interessantes os dados estatísticos fornecidos pela publicação intitulada: *Construção de estradas de ferro em regiões insalubres* (Documentos oferecidos aos médicos e engenheiros do Brasil pela Brazil Railway Company — 1913) os quais passamos a transcrever:

SERVIÇO SANITÁRIO DA MADEIRA MAMORÉ

Óbitos por nacionalidades, ocorridos desde o início dos trabalhos, em julho de 1907, até 31 de dezembro de 1912

Brasileiros	631
Espanhóis	366
Antilhanos	208
Portugueses	148
Alemães	52
Italianos	29
Colombianos	30
Americanos	30
Bolivianos	27
Venezuelanos	11
Franceses	8
Russos	7
Cubanos	5
Chineses	7
Gregos	19
Inglêses	5
Portorriquenhos	4
Austriacos	4
Mexicanos	3
Turcos	4
Árabes	9

suprimento em regular escala, de bebidas alcoólicas, como assinala A. CANTANHEDE em suas *Achegas para a história de Pôrto Velho* (P. 29). Esta última causa não nos parece nada viável, sendo, porém, as duas primeiras as mais importantes, e as que condicionaram realmente a escolha de Pôrto Velho para o marco zero da ferrovia Madeira-Mamoré.

Esta modificação acarretou, de outro lado, como assinala o Prof. FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES, a decadência completa da pequena localidade do Alto Madeira (Ex-Santo Antônio do Rio Madeira), outrora próspera, e hoje quase inteiramente assimilada por Pôrto Velho ⁸⁶

A Madeira-Mamoré veio facilitar as ligações no noroeste, pois, como já dissemos, no trecho do rio Madeira e seu afluente Mamoré, compreendido entre o Alto Madeira e Guajará-Mirim, há 17 corredeiras e 2 cachoeiras, que impedem a franca navegação. Antes da existência dessa ferrovia, os caboclos eram obrigados a tentar a passagem das corredeiras, arriscando a vida e as mercadorias. E, nas quedas maiores, viam-se obrigados a passar por “varadouros”, isto é, descarregar a embarcação e tornar a carregá-la mais adiante. Hoje, a situação é bem diferente, em virtude da existência dessa ferrovia.

A Madeira-Mamoré, em virtude de sua posição geográfica, representa, nos nossos dias, o meio de ligação entre a bacia amazônica e a do Prata. No relatório das atividades da ferrovia, no ano de 1948, o diretor frisou este fato, salientando, ainda, a sua importância, por ocasião da 2.^a conflagração mundial, pois, o abastecimento dos seringais do Alto Guaporé e do noroeste da Bolívia, só foi possível graças ao emprêgo de batelões, os quais somente com ingentes esforços puderam ser desembarcados em Pôrto Velho e levados pela ferrovia para o rio Mamoré, Guaporé e seus afluentes ⁸⁷.

Peruanos	17
Suecos	2
Belgas	1
Canadenses	1
Chilenos	3
Japoneses	1
Dinamarqueses	1
Escoceses	1
Húngaros	1
Índio-americanos	1
Irlandeses	1
Noruegueses	1
Panamenhos	1
Desconhecidos	32
Diversas nacionalidades	9
Granadianos	4
Santa Lúcia	3
Argentinos	2
Equatorianos	2
Indus	2
TOTAL	1 593

EDUARDO BARROS PRADO no seu livro intitulado “Eu vi o Amazonas” no capítulo: “A estrada de ferro da morte” (pp 163/172) diz que pereceram 43 000 homens dos 53 000 que ali trabalhavam (p 169). O autor não cita a fonte onde colheu esta *cifra astronômica*.

⁸⁶ F. M. SOARES GUIMARÃES — Art. cit. (p. 854)

⁸⁷ Relatório do Eng. Ananias Ferreira de Andrade — Superintendente da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré — ao Diretor Geral do Departamento Nacional de Estradas de Ferro. Ed. mimeografada (fevereiro de 1949).

A Madeira-Mamoré desempenha grande missão no desenvolvimento econômico de toda essa área (Fig. 72) E, no presente, a ligação entre a bacia amazônica e a platina só pode ser feita utilizando-se esta ferrovia

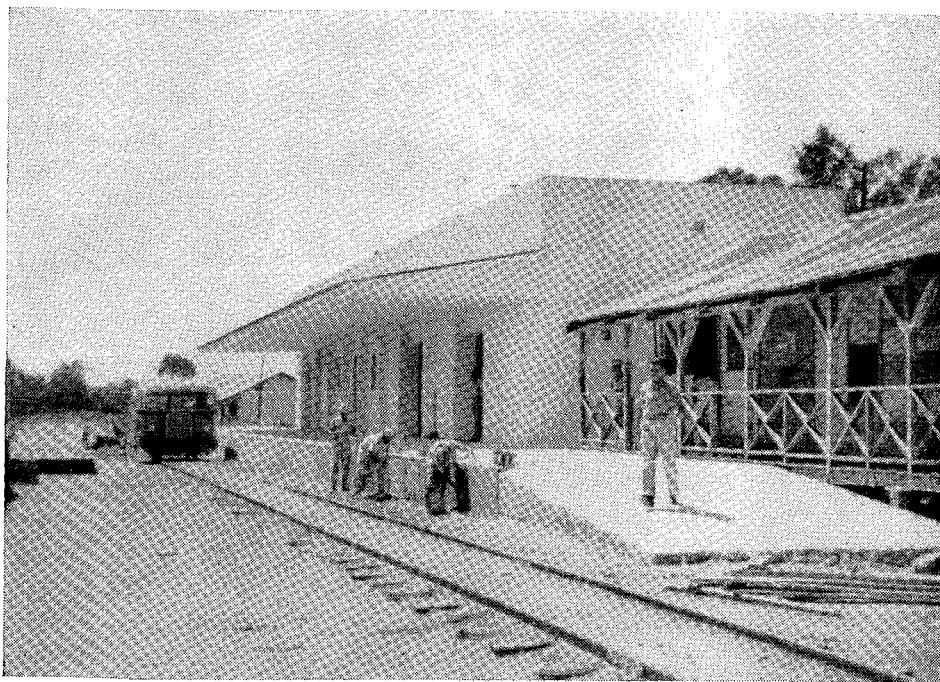


Fig n° 72 — Aspecto da nova estação de Jaciparaná, ora em acabamento

Não se pode deixar de salientar, ainda, as possibilidades de desenvolvimento econômico da região, com a radicação do elemento humano ao solo, ao longo da linha férrea, bem como a função estratégica que representa⁸⁸ No mapa da distribuição da população, observamos que esta se dispersa, de modo geral, ao longo da via férrea, a qual acompanha o traçado do rio Em Iata, cerca de 23 quilômetros ao norte do ponto terminal da ferrovia, foi instalada uma colônia agrícola, onde vivem várias famílias Atualmente a ferrovia é o único meio de que esta colônia dispõe para fazer as ligações com Guajará-Mirim Dentio em breve terá, também, uma rodovia, o que facilitará as comunicações

A ferrovia Madeira-Mamoré, além de sua importância no que diz respeito ao transporte de passageiros, destaca-se, também, no transporte de mercadorias, tanto para o território brasileiro como as que se destinam à zona boliviana⁸⁹

As mercadorias importadas pelo país vizinho, ao chegarem a Porto Velho, são embarcadas nos trens de carga, dirigindo-se, assim, à fonte de consumo Inversamente, percorrem o mesmo trajeto os produtos exportados, que ao che-

⁸⁸ O Cel LIMA FIGUEIREDO, em seu artigo intitulado "Portas leste da Bolívia", diz que apesar da extensão enorme da fronteira brasileiro-boliviana, e dos tributários penetrantes das bacias do Amazonas e do Paraguai, o comércio da Bolívia, através do Brasil, deixa muito a desejar (p. 7)

⁸⁹ O Eng ANANIAS F. DE ANDRADE, no seu relatório de 1950, sobre a ferrovia Madeira-Mamoré, teve oportunidade de escrever o seguinte: "O movimento de mercadorias foi inferior ao de 1949, e a exportação menor que a importação, o que demonstra que esta região pouco produz, eis um dos motivos do nosso maior déficit"

garem a Pôrto Velho, são embarcados nos navios que descem o Madeira e vão a Manaus ou Belém.

A Madeira-Mamoré, no ano de 1948, possuía cerca de 686 funcionários, distribuídos nos diversos serviços. Em 1950, esse número foi elevado para 712.

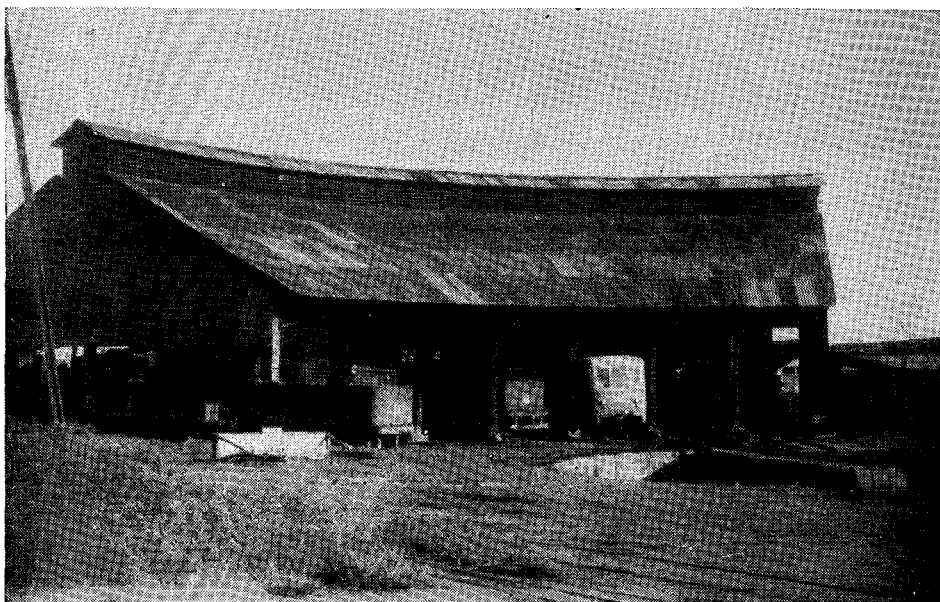


Fig n° 73 — *Oficina de reparações da Madeira-Mamoré em Pôrto Velho*

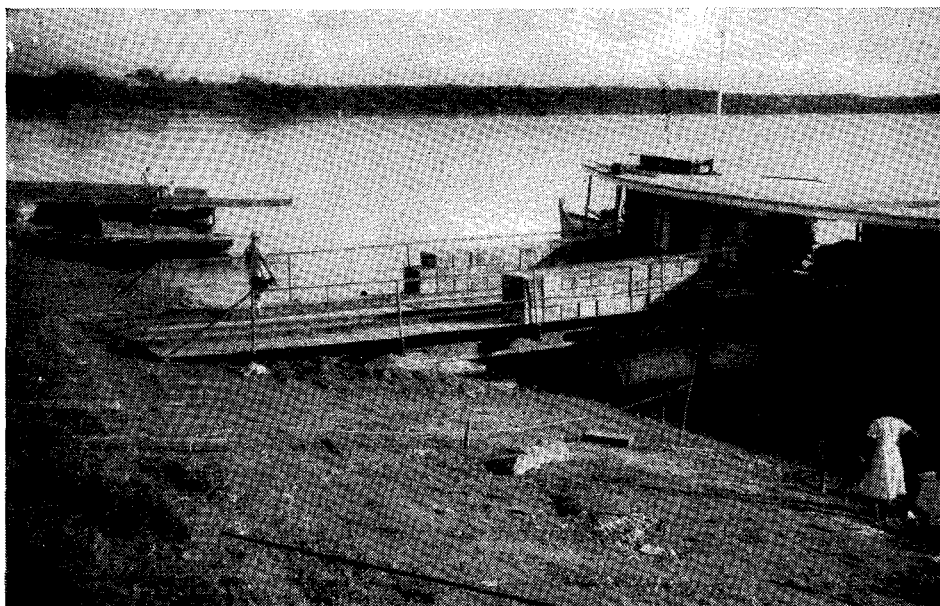


Fig n° 74 — *Descarregamento de uma pequena embarcação em Pôrto Velho*
(Fotos do autor)

Em Pôrto Velho, onde se acham a sede da ferrovia, a oficina de consertos (Fig. 73), o pôrto (Fig. 74) e a usina elétrica (Fig. 75) é, naturalmente, onde se concentra maior número de funcionários.

A ferrovia Madeira-Mamoré atravessa, como já dissemos, uma zona, cuja economia é essencialmente extrativista. Transporta produtos extrativos, não só do Guaporé, mas, também, do nordeste boliviano e do próprio Acre



Fig n° 75 — Usina de eletricidade da cidade de Pôrto Velho, situada próximo à estação do marco zero da ferrovia Madeira-Mamoré

(Foto do autor)

Em 1948 transportou 2 351 769 quilos de borracha, dos quais 1 537 510 quilos do T. F. do Guaporé, 809 259 quilos do T. F. do Acre e 5 000 quilos da Bolívia. Se descermos a maiores minúcias quanto à zona de procedência, ao longo da ferrovia, temos:

Jaciparaná	239 011 kg
Abunã	937 674 "
Vila Murtinho	18 275 "
Guajará-Mirim	1 121 410 "
Paradas diversas	35 399 "

Total 2 351 769 kg

O segundo produto, em ordem de importância, transportado pela Madeira-Mamoré, é a "castanha" em casca, cuja procedência é a seguinte:

Território do Guaporé	198 599 kg
Território do Acre	47 479 "
Bolívia	15 318 "

Total 261 396 kg

No território do Guaporé, Vila Murtinho embarcam 193 438 quilos, vindo a seguir Abunã com 59 059 quilos, Guajará-Mirim 12 600 quilos, Jaciparaná 408 quilos e Paradas diversas 4 891 quilos.

No reino vegetal, êstes são os dois produtos mais importantes, vindo, a seguir, o reino animal com os couros e peles. Segundo sua procedência temos:

Território do Guaporé	58 066 kg
Território do Acre	2 007 "
Bolívia	119 851 "
Total	179 924 kg

Na parte referente ao custo do transporte das mercadorias de exportação e de trânsito, isto é, o frete, a borracha está com Cr\$ 1 950 957,60, a castanha com Cr\$ 25 507,20 e os couros Cr\$ 37 843,80 (1948).

Nos produtos de exportação da Madeira-Mamoré o valor dos fretes alcançou em 1948 a Cr\$ 1 997 171,60, e dentro dêste total a borracha chegou a Cr\$ 1 928 528,90, a castanha a Cr\$ 25 507,20 e os couros a Cr\$ 12 021,50. Isto significa que êstes três produtos perfizeram a soma de Cr\$ 1 966 057,40, sobrando, apenas, para os outros produtos, a importância de Cr\$ 31 114,20. Êstes dados estatísticos bem provam a importância dêsses três produtos na região da Madeira-Mamoré.

No que diz respeito ao transporte de passageiros, observamos que em 1947 viajaram pela ferrovia 13 000 000 de passageiros, e que nos anos de 1948, 1949 e 1950 êste número baixou para 10 000 000. Finalmente, no ano de 1951, subiu êsse total a 19 000 000, isto é, quase o dôbro de indivíduos transportados em relação ao ano anterior (Fig. 76).

No estudo do movimento financeiro da ferrovia, é mister assinalar que existe um *deficit* constante, como se pode ver através dos dados que transcreveremos no quadro n.º 3. No quinquênio de 1947 a 1951, verificou-se no ano de 1950 o maior *deficit*, atingindo Cr\$ 17 554 000,00.

QUADRO N.º 3

Receita e despesa da E. F. Madeira-Mamoré de 1947 a 1951.

ANOS	Receita (Cr\$)	Despesa (Cr\$)	Saldo deficit (—) (Cr\$)
1947	6 350 000,00	11 053 000,00	(—) 4 703 000,00
1948	3 514 000,00	15 505 000,00	(—) 11 991 000,00
1949	6 115 000,00	19 521 000,00	(—) 13 406 000,00
1950	4 038 000,00	21 592 000,00	(—) 17 554 000,00
1951	5 357 000,00	20 503 000,00	(—) 15 146 000,00

Aliás esta situação deficitária não é um mal específico da ferrovia Madeira-Mamoré, mas, sim, da quase totalidade de nossas ferrovias, como atestam os dados transcritos no quadro n.º 3 da publicação do Departamento Nacional de Estradas de Ferro, sob o título "Estatística das Estradas de Ferro do Brasil"

(1952). Porém, no Guaporé a explicação dèste fato está no problema das cotações de preços alcançados pela borracha.

O mercado exterior, (Estados Unidos da América do Norte e a Europa) desinteressou-se pelo nosso produto, a partir do momento em que o mercado do oriente foi liberado, pois, a produção dessa região é muito mais barata. Além do mais não se pode deixar de considerar, também, o desenvolvimento que tem tomado a borracha sintética e o uso crescente dos objetos de matéria plástica, em substituição aos de borracha. Como se pode ver, a diminuição da receita da ferrovia Madeira-Mamoré não é devida apenas a questões regionais, nem nacionais, mas, sim, internacionais.

Cabem ainda à ferrovia Madeira-Mamoré os serviços portuários, fôrça e luz, além do abastecimento de água na cidade de Pôrto Velho. Fica, assim, assoberbada a administração da ferrovia com problemas que deveriam ser da alçada da Prefeitura local.

Resumindo, temos a considerar que as ligações internas são feitas por meio da ferrovia Madeira-Mamoré, que realiza tôdas as comunicações pelo lado noroeste do território. As rodovias não são ainda em grande número, limitando-se, no momento, aos 180 quilômetros já construídos da estrada Pôrto Velho-Cuiabá, e outros pequenos trechos, como o de Tabajara, no lugarejo Dois de Novembro, além da rodovia, ora em construção, que partindo de Guajará-Mirim alcançará a colônia agrícola Presidente Dutra.

Quanto aos transportes fluviais, são utilizados tanto nas ligações internas, para se alcançar os altos cursos dos rios, como, também, nas ligações externas, através dos rios Madeira e Guaporé

Outro meio de transporte a ser salientado é o aeroviário, graças ao qual Pôrto Velho é facilmente ligado com o sul do país, uma vez que não há ligações rodoviárias, e a aquavia é extremamente morosa. As ligações aéreas são também indispensáveis nos deslocamentos internos, colocando, assim, os locais de mais difícil acesso, como Rondônia, a poucas horas de Guajará-Mirim e de Pôrto Velho. No momento presente as ligações aéreas são mais importantes no que diz respeito aos contactos com os centros exteriores.

CONCLUSÕES

Vamos apresentar, de modo breve, as principais conclusões a que chegamos, depois de percorrermos alguns trechos da área do território do Guaporé, o qual possui uma série de problemas que não lhe são totalmente específicos, uma vez que os mesmos existem em quase toda a região amazônica

Um dos mais graves problemas do território do Guaporé é a fraca densidade relativa de população. A ausência do homem acarreta a impossibilidade

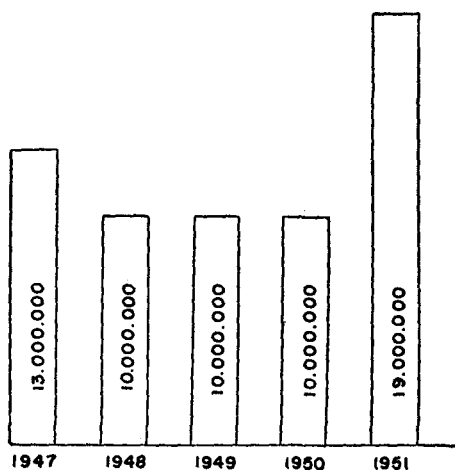


Fig n° 76 — Gráfico demonstrativo do número de passageiros transportados.

da ocupação efetiva do solo, e a conquista de todos os recursos naturais, que na maioria dos casos permanecem em estado latente, ao invés de se tornarem riquezas ativas.

A indústria extrativa da borracha e secundariamente a coleta da castanha e da ipecacuanha, bem como a indústria da caça, constituem os traços fundamentais da economia guaporense. A consequência desta diretriz única da economia, baseada na coleta de produtos do reino vegetal e na caça, agrava, de modo indiscutível, as atividades agro-pastoris. Raros são os caboclos que pretendem permanecer nas colônias, dedicando-se ao trabalho do cultivo da terra ou às tarefas da criação, uma vez que a coleta da borracha constitui forte atrativo para todos os habitantes da região. Devido às dificuldades dos trabalhos agro-pastoris, estes são naturalmente preteridos, em face da certeza com que parte o caboclo para o seíngal, em busca de uma ocupação que lhe dará ganho normalmente mais depressa do que a produção agro-pastoril. Esta atração, exercida pelos seringais, coloca os administradores das colônias e o governo diante de um difícil problema, qual seja o da fixação dos colonos à terra.

O fato do pequeno número de postos experimentais existentes, impede que u'a maior soma de realizações permita empreendimentos mais numerosos e vultosos das atividades agro-pastoris. É urgente conseguir-se desviar um pouco mais as atenções dos habitantes dessa área, da indústria extrativa vegetal para a lavoura e a pecuária, ao invés de permanecerem apenas no estágio mais primitivo da evolução econômica, qual seja a da coleta e da caça aos produtos silvestres. E, além do mais, mesmo no interior dos seringais, deve-se incentivar a realização de uma agricultura de subsistência, pois, na maioria dos casos, os seringais estão localizados longe dos centros comerciais e produtores.

O problema da laterização dos solos e rochas no Guaporé deve merecer atenção dos administradores, caso contrário, em pouco tempo estaremos diante de graves crises, se houver um aumento da população, não permitindo que haja uma rotação de terras, como se faz atualmente. O processo da laterização parece se desenvolver normalmente, mesmo sob a cobertura florestal, sem que tenha havido a intervenção do homem destruindo a floresta. Este fenômeno espontâneo da natureza, embora não possa, no presente, ser paralisado, não deve, no entanto, ser agravado com derrubadas desordenadas, como se vem fazendo em certas colônias agrícolas. Este fato é perfeitamente explicável, como as derrubadas da floresta em certas zonas da colônia Presidente Dutra (Iata), onde as crostas de laterito ou mesmo as concreções estão aflorando por entre as árvores nos campos de cultura.

Quanto ao problema da salubridade, cumpre registrar que a ocupação dessa área, tão vitimada pelos ataques realizados pelos anofelinos, está praticamente resolvido com o uso do D.D.T. Não só nos centros urbanos, mas em toda a zona rural, a dedetização é feita como medida preventiva, de modo que o problema da malária está sensivelmente melhorado.

As ligações internas e externas, por intermédio das aquavias, apresentam sérias restrições por causa da estiagem, e também, da existência de grande número de cachoeiras no leito da maioria dos rios que percorrem o território. O próprio rio Madeira não oferece navegabilidade fácil durante todo ano, e o resultado é que na época das estiagens a cidade de Pôrto Velho, bem como

quase todo o território, ficam privados por vêzes, até de gêneros de primeira necessidade. Deve-se, portanto, incentivar a conclusão da rodovia, ora em construção, ligando Pôrto Velho a Cuiabá, o que virá facilitar, assim as ligações do território. Mas é preciso incentivar, mais ainda, o desenvolvimento da aviação, pois só desta forma poder-se-á dispor de um meio de comunicação rápido e fácil.

A ferrovia Madeira-Mamoré constitui, no momento, o único meio fácil de escoamento da produção do território do Guaporé, como também da área do território do Acre, que está próxima à região do Abunã, bem como o nordeste da zona boliviana. Esta ferrovia uniaxial é a passagem obrigatória para os produtos exportados, e a maioria dos importados pela cidade boliviana de Guaiaamerim.

Finalizando estas conclusões, desejamos frisar, mais uma vez, o difícil problema da ocupação econômica dessa região, desde que se não verifique um aumento substancial da população e uma transformação no tipo de economia.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Eng. Ananias Ferreira de, *Relatório do Superintendente da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré ao Diretor Geral do Departamento Nacional de Estradas de Ferro*. Edição mimeografiada. Pôrto Velho — Fevereiro de 1949.
- *Relatório do Superintendente da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré ao Diretor Geral do Departamento Nacional de Estradas de Ferro* — Pôrto Velho — 1950 (Inédito).
- BASTONE, Paulo “Território do Guaporé” In: *Correio de Uberlândia* — Uberlândia, 16-10-43.
- BENEVIDES, Marijesco de Alencar — *Os Territórios Federais* (Amapá, Rio Branco, Guaporé, Ponta-Porã e Iguaçu) 264 pp., ilustrações. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro — 1946.
- BONFIM, Sóciates — *Reflexões em torno da valorização da Amazônia* (mimeografiado) 1951.
- BRITO, Rubens, S. e Cotim, J. — “A propósito do índice de transmissão da malária em meados de um ano, no Guaporé” In: *Revista Brasileira de Medicina* Vol. VIII, n° 9, setembro de 1951.
- “Observações sobre o tratamento da malária pela clooquina em Pôrto Velho — Guaporé” (Separata da *Revista do Serviço Especial de Saúde Pública*) pp. 869/884 — julho de 1949.
- CASTRO SOARES, Lúcio de — “Delimitação da Amazônia para fins de planejamento econômico” Separata da *Revista Brasileira de Geografia*, ano X, n° 2, 50 pp., Rio de Janeiro, 1949.
- CORREIA, Filogônio — *Elementos para Organização de uma Monografia Histórico-Geográfica do Alto Madeira*, Serviço Nacional de Recenseamento — Novembro de 1941 (Inédito).
- CRAIG, Neville B. — *Estrada de Ferro Madeira-Mamoré* (História trágica de uma expedição). Vol. 242 Col. Brasileira 449 pp., ilus. S. Paulo, 1947.
- DEANE, L. M.; CAUSSEY, O. R. e DEANE, M. P. — “Notas sobre a distribuição e a biologia dos anofelinos das regiões nordestina e amazônica do Brasil” In: *Revista do Serviço Especial de Saúde Pública*, ano I, n° 4, março de 1948, pp. 827/965.
- DENIS, Pierre — “Ameisque du Sud” Col. *Geographie Universel* — Tomo XV.
- DUARTE, José Bezerra — *Relatório do VI Recenseamento Geral do Brasil, realizado no Território Federal do Guaporé, em 1950; Apresentado ao Excelentíssimo Senhor Doutor Valdemar Lopes, Secretário Geral do Conselho Nacional de Estatística* (Inédito).
- GOMES, P. — A valorização da Amazônia” In: *Boletim Geográfico*, ano IX, n° 98, maio de 1951, pp. 157/159.

- GUERRA, Antônio Teixeira — “Alguns aspectos geográficos da cidade de Rio Branco e do núcleo colonial Seringal Empresa (T. F. do Acre)”. In: *Revista Brasileira de Geografia* — Ano XIII, n.º 4, outubro-dezembro de 1952
- “Notas geográficas de uma viagem pelo oeste africano”. In: *Boletim geográfico*, ano VIII, n.º 95, fevereiro de 1951, pp. 1323/1345
- GUSMÃO, Clóvis — “Mosaicos Guapoenses”. In: *Formação*, fevereiro de 1945 Rio de Janeiro — Pp. 49 a 58
- HERZBERG, P. Bruno — “Observações climáticas”. In: *O Território Federal do Guaporé*, ano I, n.º 1 Serviço de Geografia e Estatística. Pp. 11/14 — 1946
- LIMA FIGUEIREDO, Cel J — “As Estradas de Ferro Noioeste do Brasil e Brasil-Bolívia”. In: *Revista Geográfica*, n.º 25 a 30, tomos IX e X, 1949 a 1950, do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, Rio de Janeiro 1952, pp. 21/60
- “Alguns aspectos fisiográficos do território do Guaporé”. In: *Revista Brasileira de Geografia*, ano VII, n.º 2, abril-junho de 1945, Rio de Janeiro, pp. 245/260.
- “Silvícolas do Guaporé”. In: *Boletim Geográfico*, ano III, n.º 29, agosto de 1945, pp. 731/734.
- “Fronteiras Amazônicas”. In: *Amazônia Brasileira* Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 1944 — Pp. 186/206
- “Portas leste da Bolívia”. In: *Boletim Geográfico*, ano V, n.º 49, abril 1947. pp. 5/7
- MACEDO SOARES GUIMARÃES, F — “Território do Guaporé”. In: *Boletim Geográfico*, ano II, n.º 18, setembro de 1944, pp. 852/855
- MEDEIROS, R Máio de — *Recuperação econômica da Amazônia* 40 pp., 1945 — Rio de Janeiro
- MENDONÇA, Carlos A. de — “Importação e Exportação”. In: *Alto Madeira Pôto Velho* — 21/7/1951.
- “Lavoua e povoamento”. In: *Alto Madeira Pôto Velho* — 18/8/1951
- “Esboço histórico do forte do Príncipe da Beira”. In: *Revista Brasileira dos Municípios*, ano IV, n.º 13, janeiro-março de 1951, pp. 66/71
- MENDONÇA, Carlos A de — “Povoar a Amazônia — Eis o problema”. In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro (Separata).
- “Boniacha natural e sintética — Não há paridade entre produção e consumo”. In: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 2/11/1952
- MORTARA, G — “A população do território do Guaporé, nas suas novas fronteiras”. In: *Boletim Geográfico*, ano II, n.º 18, setembro de 1944, pp. 856 a 858
- NUNES, Osório — *Introdução ao Estudo da Amazônia Brasileira*, 222 pp., Rio de Janeiro, 1949.
- “O fracasso dos territórios”. In: *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro — 21/9/1952
- OLIVEIRA A. I. de — *Relatório da Comissão Brasileira junta à Missão Oficial Norte-Americana de Estudos do Valle do Amazonas* — 476 pp., 236 figs 1924, Rio de Janeiro
- OLIVEIRA, E. P de — *Geologia*. Anexo n.º 1 — Expedição científica Roosevelt-Rondon. Rio de Janeiro, 1915
- PINHEIRO, Cap. Manuel T da Costa — *Exploração do rio Jaci-Paraná* — 204 pp Publicação n.º 25 da Comissão da Linha Telegráfica Estratégica de Mato Grosso ao Amazonas (Comissão Rondon) — Rio de Janeiro, 1949.
- PRADO, Eduardo Bairos — *Eu vi o Amazonas* 475 pp. Conselho Nacional de Proteção aos Índios Publicação n.º 109 Rio de Janeiro, 1952
- RAJA GABAGLIA, F. A — “Aspectos gerais da fisiografia das regiões fronteiriças — As bacias do Juruá, do Purus e do Madeira”. In: *Boletim Geográfico*, ano IV, n.º 39, junho de 1946, pp. 306/311.
- RONDON, Cel. Friederico — “Aspectos geográficos do Alto Guaporé”. In: *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro — dezembro de 1951.
- SEABRA, A. N — “I Condições de povoamento e possibilidades de colonização dos municípios litorâneos e fronteiriços do país — II Região Norte”. In: *A Lavoua*, ano LVI, janeiro-fevereiro de 1952.
- SERRA, A e RATISBONNA, L. — “As ondas de frio na bacia Amazônica”. In: *Boletim Geográfico*, ano III, n.º 26, maio de 1945, pp. 172/206.

- SILVA, Moacir M. F. — “Os Territórios Federais”. In: *Boletim Geográfico*, ano I, n.º 10, janeiro de 1944, pp 34/47.
- “Geografia das fronteiras do Brasil” In: *Amazônia Brasileira* Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Rio de Janeiro, 1944 (pp 207/218).
- SILVA, Tenente O Félix Ferreira e — *Exploração e levantamento do rio Jamari*. Publicação n.º 57, anexo n.º 2 Comissão Rondon 27 pp., ilus, Rio de Janeiro 1920.
- SOUTO, Boemundo Álvares — *Elementos para a organização de uma monografia histórico-corográfica de Pôrto Velho*. (Inédito).
- TANAJURA, Dr J. Augusto — *Expedição de 1909* (Serviço Sanitário) — Comissão Rondon. Anexo n.º 6 — 50 pp., Rio de Janeiro s/dt
- Alguns Aspectos do Guaporé* — Ed. mimeografiada Pôrto Velho — 1949
- Anuário Estatístico do Brasil*, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ano XI, 569 pp., Rio de Janeiro, 1950
- Aumento da produção da borracha, In: *Boletim da Associação Comercial do Amazonas*, ano XI, n.º 125, dezembro de 1951. Pp 1/6
- Coderno D, da Inspetoria Regional de Estatística Municipal do Guaporé Pôrto Velho (Inédito).
- Censo Demográfico* (1º de julho de 1950) — Territórios Federais — 116 pp. (T F do Guaporé, pp 67/90) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro — 1952
- Construção de estrada de ferro em regiões insalubres*, (Documento oferecido a médicos e engenheiros do Brasil pela Brazil Railway Company), 145 pp Rio de Janeiro, 1913.
- Estatística das estradas de ferro do Brasil* — Principais dados relativos ao quinquênio 1947-1951 Departamento Nacional de Estradas de Ferro Rio de Janeiro, 1952.
- “Estrada de Ferro Madeira-Mamoré”, In: *A Engenharia*, Distrito Federal,, novembro de 1912.
- Informações sobre o território do Guaporé* — Serviço de Geografia e Estatística do Território Federal do Guaporé — Fevereiro de 1952 (Inédito).
- “Território do Guaporé”, In: *Resenha Econômica — Banco do Brasil* — ano III, n.º 7, julho de 1950, Rio de Janeiro. Pp. 73/91.

RÉSUMÉ

Le Territoire Fédéral du Guaporé créé en vertu de la Loi n.º 5 812, du 13 septembre 1943, est situé au Nord-Ouest de l'État de Mato Grosso et au Sud de l'État de l'Amazonie. Il a été par les aires qui ont été démembrées des États limitrophes et possède une superficie de 254 163 km². Le travail de l'auteur est présenté en deux parties: dans la première, il étudie le paysage physique du Territoire et dans la seconde, le paysage culturel, c'est à dire, humain et économique.

La description du paysage physique occupe deux longs chapitres intitulés: 1 — Morphologie et sols; 2 — Climat, végétation et hydrographie.

Le premier chapitre contient une étude générale de la morphologie du Territoire et l'auteur a suivi la division faite par le Professeur Fábio de Macedo Soares Guimarães, c'est à dire: A) La plaine amazonique, B) La partie Nord du plateau brésilien, C) La Plateau des Parecis, D) La vallée du Guaporé.

Chacune de ces régions possède ses caractères typiques. Dans la première, l'on trouve la prédominance des terrains terciaires de la plaine amazonique, que l'on appelle terres-fermes (terras-firmes). Dans la seconde, il y a une prédominance des terrains du substratum cristallin. Et quant au plateau des Parecis, il représente un relief résiduel, comme prolongement du grand plateau des États de Goiás et Mato Grosso. Finalement, la dernière région, celle de la vallée du Guaporé, comprend la vaste plaine alluviale de la rivière Guaporé proprement dite, ainsi que la région qui s'étend depuis la confluence de cette rivière avec le Mamoré jusqu'aux proximités de la ville de Guajará-Mirim.

Quant aux sols, l'auteur a à peine étudié l'état avancé de la latérisation qu'il rencontré en certaines régions, comme dans la ville de Pôrto Velho, Tanques et aux Km 9 et 33 de la route Pôrto Velho-Cuiabá, qui se trouve en construction. Il mentionne encore l'occurrence de latérites en certaines parties du chemin de fer Madeira-Mamoré.

Dans le second chapitre sont pris en considération les aspects physiques de la région-climat, végétation et hydrographie. Le climat est, d'une manière générale, chaud et humide, du type Amwi, suivant la classification de Köppen. Les données climatologiques ont été fournies par deux postes météorologiques: l'un situé dans la plaine amazonique — Pôrto Velho, et, l'autre, dans le haut plateau presque à la frontière avec l'État de Mato Grosso — Vilhena.

Du point de vue pluviométrique, on constate l'existence d'une période peu pluvieuse, ou même sèche, dans cette région. À Pôrto Velho la période pluvieuse dure trois mois et au poste de Vilhena, dans le haut plateau, il est de quatre mois. Les stations connues au Territoire sont: la station d'hiver, qui représente l'époque des pluies et la station d'été, qui correspond à l'époque sèche.

La végétation qui prédomine dans toute la région est constituée par la dense forêt, laquelle est substituée, dans les plateaux, par les “campos cerrados”. Quant à l'hydrographie, les rivières sont constantes pendant toute l'année, mais souffrent une diminution dans leur débit pendant la saison sèche. Les parties navigables des rivières ne sont pas très importantes, à cause des nombreuses chutes. Dans la rivière Madeira et son affluent Mamoré, par exemple, on trouve, entre Santo Antônio et Guajará-Mirim, dix-neuf chutes.

L'auteur termine la première partie de son étude en mettant en évidence la difficulté de faire la détermination de certains aspects du paysage physique, en vertu de la petite extension qu'il est possible de parcourir, à cause de la grande densité de la forêt et aussi par manque de données bibliographiques sur la région

Les aspects humains et économiques du Territoire sont étudiés dans les chapitres suivants:

1 — Peuplement et distribution de la population actuelle 2 — Aspects généraux de la colonisation Colonies agricoles: Candeias et Président Dutra (Iata) 4 — Aspects généraux de l'économie et des moyens de vie Problème du commerce: de l'importation et de la consommation des produits alimentaires 5 — Les moyens de transport Le chemin de fer Madeira-Mamoré

L'auteur, en commençant son étude sur le peuplement, rappelle le fait que le Territoire du Guaporé est resté dépeuplé pendant de longues années, au contraire de ce qui est arrivé avec les autres régions de l'État de Mato Grosso, où l'or a attiré les premiers habitants Le Guaporé a été recherché à la fin du siècle XIX, lors de l'apparition du "cycle du caoutchouc"

Le peuplement de cette région a subi une intensification au moment où l'extraction de l'or atteignit son apogée, entre 1908 et 1912 Ensuite, avec le déclin de l'exportation du caoutchouc, la région tomba dans l'abandon, jusqu'au moment où elle a été transformée en Territoire Fédéral, éprouvant ainsi un nouvel essor, ce qui apporta une relative amélioration de l'ambiance en provoquant l'assainissement des maisons au moyen de la dédétisation (DDT) et l'augmentation des horizons de travail

Quant à la distribution de la population, on observe d'une manière générale qu'elle se trouve être dispersée au long des rivières La dispersion et la raréfaction de la population, c'est à dire, la faible densité relative est une caractéristique de la population du Territoire Fédéral du Guaporé

Les deux centres plus importants de la population sont, sans aucun doute, les villes de Porto Velho, actuelle capitale du Territoire, et Guajará-Mirim, point terminal du chemin de fer Madeira-Mamoré

La colonisation est tentée en plusieurs régions et, actuellement, les deux colonies plus importantes sont Président Dutra (Iata) dans le municipe de Guajará-Mirim et de Candeias dans le municipe de Porto Velho

Le système agricole adopté dans tout le Territoire et dans les colonies officielles est celui des cultures progressives et de déchiffrements annuels

La production de ces colonies est représentée les produits suivants: manioc, riz, maïs, haricot et quelques fruits tels que: ananas, banane et orange

L'activité économique qui prédomine est celle de la cueillette du latex et, d'une manière secondaire, la cueillette de la châtaigne et de la ipecacuanha L'extraction du latex est faite seulement pendant la saison sèche et, pendant la saison d'hiver, c'est à dire, pendant la saison des pluies, les seringueiros sont obligés de rester inactifs. En outre des activités de cueillette il y a les employés du gouvernement du Territoire et du chemin de fer Madeira-Mamoré

Quant aux activités de la chasse et de la pêche, elles s'exercent, d'une manière générale, avec la seule finalité d'obtenir les aliments nécessaires à la subsistance Les activités de l'agriculture et de l'élevage sont très peu développées, on ne peut donc dire que peu de choses à ce sujet

L'état d'alimentation des habitants de la région n'est pas très satisfaisant En outre, la consommation habituelle d'aliments se réduit à la farine de manioc et à quelques céréales comme le riz et le haricot Il y a une petite consommation de viande, mais les seringueiros cherchent une compensation en pratiquant la chasse

La production agricole se réduit à peu de cultures: manioc, pomme de terre douce, maïs, riz et haricot Parmi les fruits on peut citer les oranges, les ananas, les bananes, etc Le volume de ces produits est entièrement insuffisant pour alimenter la population du Territoire, ce qui oblige les administrateurs à recourir à l'importation

Parmi les principaux produits d'exportation, outre le caoutchouc et la châtaigne, on peut citer les cuirs et les peaux des animaux sauvages comme caeté, cerf, once, crocodile, queixada (porc sauvage), capivara, ariranha, etc L'importation comprend outre les produits agricoles et de l'élevage, presque tous les produits manufacturés

La conséquence finale de ce type d'économie basé sur la cueillette des produits fournis par la forêt et l'abandon complet des activités agricoles et de l'élevage, est que le gouvernement se voit obligé de tout importer des autres régions du Brésil

Quant aux moyens de transport, le plus utilisé est sans aucun doute le transport fluvial, mais, dans le Territoire du Guaporé, il faut citer la grande importance que joue le chemin de fer qui lie la ville de Porto Velho, situé au bord de la rivière Madeira, à la ville de Guajará-Mirim, que se trouve à la frontière du Brésil avec la Bolivie

Les fonctions stratégiques de cette ligne de chemin de fer sont très importantes et en outre elle sert de porte de sortie pour la partie Est de la Bolivie

Quant aux transports terrestres, la route la plus importante et qui représentera un grand axe dans les liaisons du Territoire du Guaporé, sera celle qui fera la liaison de la Capitale du Territoire à la Capitale de l'État du Mato Grosso, et dans le futur à la Capitale du Territoire de l'Acre

Finalement, quant aux transports aériens, les deux plus grands centres d'agglomérations humaines — Porto Velho et Guajará-Mirim — sont liés avec facilité avec quelques villes du Brésil L'avion est aussi utilisé pour les communications à l'intérieur du Territoire vu la grande économie de temps qu'il proportionne

RESUMEN

Este artículo es un estudio acerca del Territorio Federal del Guaporé, instituido por el decreto-ley n.º 5 812 de 13 septiembre 1945, y situado a noroeste del Estado de Mato Grosso y al sur del Estado del Amazonas Su superficie fué formada por áreas sacadas de los Estados limitrofes

El trabajo está dividido en dos capítulos: 1) Morfología y suelos, y 2) Clima, vegetación e hidrografía

Bajo el punto de vista morfológico el Territorio, según el Prof Fabio de Macedo Soares Guimarães, comprende las siguientes regiones: — 1) Planicie amazónica; 2) Encosta setentrional del Planalto Brasileiro; 3) Chapada dos Parecis; 4) Valle del Guaporé

Estas regiones tienen caracteres propios En la primera se encuentran los terrenos terciarios de la planicie amazónica ("terras firmes"). La segunda es la región de los terrenos del embasamiento cristalino La "Chapada dos Parecis" es una continuación de la gran chapada existente en los Estados de Goiás y Mato Grosso

La región del valle del Guaporé comprende la extensa planicie aluvial del río Guaporé propiamente dicho y la región que se extiende de la confluencia de este río con el Mamoré, hasta a la ciudad de Guajará-Mirim.

En referencia a los suelos, se estudia el adelantado proceso de laterización en Pôrto Velho, Tanques y en los quilómetros 9 y 33 de la estrada Pôrto Velho-Cuiabá, en construcción. Se menciona también la ocurrencia de lateritos en algunas partes de la ferrovía Madeira-Mamoré.

El capítulo segundo trata del clima, vegetación e hidrografía. El clima de la región es generalmente caliente y húmedo del tipo Am Wi, según la clasificación de Köppen. Los datos climáticos fueron fornecidos por los puestos meteorológicos de Pôrto Velho y Vilhena, situado el primer en la planicie amazónica, y el otro casi en la frontera con el Estado de Mato Grosso.

Cuanto al régimen pluviométrico se observa la existencia de un periodo poco lluvioso o mismo seco, que es de tres meses en Pôrto Velho y de cuatro meses en la zona del alto "Chapadão".

Hay dos estaciones, la del invierno, de las lluvias, y la de verano, seca.

Predomina la vegetación de la foresta densa, pero en los "chapadões" existen campos cerrados. Los ríos durante la estación seca disminuyen de volumen. No ofrecen condiciones de navegabilidad en varios trechos, debido a la existencia de cascadas. El río Madeira y sus afluentes poseen 19 cascadas.

El estudio de los aspectos humanos y económicos del Territorio comprende los cinco capítulos siguientes titulados: 1 — Poblamiento y distribución de la población actual; 2 — Principales núcleos de población y sus funciones; 3 — Aspectos generales de la colonización. Colonias agrícolas: Candeias y Presidente Dutra (Iata); 4 — Aspectos generales de la economía y los medios de vida. Problemas del comercio importador y el consumo de productos alimentares; 5 — Los medios de transporte. La ferrovía Madeira-Mamoré.

Al tratar del poblamiento, el autor observa que la ocupación del Territorio del Guaporé tuvo inicio en los fines del siglo 19, con el "ciclo de la goma".

El poblamiento de la región fué intensificado entre los años de 1908 y 1912. Con el fracaso del comercio de la goma, la región fué abandonada y sólo con el establecimiento del Territorio Federal, sufrió nueva impulsión.

La población está distribuida a lo largo de los ríos. Su dispersión y la pequeña densidad relativa son sus características principales.

Los dos núcleos de población más importantes son indudablemente las ciudades de Pôrto Velho, capital del Territorio, y Guajará-Mirim, punto final de la ferrovía Madeira-Mamoré.

La colonización ha sido hecha en varios lugares. Las colonias más importantes son las de Presidente Dutra (Iata), situada en el municipio de Guajará-Mirim, y Candeias en el municipio de Pôrto Velho.

El sistema agrícola usado en todo el Territorio y en sus colonias oficiales es el de los cultivos itinerantes y quemadas anuales. Sus principales productos son la manioca, el arroz, el maíz, el habichuela y algunas frutas como el abacaxi, la banana y la naranja.

La actividad económica dominante es la extracción del caucho que se hace solamente durante la estación seca, no trabajando los caucheros durante el invierno que es la época de lluvias. Se cultivan también la castaña y la ipecacuana.

La caza y pesca son practicadas en pequeña escala y las actividades agio-pastoriles no tienen gran valor.

La situación de los habitantes en referencia a la alimentación es poco satisfactoria. Consiste en la harina de agua y cereales como el arroz y el habichuela.

Los productos agrícolas son la manioca, la batata, el maíz, el arroz, el habichuela y frutas como la naranja, el abacaxi, la banana.

La cantidad de esos productos es insuficiente para atender al abastecimiento del Territorio. Los principales productos exportables son la goma, la castaña, los cueros y pieles de animales silvestres.

Son importados los productos agio-pastoriles y casi todos los productos manufacturados debido al tipo de economía basada en la colecta de productos silvestres.

Cuanto a los medios de transporte, el más usado es el fluvial pero debe destacarse la importancia sobre todo estratégica de la ferrovía Madeira-Mamoré. Comienza en la ciudad de Pôrto Velho, en las márgenes del río Madeira, y alcanza la ciudad de Guajará-Mirim, ya en la frontera de Bolivia. Sirve también de puerta de salida del este boliviano.

Será de gran valor en el futuro la rodovia que establecerá ligación de la capital del Territorio con la capital del Estado de Mato Grosso y más tarde con la capital del Territorio del Acre.

Es utilizado el avión dentro del propio Territorio y en las comunicaciones de las dos más importantes ciudades (Pôrto Velho y Guajará-Mirim) con algunos centros del país.

SUMMARY

The Federal Territory of Guaporé was created by the Act number 5812 of September 13, 1943 and it is situated in the North East of the Mato Grosso State and the South of Amazonas. Its area is 254 163 km² and is principally composed of areas separated from the State of Mato Grosso and Amazonas.

The author divides his work in two parts. In the first part he studies the physical outlook of the Territory and in the second he studies the cultural outlook, that is the human-economical conditions.

He approaches the physical outlook in two long chapters entitled: 1 — Morphology and soils. 2 — Climate, vegetation, hydrography.

In the first chapter he presents a general study of the Territory's morphology, in accordance with the division made by Prof. Fábio de Macedo Soares Guimarães, that is: A) the flat land of Amazonas, B) northern slope of the Brazilian table-land, C) the Parecis table-land, D) the Guaporé valley.

Each of these regions has its own typical characteristics. In the first one, we find the predomination of the tertiary lands of the Amazonas flat land, those are called uplands. In the second we can find, we can observe the predomination of the soils with crystalline embasement. As to the region of the Parecis table-land, it represents a residual slope and the continuation of the great table-lands which is situated at the State of Goiás and Mato Grosso. Finally the last region of the Guaporé valley covers the vast alluvial flat-lands of the Guaporé River and also the region starts around the confluence of this river with the Mamoré River and continues until the neighborhood of the Guajará-Mirim City.

Regarding the soils the author studies only the advanced process of directing towards the side which he came across in certain zones, as in the City of Pôrto Velho, the City of Tanques and in the kms 9 and 33 of the Pôrto Velho-Cuiabá highway, which is under construction. Furthermore he also mentions the fact of toward the side directed land in certain cuts of the Madeira-Mamoré Railway.

In the second chapter the author considers some other aspects of physical geography, of the regional climate, vegetation, hydrography etc. In a general manner we may say that the dominating climate is the hot and humid type Am Wi, according to the classification of Köppen. The climate data were supplied by two meteorologic stations, situated at the Amazonas flat-land — Pôrto Velho — and the other at the top of the table-land, almost at the frontier of the Mato Grosso State — Vilhena.

From the pluviometrical point of view, we verify the existence of a period when the rain is too little, we may call it dry period. In Pôrto Velho the dry period lasts three months and at the Station of Vilhena at the top of the table-lands this period is a little bit longer, that is 4 months. The seasons known in the Territory are: *Winter* — season of the rains and *Summer* season when the weather is not rainy.

The vegetation which covers the greater part of this region is dense forest, which is substituted at the table-lands by the bush fields. Concerning hydrography we must state that the rivers keep flowing all year long through their waters get shallow and there is a certain decrease in their volume of the water, during the dry season. The rivers cannot be navigated in their most part, on account of the waterfalls. In the Madeira River and its branch river Mamoré, for example, in the segment from Santo Antônio until Guajará-Mirim, we come across nineteen water-falls.

Coming to the end of the first part the author stresses the difficulty in making a complete and more detailed study of some aspects of physical outlook, on account of the impossibility of visiting a great area because of the dense forest as well as the lack of bibliographic data of the region.

The human-economical aspects of the Territory are studied in the chapter to follow:

1 — Population and its present distribution 2 — Principal population concentration centers and their functions 3 — General aspects of colonization. Agricultural Colonies of Candeias and Presidente Dutra (Iata) 4 — General economical aspects and the means of living, business, problems of importation and the consumption of food stuff 5 — Means of transportation — The Madeira-Mamoré Railway.

The author begins his study about the population trying to draw the attention to the fact that the area presently covered by the Guaporé Territory, for many years has remained almost entirely deserted, on the contrary of what happened with the other zones of the Mato Grosso State where gold mining attracted the first settlers, Guaporé came to draw the attention only in the 19th century with the rubber exploitation.

The population of the region was intensified during the golden age of rubber that is between the years 1908 and 1912. Afterwards with the decline of the rubber the region was left deserted until its transformation into a Federal Territory. This event gave a new impulse, introducing partial improvements of the environment, such as the improvement of the conditions of health, regions were made salubrious by desinfection of the houses and the opening of new horizons for labor.

Concerning the distribution of the population, it is observed that in a general manner, it is spread along the rivers.

The spreading of the population and its rarefaction, that is the relative low density, are the outstanding characteristics of the population of Guaporé.

The two most important population centers are undoubtedly the Cities of Pôrto Velho — present capital of the Territory — and Guajará-Mirim, final station of the Madeira-Mamoré Railway. The colonization of this region has been tried in various points and at present the most important settlements are the one called Settlement of Presidente Dutra at the Community of Guajará-Mirim and the Settlement of Candeias at the community of Pôrto Velho. The agricultural system in the whole Territory and the official settlements is of a year yes a year no system that is, they cultivate the same piece of land every other year, and of the annual burnings.

The production of those colonies can be outlined in the following products: mandioca, rice, corn, beans, and some fruits such as pine apples, bananas and oranges.

The main economical activity is the latex production and the harvest of chestnuts and *ipecacuanha*. The extraction of latex takes place only during the dry season. The *seringueiros* (latex field workers) have to wait inactive during the season of rains — the winter. Besides the latex workers we find in this Territory government officials and also the Madeira-Mamoré Railway Co employees.

As to the activities of hunting and fishing, in general they are practised to supply the living that is fresh meat and fish. The agricultural and breeding activities are not developed, so we can speak but very little of the mean of living.

The nutritional state of the population is not very good. Their menu is restricted to some products, mainly to the wide consumption of a flour called *farinha d'água* and some others such as rice, beans etc. Beef has but a small consumption, however in the rubber plantations the caboclos try to complete their daily food with the meat of hunted animals.

The agricultural production can be resumed to few products such as: mandioca, sweet potatoes, corn, rice, and beans. Among the fruits we have: oranges, pine apples, bananas etc. The quantity of those products is not sufficient to maintain the population of the Territory, obliging the administrators of this region to import these products from the other states of Brazil.

The main export products of this region are: rubber, chestnuts further, we can classify leather and skins of savage animals such as *caetetu* (sort of savage hog), deer, alligators, *queizada* (savage hog), *capivara*, *ariranha* etc. To the imported products besides the food stuff we can mention all the manufactured or industrial products.

The final consequence of this kind of economy based on the harvesting of the savage products, supplied by the forest, is the complete leave aside of the agro-pastoral activities and the government is forced to import almost everything from other states of Brazil.

As to the means of transportation, the one most widely used in this region is undoubtedly the fluvial way, however, we cannot omit to point out that in the Territory of Guaporé the importance of the Madeira-Mamoré Railway, which starting from the City of Pôrto Velho at the banks of Madeira River and ends at the Bolivian Frontier in the City of Guajará-Mirim.

The military utilities of this railway are of great importance and furthermore it is a gate out to the Bolivian East.

As to the highway transportation, the most important highway which plays the role of a link between the various parts of the Territory of Guaporé this same highway will join the capital of this Territory to the state of Mato Grosso and later on to the capital of the Territory of Acre.

Finally concerning the air transportation, the two bigger crowded cities (Pôrto Velho and Guajará-Mirim) are easily linked with some centers of Brazil. Also in the internal transportation the use of planes is indispensable because of the great saving of time.

ZUSAMMENFASSUNG

Das *Territorio Federal do Guaporé* wurde durch das *Decreto-lei* n° 5 812 von 13 September 1943 gegründet und liegt nordwestlich des Staates von Mato Grosso und südlich des Staates von Amazonas. Seine 254 163 Km² grosse Oberfläche wurde diesen beiden Nachbarstaaten entnommen. Der Verfasser teilt seine Arbeit in zwei Abteilungen: in der ersten wird die Naturlandschaft des Territoriums untersucht und in der zweiten dessen Kulturlandschaft.

Die Naturlandschaft wird in zwei lange Kapitel untersucht: 1 — Morphologie und Boden, und 2 — Klima, Pflanzendecke und Hydrographie.

Das erste Kapitel besteht aus einer allgemeinen Betrachtung der Oberflächengestaltung des Gebietes und zwar nach der Einteilung von Prof. Fabio de Macedo Soares Guimarães: A) Amazonische Ebene; B) Septentrionaler Hang des Brasilianischen Hochplateaus; C) Chapada dos Parecis; und D) Guaporé-Tal.

Jedes dieser Gebiete hat typische Merkmale. In dem ersten werden mit Oberhand die tertiären Gelände der Amazonas-Ebene, die sogenannten "terras-firmes" angetroffen. In der zweiten sind die Gelände des kristallinen Grundschildes festzustellen. Das Gebiet der *Chapada dos Parecis* ist eine residuelle Oberflächengestaltung und besteht aus einer Verlängerung der Hochflächen von *Goiás* und *Mato Grosso*. Schliesslich umfasst das letzte Gebiet, das Tal vom Guaporé, eine ausgedehnte alluviale Ebene der Talsohle selbst und auch das Gebiet, das sich vom Zusammenfluss desselben mit dem *Mamoré* bis der Umgebung der Stadt Guajará-Mirim befindet.

Was den Böden beansprucht untersucht der Verfasser nur den Laterizationsprozess den er in einigen Zonen wie an der Stadt Porto Velho, Tanques und am Kilometer 9 und 33 der Fahrstrasse Porto Velho-Cuiabá (in Bau) antrifft. Er erwähnt weiter das Vorkommen der Laterization an einigen Stellen der Eisenbahnlinie Madeira-Mamoré.

Im zweiten Kapitel betrachtet der Verfasser andere Zweige der physischen Geographie des Gebietes: Klima, Pflanzendecke und Hydrographie. Im allgemeinen ist das Klima warm und feucht und entspricht dem Typ Am W1 der Einteilung von Köppen. Die klimatischen Messungen wurden zwei meteorologischen Posten entnommen: — einer in der amazonischen Tiefebene (Porto Velho) und der zweite auf dem Hochplateau beinahe an der Grenze mit Mato Grosso (Vilhena).

Die Niederschlagsverteilung zeigt die Anwesenheit einer Regenarme- oder sogar Trockenperiode in diesem Gebiet. In Porto Velho ist die Trockenzeit von drei Monate und in Vilhena auf dem Hochplateau ein wenig länger, und zwar von vier Monate. Die Bewohner unterscheiden eine Winterzeit, die der Regenperiode entspricht und eine Sommerzeit die der trockenen Periode entspricht.

Dichte Regenwälder werden mit Ausnahme der Hochplateaus, die mit Savanen (campos cerrados) bekleidet sind, überall angetroffen. Was der Hydrographie anspricht ist zu betrachten dass die Flüsse jahrdurch fließen obwohl während der Trockenzeit die Wassermenge sehr abnimmt. Die Flüsse sind nur in kurzen Strecken schiffbar in Ursache der Anwesenheit von Wasserfällen. Am Madeira z.B. und längs seines Nebenflusses Mamoré an der Strecke von Santo Antonio bis Guajará-Mirim werden 19 Wasserfälle angetroffen.

Als Schluss des ersten Teiles betont der Verfasser die Schwierigkeit genauere Untersuchungen über verschiedene Erscheinungen der Naturlandschaft auszuführen da nur ein kleiner Teil des Gebietes bereist wurde und der dichte Regenwald die freie Bewegung verhindert. Ausserdem ist die Bibliographie über dieses Gebiet sehr arm.

Die Kulturlandschaft des Gebietes wird in folgenden Kapiteln betrachtet:

1 — Die Besiedlung und die Verteilung der anwesenden Bevölkerung des Gebietes. 2 — Wichtigste Bevölkerungszentrum und ihre Funktion. 3 — Allgemeine Betrachtungen über die Kolonization. Landwirtschaftliche Kolonien Candeias und Presidente Dutra (Iata). 4 — Allgemeine Betrachtungen über die Wirtschaft und Lebensweise. Probleme des Einfuhrhandels und der Verbrauch von Lebensmitteln. 5 — Die Transportmöglichkeiten. Die Madeira-Mamoré Eisenbahn.

Der Verfasser beginnt die Untersuchung des Besiedlungsverlaufes indem er darauf aufmerksam macht dass das Gebiet das heute dem Territorio do Guaporé entspricht lange Jahre lang ueberhaupt unbewohnt blieb im Gegenteil der anderen Gebiete des Staates Mato Grosso, in denen die Anwesenheit von Gold die ersten Bewohner anzog. Guaporé wurde erst am Ende des 20. Jahrhunderts aufgesucht und zwar als die intensive Kautschukerzeugung begann.

Die Besiedlung dieses Gebietes erlitt ihren Höhepunkt während der grössten Aufsuche von Kautschuk und zwar zwischen 1908 und 1912. Mit den Rückgang des Kautschukhandels wurde das Gebiet wieder verlassen um erst wieder neuen Aufschwung zu bekommen als es als Bundesterritorium anerkannt wurde. Dadurch wurden verschiedene Besserungen unternommen und die Arbeitsmöglichkeiten weit ausgedehnt.

Die Bevölkerung ist im allgemeinen längs der Flüsse zerstreut. Diese Zerstreuung und die Geinheit der Bevölkerung, das heisst, die schwache relative Dichtigkeit derselben sind die Merkmale der Bevölkerung von Guaporé.

Zwei wichtige Bevölkerungsknoten sind zu erwähnen: Porto Velho die Hauptstadt des Territorio und Guajará-Mirim Endpunkt der Eisenbahnlinie Madeira-Mamoré.

Die Kolonization wurde in verschiedene Stellen versucht und heute sind Presidente Dutra (Iata) im Munizip Guajará-Mirim und Candeias im Munizip Porto Velho die zwei wichtigsten Kolonien.

Die landwirtschaftliche Arbeitsmethode im ganzen Gebiet, einschliesslich auf den offiziellen Kolonien ist die Raubwirtschaft mit jährlichen Waldbrand.

Die Produktion dieser Kolonien beschränkt sich auf folgende Produkte: Mandioca, Reiss, Mais, Hohnen und einige Früchte wie Ananas, Bananen und Apfelsinen.

Die wichtigste wirtschaftliche Betätigung ist die Sammelwirtschaft von Kautschuk und, nebenbei, auch von Kastanien und Ipecacuanha. Die Abzapfung der Gummibäume geschieht nur während der Trockenzeit und im Winter, d.h., während der Regenzeit bleiben die Gummisammler arbeitslos. Ausser der Sammelwirtschaft besteht noch die Möglichkeit als Regierungsangestellter oder auf der Eisenbahn Madeira-Mamoré zu arbeiten.

Jagd und Fischfang werden überall aber nur zur eigenen Versorgung ausgeübt. Die Viehzucht ist sehr beschränkt und kann überhaupt nicht als Lebensweise betrachtet werden.

Des Ernährungszustand der Bevölkerung ist nicht zufriedenstellend. Der Haushalt mangelt an einige Produkte und die Ernährung ruht hauptsächlich auf Mandiocamehl und einige Getreide, mit Vorzug Reis und Bohnen. Rinderfleisch wird kaum eingenommen aber den Eingeborenen besteht die Möglichkeit der täglichen Fleischversorgung durch die Jagd.

Die landwirtschaftlichen Erzeugnisse beschränken sich auf wenige Produkte und zwar: Mandioca, Süsskartoffeln, Mais, Reis und Bohnen. Als Früchte können Apfelsinen, Agnanas, Bananen

usw erwähnt werden. Die Gesamtterzeugung des ganzen Gebietes ist ungenügend zur Versorgung der Bevölkerung so dass die Verwaltung diesen Mangel durch den Einfuhr aus anderen Gebieten ausgleichen muss

Die wichtigsten Exportprodukte ausser Kautschuk und Kastanien sind Häuter und Felle von Wildtiere wie Wildschweine, Hirsche, Wildkatzen, Kalman, Wasserschweine, Ariranha usw. Der Einfuhr besteht hauptsächlich aus Lebensmitteln und verarbeitete Produkte

Dieser Haushalt, ausschliesslich auf der Sammelwirtschaft begründet mit gänzlicher Hinterlassung der landwirtschaftlichen Betriebe hat als Ursache dass die Verwaltung alle Lebensmittel aus anderen Gebieten einführen muss.

Der Flusstransport ist im ganzen Gebiet unbestreitbar der weitverbreiteste obwohl die Wichtigkeit der Madeira-Mamoré Eisenbahn nicht zu unterschätzen sei. Diese verbindet die Stadt Porto Velho am Ufer des Madeira mit Guajará-Mirim an der Grenze mit Bolivien.

Der Transport durch Landstrassen wird in der zukünftlichen Hauptverbindungsachse die die Hauptstadt mit Mato Grosso und später mit dem Territorio do Acre verbinden wird, grossen Einfluss ausüben

Die Luftwege ermöglichen den zwei grossten Bevoelkerungsknoten (Porto Velho und Guajará-Mirim) eine leichte Verbindung mit einigen anderen Städten Brasiliens. Auch im Innenverkehr ist das Pflugzeug ein unentbehrliches Verbindungsmittel dass grossen Zeitersparniss ermöglicht

RESUMO

La Federacia Teritorio Guaporé, kreita per la Dekreto-Leĝo N 5 812, de la 13-a de Septembro 1943, situacias nordoriente de ŝtato Mato Grosso kaj sude de ŝtato Amazonas. Ĝia surfaco de 254 163 km² estis konsistigita per areoj dismembrigataj el tiuj nimnajbaraj ŝtatoj. La aŭtoro dividas sian verkaron en du partojn: en la unua li studas la fizikan pejzaĝon de la Teritorio, kaj en la dua, la pejzaĝon kulturen, tio estas homan-ekonomian.

Li pritraktas la fizikan pejzaĝon en du longaj ĉapitroj titolitaj: 1 — Morfologio kaj grundoj 2 — Klimato, vegetaĵaro kaj hidrografio.

En la unua ĉapitro li prezentas ĝeneraligitan studon pri la morfologio de la Teritorio, laŭ divido farita de Prof. Fábio de Macedo Soares Guimarães, nome: A) amazonia ebenaĵo, B) norda deklivo de la brazila altebenaĵo, C) plataĵo Parecis, D) valo de la rivero Guaporé.

Ĉiu el tiuj regionoj havas siajn tipajn karakterojn. En la unua troviĝas la superregado de la terciaraj terenoj de la amazonia ebenaĵo, la tiel nomataj *firmaj teroj* ĝen la dua okazas la superregado de la terenoj de la kristaleca baziĝo. La regiono de la plataĵo Parecis reprezentas restantan reliefon kaj la daŭrigon de la granda plataĵo, kiuj troviĝas en ŝtatoj Goiás kaj Mato Grosso. Fine la lasta regiono de la valo de la rivero Guaporé enspacas la vastan aluvian ebenaĵon de la rivero Guaporé ĝuste nomita, kaj ankaŭ la regionon, kiu troviĝas de la kunfluejo de tiu rivero kun la rivero Mamoré ĝis proksime de urbo Guajará-Mirim.

Rilate la grundojn la aŭtoro nur studas la progresintan proceson de la laterigo, kiun li trovis en certaj zonoj, kiel en urbo Porto Velho, en Tanques kaj ĉe la kilometro 9 kaj 33 de la ŝoseo Porto Velho-Cuiabá, nun konstruata. Li citas ankaŭ la ekziston de lateritoj en certaj pecoj de la fervojo Madeira-Mamoré.

En la dua ĉapitro li konsideras aliajn aspektojn de la fizika geografio de la regiono — klimato, vegetaĵaro kaj hidrografio. En ĝenerala maniero la klimato reganta en la regiono estas varma kaj malseka, de la tipo Am Wi, laŭ la klasifiko de Köppen. La klimataj donitaĵoj estis liveritaj de du meteorologiaj postenoj, unu situanta sur la amazonia ebenaĵo — Porto Velho, la alia sur la supro de la altebenaĵo, preskaŭ sur la limo kun ŝtato Mato Grosso — Vilhena.

El la pluvomezura vidpunkto oni konstatas la ekzistadon de iu periodo malmulte pluvema, aŭ eĉ seka, en tiu regiono. En Porto Velho la seka periodo daŭras tri monatojn, kaj ĉe la posteno de Vilhena, sur la alta plataĵo, ĝi estas iom pli granda, tio estas ŝarmonata. La sezonoj konataj en la Teritorio estas la *vintra sezono* — epoko de la pluvoj, kaj la *somera sezono* — epoko de la sekvetero.

La vegetaĵaro superreganta en la tuta regiono estas tiu de la densa arbaro, kiu sur la plataĵoj estas anstataŭigata de la arbkovritaj kampoj. Koncerne la hidrografion, la riveroj estas ĉiamaj dum la tuta jaro, sed elportas grandan malkreskon en la volumeno de la akvoj okaze de la sekvetero. La riveroj ne estas navigacieblaj en longaj trafulejoj kaŭze de la akvofaloj. Ĉe la rivero Madeira kaj ĉe ĝia alfluanto Mamoré, ekzemple, en la peco inter Santo Antônio kaj Guajará-Mirim troviĝas 19 akvofaloj.

La aŭtoro finas tiun unuan parton akcentante la malfacilecon fari pli detalan studon pri certaj aspektoj de la fizika pejzaĝo pro la nesufiĉe granda areo, kiun li povis trakti kaŭze de la densa arbara kovraĵo same kiel pro la manko de bibliografiaj donitaĵoj pri la regiono.

La homaj-ekonomiaj aspektoj de la Teritorio estas studitaj en la sekvantaj ĉapitroj:

1 — Loĝatigo kaj distribuado de la nuna loĝantaro 2 — Ĉefaj centroj de loĝantaro kaj iliaj funkcioj 3 — Ĝeneralaj aspektoj de la koloniigo. Terkultura kolonioj: Candeias kaj Presidente Dutra (Iata) 4 — Ĝeneralaj aspektoj de la ekonomio kaj vivrimedoj. Promenoj de la komerco de importado kaj la konsumo de nutraj produktoj 5 — La transportrimedoj. La fervojo Madeira-Mamoré.

La aŭtoro komencas sian studon pri la loĝatigo atentigante al la fakto, ke la areo nun okupata de Teritorio Guaporé restis dum multaj jaroj preskaŭ tute neloĝantigita kontraŭe al tio, kio okazis pri aliaj zonoj de ŝtato Mato Grosso, kiam la oro altiris la unuajn loĝantojn. Guaporé estis serĉata nur ĉe la fino de la XIX-a jarcento, samtempe kun la apero de la "ciklo de la kaŭĉuko".

La loĝatigo de la regiono estis intensigita en la ora periodo de tiu ciklo, tio estas inter la jaroj 1908 kaj 1912. Poste, kun la defalo de la kaŭĉuko denove la regiono restis malzorgata, ĝis en 1943 tiu areo estis ŝanĝita al Federacia Teritorio, tiel elportante novan impulson kaj obligante plibonigojn (relativajn) de la medio, kiaj la sanigado farita per la "dedetigo" de la domoj kaj la pligrandigo de aliaj kampoj de laboro.

Rilate la distribuon de la loĝantaro oni konstatas, ke en ĝenerala maniero ĉi tiu estas dismetita laŭlonge de la riveroj. Cetere la dissemiĝo de la loĝantaro kaj ĝia maldenseco, tio estas, la malalta relativa denseco estas karakterizaj trajtoj de la Guaporé-a loĝantaro.

La du pli gravaj loĝantaraj centroj estas sendube la urboj Porto Velho, nuna ĉefurbo de la Teritorio, kaj Guajará-Mirim, fina punkto de la fervojo Madeira-Mamoré.

La koloniigo estas tentita en diversaj areoj, kaj nun la du plej gravaj kolonioj estas Presidente Dutra (Iata) en la komunumo Guajará-Mirim kaj Candeias en la komunumo Porto Velho.

La terkultura sistemo uzata en la tuta Teritorio kaj en la oficialaj kolonioj estas tiu de la vojirantaj kulturoj kaj de ĉiujaraj bruladoj.

La produktado de tiuj kolonioj povas esti resumata en jenaj produktoj: manioko, rizo, maizo, fazeolo kaj kelkaj fruktoj, kiaj ananaso, banano kaj orango.

La superreganta ekonomia aktiveco estas la rikolto de kaŭĉuko-suko kaj due tiu de la brazila nukso kaj de la ipekakuano. La ekstratado de la suko estas farata nur en la seka sezono; kaj en la vintra sezono, tio estas, la epoko de la pluvoj, la kaŭĉukokulturistoj estas devigataj resti neaktivaj. Krom la aktivaĵoj de rikolto estas la salajrataj okupoj de la registaraĵ oficistoj de la Teritorio kaj ankaŭ de la fervojo Madeira-Mamoré.

Rilate la aktivaĵojn de ĉasado kaj fiŝkaptado, ili estas praktikataj ĝenerale, nur por provizi al la nutrado, tio estas, al la havigo de freŝa karno kaj fiŝo. La bestokulturaj aktivaĵoj estas malmulte elvoviĝintaj, tiamaniere ke oni tre malmulte povas paroli pri tiu vivrimedo.

La nutra stato de la loĝantoj ne estas tute bona. Krome la dieto estas limigata al kielaj malmultaj produktoj: superregas la konsumo de la akvofaruno kaj kelkaj grenoj, kiaj rizo kaj fazeolo. La brutarkarno estas malmulte konsumata, sed en la kaŭĉukarbaroj la enlanduloj penas kompletigi la ĉiutagan nutraĵon per la ĉasbestkarno.

La terkultura produktado estas resumata en malmultaj produktoj, kiaj manloko, batato, maizo, rizo kaj fazeolo. Inter la fruktoj ni provas citi la oranĝojn, la ananasojn, la bananaĵojn, k. t. p. La kvanto de tiuj produktoj estas tute nesufiĉa por provizi la loĝantaron de la Teritorio, ŭio devigas la administrantoj de la regiono uzi la importadon.

Inter la ĉefaj produktoj de eksportado, krom la kaŭĉuko kaj la brazila nukso, distingiĝas la ledoj kaj feloj de sovaĝaj bestoj, kiaj kajtetuo, cervo, oncao, algatoro, apro, kapivaroj, ariranjio, k. t. p. Kaj rilate la importadon, krom la terkulturaj produktoj, la preskaŭ tutecon de la manufakturitaj produktoj.

La fina konsekvenco de tiu tipo de ekonomio bazita sur la rikolto de senkulturaj produktoj liveritaj de la arbaro kaj sur la kompleta forlaso de la bestokulturaj aktivaĵoj estas tio, ke la registaro troviĝas devigata importi ĉion, el aliaj areoj de Brazilo.

Pir la transportrimedoj la plej uzata en la tura regiono estas sendube la riveran, sed oni ne povas ne citi pri la Teritorio Guaporé la gravecon de la fervojo Madeira-Mamoré, kiu, komenciĝante el urbo Ponto Velho ĉe la bordoj de la rivero Madeiar, atingas urbon Guajará-Mirim, jam sur la bolivia limo.

La strategiaj funkcioj de tiu fervojo estas tre gravaj, kaj krome ĝi servas kiel elirejo el la bolivia oriento.

Koncerne la ŝoseajn transportojn la ŝoseo plej grava kaj kiu estos granda akso ĉe la kunligoj de la Teritorio Guaporé, estos tiu, kiu ligos la ĉefurbon de tiu Teritorio kun la ĉefurbo de ŝtato Mato Grosso, kaj poste kun la ĉefurbo de Teritorio Acre.

Fine, pri la aertransportoj la du pli grandaj homaj centroj (Porto Velho kaj Guajará-Mirim) estas facile ligitaj kun kelkaj aliaj brazilaj centroj. Ankaŭ ĉe la internaj kunligoj la uzo de la aviadilo estas nepre necesa pro la tempoŝparo, kiun ĝi ebligas.